

ALY MARTINEZ

Autora best-seller do USA Today

A VERDADE SOBRE NÓS





TABLE OF CONTENTS

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Epílogo](#)

[AllBook Editora](#)

A ALY MARTINEZ
VERDADE
SOBRE
NÓS

TRADUÇÃO:
CLARA TAVEIRA

1ª EDIÇÃO – 2023
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK
EDITORA

Todos os direitos reservados
Copyright © 2023 by AllBook Editora.

Direção Editorial: Beatriz Soares

Tradução: Clara Taveira

Preparação e Revisão: AllBook Editora e Raphael Pellegrini

Capa: Rebecca Barboza

Diagramação e produção digital: [\[Saavedra Edições\]](#)

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

**CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
MERI GLEICE RODRIGUES DE SOUZA - BIBLIOTECÁRIA - CRB-7/6439**

M337v

Martinez, Aly

A verdade sobre nós [recurso eletrônico] / Aly Martinez ; tradução Clara Taveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2023

Recurso digital (A verdade ; 2))

--	--

Tradução de: The truth about us

Sequência de: A verdade sobre mentiras

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-80455-66-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Taveira, Clara. II. Título. III. Série.

--	--

23-83746

CDD: 813
CDU: 82-3(73)



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com
[HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM](https://allbookeditora.com)



SUMÁRIO

[CAPA](#)

[FOLHA DE ROSTO](#)

[CRÉDITOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

CAPÍTULO 22
EPÍLOGO
ALLBOOK EDITORA



PRÓLOGO

Penn

Um minuto antes de perdê-la...

Um quarto de hotel. Era onde eu deixaria Cora.

A porra de um quarto de hotel, com um carpete vagabundo que me arrepiou todo. Claro, era um lugar bacana, com segurança em tempo integral, além disso garanti que ficássemos no último andar, mas a ideia de deixá-la em um maldito quarto de hotel tinha transformado meu sangue em lodo purinho.

Era a única maneira. Eu precisava dela fora daquele prédio por uma noite – e, em seguida, para sempre.

Olhei para a lateral de seu rosto, seus lábios entreabertos, sonolenta, e gravei cada ângulo na memória. Sua pele lisa, seus longos cílios, até mesmo aquela pequena verruga abaixo de seu lábio.

Tudo isso era meu.

Ela era minha.

E para salvá-la, tive de ficar longe dela.

Eu poderia dar a ela dinheiro. Eu tinha o suficiente. Mas enquanto os irmãos Guerrero ainda respirassem o mesmo oxigênio que todos nós, ela nunca estaria livre.

Eles iriam encontrá-la, manipulá-la, puni-la, e eu não tinha nenhuma dúvida de que acabariam a matando.

Eu indo atrás de vingança por uma mulher que eu amava, mas não tinha sido capaz de salvar, mostrava o quanto o ciclo se repetia.

Todos nós fazemos escolhas na vida.

Eu poderia ter ficado.

Eu poderia ter ficado com a Cora.

Eu poderia ter levado River e ela embora, as deixado em uma casa chique com segurança particular, mas elas sempre estariam em alerta.

Isso não seria liberdade. Seria deslocar as duas de uma prisão para outra.

E não teria resolvido *nada*.

Thomas Lyons, o mesmo homem que ordenou a morte da minha esposa, fazia parte do mundo de Cora. Pelo que pude perceber, ela estava

ajudando sua esposa, Catalina, e sua filha, Isabel, a se esconderem dele. Um dia, ele descobriria e viria atrás de Cora também.

Meus mundos todos sangraram juntos, e Thomas, o amado promotor público da cidade, com sua ficha limpa, foi a causa da ferida.

Então, no final das contas, eu não tinha escolha.

A única coisa que eu podia fazer era manter o sangue longe das *suas* mãos.

Mesmo que isso significasse esfaquear a mim mesmo, bem no coração, e desaparecer completamente de sua vida.

Ela ficaria bem.

Ela se recuperaria, seguiria em frente, caminharia com sua própria vida.

Eu, não. Nunca. Mas eu poderia pelo menos descansar à noite, sabendo que ela estava dormindo em segurança sob as estrelas.

Uma respiração de cada vez.

Fechei os olhos, dei um beijo em sua testa e depois respirei fundo, inalando tudo o que podia de Cora Guerrero.

Sua risada.

Seu sorriso.

Seu coração bondoso.

Sua natureza altruísta.

O jeito como amava.

O jeito como ela se entregava.

O jeito como me trouxe de volta à vida.

— Verdade — eu sussurrei contra sua têmpora. — Eu te amo.

Ela não se mexeu enquanto eu me arrastava para fora da cama.

Ela não se mexeu enquanto eu travava uma guerra com meu corpo, para forçar minhas pernas a me levarem para longe dela.

E ela não se mexeu quando as chamas do inferno finalmente me devoraram ao chegar no corredor e silenciosamente fechar a porta.

— Pronto? — perguntou Drew.

Eu mandei uma mensagem para ele assim que a respiração dela se acalmou. Só que eu provavelmente o deixei esperando mais do que deveria.

Cerrei os dentes para conter a emoção.

— Jure para mim que você vai cuidar dela.

Seus ferozes olhos castanhos encontraram os meus olhos azuis.

— Jure para *mim* que você vai matar aqueles filhos da puta e depois voltar vivo.

Estendi a mão em sua direção.

— Feito.

Ele sorriu, chocando a palma contra a minha.

— Então você tem minha palavra.

Caminhamos em direção ao elevador, meu corpo inteiro gritando por a deixar. Eu sabia que estava errado no minuto em que decidi fazer aquilo tudo. Mas não tive opção.

— Eu não me sinto bem em deixá-la pensar que roubei o dinheiro — eu disse a ele.

Sua mão agarrou meu bíceps, me parando no meio do caminho.

— Você *precisa* fazer isso. Ouviu? Você não pode ser mais um homem pelo qual ela vai passar treze anos sentindo falta. Você pega o dinheiro dela, coloca na sua caixa de ferramentas e faz parecer que Dante e Marcos apareceram quando você estava fugindo com ele.

— Ela não vai acreditar nisso, Drew. Ela vai perceber que é mentira.

Ele deu um passo na minha frente, as sobrancelhas franzidas, e apontou o dedo no meu peito.

— Então *faça* com que ela acredite. Eu ajudo como posso, planto a semente da dúvida da melhor maneira possível, isso se ela não chegar à conclusão por conta própria, mas não vou passar os próximos seis meses consolando uma mulher que pensa que seu pobre e doce namorado foi incendiado enquanto tentava proteger sua honra. Ela não vai se recuperar disso, Penn. Ela vai passar o resto da vida se culpando por ter matado um homem inocente, e você sabe disso. — Ele cutucou meu peito, pontuando cada frase. — Seja o vilão da história. Faça a fama. Deixe a garota puta da vida. Quebre a porra do coração dela. E a ajude a te superar.

O problema era que eu não *queria* que ela me superasse. Mas eu não podia levá-la comigo. Por uma infinidade de razões, eu precisava criar a maior distância possível entre Cora Guerrero e Thomas Lyons. A maior das razões é que, se e quando a relação de minha verdadeira identidade com Penn Walker viesse à tona, ela seria seu próximo alvo ou uma suspeita em seu assassinato. Até aquele momento, eu, Shane Pennington, estava livre e inocente. Aquelas centenas de milhares de dólares que gastei comprando uma nova identidade valeram a pena. Pelo bem dela, eu precisava manter as coisas daquele jeito. Mas não podia ir embora até ter certeza de que ela estava tão afastada de toda essa história quanto fosse possível.

Ou, como as coisas andaram, o mais afastada que *Drew* pudesse garantir que ela ficasse.

Eu dei nele uma ombrada antes de marchar para o elevador e apertar o botão.

Drew ainda não havia terminado sua palestra.

— Juro por Deus, se você tentar se desviar do plano, eu vou atrás de você e te mato. Você não é mais o mocinho. Ela vai ficar arrasada quando você morrer, mas se te odiar, o processo será mais fácil. Ela sabe como lidar com situações fodidas assim, Penn.

— Mas é esse o ponto. Ela só lida com isso. Merda, merda e mais merda. E agora vou lá e adiciono mais merda ainda à pilha.

De repente, ele parou bem na minha frente.

— Eu não estarei presente para salvar teu rabo se isso der errado. Você pega o dinheiro, coloca na sua caixa de ferramentas e depois deixa no banco da caminhonete. Os policiais não vão revistar a caminhonete, já que está em meu nome, mas se o fizerem, vou apresentar registros bancários mostrando que Shane Pennington fez um empréstimo ao seu melhor amigo que acabou de sair da prisão. Cora não precisa saber disso. E se ela descobrir, vou mentir e dizer que foi o meu dinheiro que pegou fogo. Pensamos em todos os ângulos possíveis para garantir o menor risco para ela. Não foge do combinado logo agora. Este não é um daqueles momentos em que você pode ser espontâneo. Para com essa obsessão com uma merda que você não pode mudar e se concentra em sobreviver. Derrubar não um, mas dois caras da família Guerreiro não será fácil.

Meus ossos doíam como se estivessem sendo partidos em dois.

— Juro, será mais fácil do que deixá-la.

— Provavelmente. Mas eu prefiro ouvir você chorando por causa de mulher do que ter que ir ao teu enterro. Então vou repetir: *foco*. Vai ter tempo de sobra para lamentações mais tarde.

Fiz cara feia para ele, mas a leveza em seu tom começou a aliviar a pressão no meu peito.

— Certo.

— Enfim, tem certeza que não posso ir com você? Estou louco para fazer churrasco do Dante há um bom tempo.

O elevador apitou.

— Não. Você fica com ela. Se algo realmente acontecer comigo... você...

Ele deu um aperto no meu ombro.

— Tô ligado. Um milhão, cem mil e uma tonelada de outros números e noventa e nove centavos.

Sustentando seu olhar, eu engoli em seco, uma montanha de palavras não ditas nos dividindo. Drew tinha sido meu melhor amigo por dezessete anos. Ele se tornou minha família quando me casei com sua irmã. E quando a perdemos, se tornou meu parceiro em busca de vingança.

E, naquele momento, havia uma chance muito sólida de que eu não estivesse abandonando apenas Cora.

— Drew... eu...

— Nem tenta. Leva esse teu rabo embora daqui. Faça sua parte. Vamos tomar uma cerveja e conversar daqui a alguns meses quando tudo estiver resolvido, ok?

— Ok — eu sussurrei.

— Agora vai. Saia daqui antes que fique todo emocionadinho e seu pau caia. Você acabou de recuperá-lo. Eu odiaria te ver perdê-lo novamente.

Eu soltei uma risada. Porra. Ele era um bom homem.

Fiz um gesto com a cabeça, entrei no elevador e olhei para o chão enquanto as portas se fechavam.

No caminho para o primeiro andar, muitas coisas aconteceram:

Minha mente clareou.

Minha determinação voltou.

E aquela dormência muito familiar tomou conta de mim.

Penn Walker subiu no elevador naquela noite, mas quando as portas se abriram na parte inferior, Shane Pennington saiu focado, determinado e alimentado por mais dor do que nunca.

O problema foi que, apenas algumas horas depois, percebi que ambos estavam irrevogavelmente apaixonados por Cora Guerrero.



CAPÍTULO 1

Cora

Quatro anos antes...

— Chrissy! — gritei, batendo na porta do apartamento dela. Olhei para Angela, que estava parada na passarela, mordendo o lábio inferior. — Você fez o certo.

— Veremos — ela murmurou, descontando seu nervosismo nas unhas.

Comecei a procurar meu chaveiro.

— Ang, me escute. Se ela trazer um cliente aqui, estaremos em risco. Corremos o risco de os policiais descobrirem. Ou Dante ou Marcos. Ou, caramba, até mesmo Manuel. Eu não sei você, mas eu não estou disposta a arriscar meu rabo para Chrissy ganhar alguns dólares.

— Não, eu sei. É que me sinto mal. Ela é minha amiga, sabe?

Enfiei a chave na fechadura.

— Se ela fosse realmente sua amiga, não teria te colocado nesta posição, para início de conversa. — Eu nem consegui virar a chave antes que a porta se abrisse.

Chrissy apareceu na entrada, vestindo uma camisola preta. Seu cabelo escuro grosso e tingido estava todo bagunçado, e o batom, borrado.

— Você pode parar de encher a cabeça dela com essas merdas todas? — Ela se inclinou para olhar para Angela. — Vou costurar essa tua boca, caralho.

As costas de Angela se endireitaram e seus olhos se arregalaram antes que ela se esgueirasse em seu apartamento.

— Você precisa ser uma escrota o tempo todo? — perguntei.

Chrissy sorriu, mostrando os dentes amarelados.

— Eu poderia te fazer a mesma pergunta.

Eu bufei.

— Eu sou a escrota? Você traz um cliente aqui, colocando todas as mulheres neste prédio em perigo, mas eu sou a escrota? Jesus, Crissy. Para de olhar o próprio umbigo e tenta pensar em outra pessoa além de você.

Ela revirou os olhos, apoiando o ombro no batente, sorrindo como se

eu tivesse contado uma piada.

— Eu não sei do que você está falando. Não há nenhum homem aqui.
— Ela balançou o braço, convidando-me a entrar. — Veja por si mesma.

Com zero interesse em vasculhar aquela porcaria de apartamento em busca de um homem tão porcaria quanto, eu rebati:

— Tire-o daqui. Agora.

— Não há ninguém aqui. — Ela fez beicinho e desenhou um X invisível sobre o coração, como se jurasse.

Então a voz de uma mulher que eu não reconheci surgiu atrás de mim.

— Uhhhh, porque ele está bem ali.

Girando, avistei um homem seminu correndo para fora do estacionamento. Felizmente para mim, ele conseguiu cobrir a metade inferior do corpo. Porém, depois de ter testemunhado sua barriga coberta de pelos balançando ao vento, eu não tinha certeza se *sorte* era o termo certo.

— Oh, olha só. — Chrissy prendeu a respiração em um gesto de descrença fingida. — Sabe, você realmente deveria conversar com Angela. Eu a vi trazendo um cara para cá mais cedo, mas eu não queria delatá-la. Você sabe que somos *amigas* e tudo mais.

Eu voltei a olhar para ela.

— Você está me zoando, Chris? Você, dentre todas as pessoas, sabe melhor do que...

— Quem diabos é ela? — Ela ergueu o queixo em direção ao estacionamento.

Por reflexo, olhei por cima do ombro e encontrei uma morena alta e de pernas compridas no caminho. Ela estava vestindo um short rosa, que caía bem em sua figura magra, e uma blusa de seda branca que não era decotada suficiente para esta profissão, mas era reveladora demais para que fosse uma Testemunha de Jeová vindo salvar minha alma.

— Posso ajudar? — perguntei antes da porta de Chrissy se fechar. Soltei um gemido, prometendo lidar com ela mais tarde. Embora, além de chamar um Guerrero, o que de jeito nenhum eu faria, não havia muito mais o que eu pudesse fazer.

A mulher sorriu, revelando o que provavelmente custara uma pequena fortuna em ortodontia na infância e uma dieta balanceada.

Ela apontou uma unha manicurada para a porta de Chrissy.

— Ela parece legal.

— Uma joia rara — respondi, dando-lhe outra olhada. — Posso te

ajudar?

— Ah, certo. — Ela se aproximou, me forçando a erguer a cabeça.

Eu sou baixinha, mas ela devia ter pelo menos um metro e oitenta de altura e se equilibrava em sapatos nude de tiras.

Olhos quentes e castanhos me encararam enquanto perguntava:

— Estou procurando por Dante Guerrero.

Eu franzi o lábio.

— Bem, que pena. Ele não mora aqui.

Ela inclinou a cabeça para o lado como um cachorrinho confuso.

— Mas ele é o dono do prédio, certo?

— Com certeza. — Abri os braços, fazendo minha melhor imitação de uma modelo do programa *The Price Is Right*. — Mas, de alguma forma, ele consegue resistir ao desejo de fazer deste luxuoso palácio sua residência principal.

— Você, hum... sabe como eu poderia entrar em contato com ele? Ele me disse para encontrá-lo aqui, mas não consegui o número dele.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram, e o pânico inundou meu sistema.

— Merda! Ele está vindo para cá? *Hoje*?

— Hum... Bem, não hoje, *hoje*. Ele só me deu este endereço e me disse para vir assim que eu... hum... tivesse oportunidade. Então cá estou.

Soltei um suspiro alto, botando a mão no peito, como se pudesse desacelerar manualmente meu coração acelerado.

— Jesus. Não me assusta assim.

— Desculpa — ela sussurrou timidamente.

De perto, a mulher era ainda mais bonita. Ela era mais velha do que eu, talvez tivesse trinta, com uma pele bacana e uma mão boa para maquiagem. Ela não tinha o tipo de beleza que apareceria nas páginas de uma revista, mas definitivamente era bonita o suficiente para pensar que talvez pudesse. O pensamento me fez estremecer.

— Posso perguntar que tipo de negócio você tem com Dante?

— Oh, hum... — Seus olhos se iluminaram. — Resendi a um anúncio online...

— Para trabalho de modelo? — concluí a frase por ela.

— Sim! Exatamente.

Suspirei. Como diabos ele conseguia encontrar tantas mulheres desesperadas era algo que eu não conseguia entender. E uma com essa

aparência? Não faz sentido.

— Escuta. Você parece uma pessoa legal. Então eu vou te contar um pequeno segredo. — Inclinei-me para perto e abaixei minha voz para um sussurro. — Não é o que você pensa. Isto é um golpe. Vá para casa e esqueça. Você não quer fazer parte disso.

Comecei a me virar, mas ela segurou meu braço.

— Não tenho para onde ir. Usei o que restava do meu dinheiro para pegar um táxi para cá hoje. Olha, eu sei o que acontece aqui. Eu tenho meus próprios clientes. Ricos. Estou apenas mudando de departamento. Só isso.

Afastando meu braço, eu olhei para ela com admiração simulada.

— Você é de outro prostíbulo?

Ela assentiu repetidamente.

— Você tem seus próprios clientes?

Ela assentiu novamente.

— E Dante te deu esse endereço?

Mais balançadas de cabeça.

Eu a olhei com cautela, procurando a verdade em seus grandes olhos de corça.

Não havia verdade alguma neles.

— Que mentira da porra. Não fazemos esse tipo de coisa aqui. Cai fora da porra da minha propriedade.

— Ok, tudo bem! Eu não sou de outro... prostíbulo. Mas tenho experiência.

Revirei os olhos, dando-lhe as costas enquanto me dirigia para as escadas. Meu telefone começou a tocar, o tirei do bolso e vi que o número de Manuel apareceu na tela.

— Não. Não. Não. Espere! — ela reclamou.

Mas eu a ignorei, sabendo que não deveria deixar aquela ligação cair na caixa postal.

— Alô.

— Ela está grávida, caralho! — ele explodiu.

A aspirante a supermodelo Heidi Klum me seguiu, sussurrando súplicas a cada passo que dava.

— Quem? — perguntei a Manuel, parando no segundo andar para estalar o dedo e apontar para o estacionamento. Então eu murmurei um severo “cai fora”.

Ela ergueu as mãos, implorando.

— Por favor. Apenas me ouça.

Manuel continuou reclamando no meu ouvido.

— Eu não sei, porra. Seja lá qual for a vadia que você levou ao médico esta manhã.

Merda. Lucy

— Expulsa ela daí, Cora.

— Não, espera — pedi em um só fôlego.

O rosto da mulher se iluminou.

— Você não! — Sibilei para ela.

Manuel continuou.

— Eu te avisei, porra. Acabou para ela. Faça hoje à noite. E se eu tiver que ir aí e fazer isso sozinho, juro por Deus que vou levar River para casa comigo.

Minha cabeça girou quando todo o sangue foi drenado do meu rosto. Estendi a mão, agarrando o corrimão para me equilibrar.

— Não. Não. Eu cuido disso. Eu juro. Lucy vai embora. Agora mesmo.

— Bom. Agora, graças à sua estupidez, estou com uma garota a menos. Então, não dou a mínima se você tem que ir para a rua você mesma para fazer isso acontecer, mas eu quero o dobro hoje à noite. Você me deve isso, porra.

Eu não sabia como ele poderia me culpar por uma prostituta ter engravidado, especialmente quando eu me esforçava tanto para garantir que todas continuassem tomando pílula e tivessem acesso regular a preservativos. Mas Manuel nunca precisou de um motivo para me culpar por nada.

— Eu... Hoje é terça-feira. As meninas não vão conseguir trabalhar dobrado. Espera só até o final da semana. Eu prometo que dou um jeito.

— Quantos anos tem River mesmo? Pode me lembrar?

Não era uma pergunta. Ouvi sua ameaça alta e clara.

Meus olhos se arregalaram, a bile subindo no fundo da garganta.

— Vou dar um jeito. Trabalho dobrado hoje.

— Hoje à noite — ele fervia.

— Hoje à noite. Eu juro.

Eu mantive o celular na orelha por muito tempo depois que ele desligou. Eu não tinha ideia de onde ia conseguir esse dinheiro. As terças-feiras só geravam cerca de três mil, o que — menos os trinta por

cento que as meninas conseguiram manter — me deixaria no prejuízo em mais de dois mil dólares. Se fosse sexta ou sábado, não teria problema. As meninas já haviam faturado dez vezes do que isso em um fim de semana. Mas não havia como arrumar essa grana em uma terça-feira. Para não mencionar que eu já estava com menos quatro garotas, contando com a Lucy — *pobre e fodida da Lucy* — seriam cinco.

— Merda — eu murmurei. Seria um grande rombo na minha Conta Liberdade, mas que outra escolha eu...?

— Eu posso te dar esse dinheiro.

Ergui a cabeça.

Um sorriso perfeito surgiu em seu rosto perfeito.

— Eu não estava mentindo. Eu tenho o contato de um cara rico.

— Esse contato é rico o suficiente para arrumar dois mil de pronto?

Ela ergueu a cabeça, com surpresa genuína.

— É isso?

— É isso — eu zombei, fechando os olhos, e belisquei a ponte do meu nariz. — *Por que* você ainda está aqui?

— Porque agora você está precisando de mim. Me dá quatro horas, eu arrumo esses dois mil para você. Seis, e consigo bem uns três.

Eu me afastei do corrimão.

— Oferta generosa, mas o que diabos você ganharia com isso?

Ela virou a cabeça e sussurrou:

— Proteção.

Minha boca se abriu enquanto olhava para ela por vários segundos. Então soltei uma risada alta.

— Proteção? Isso é uma piada?

Ela apertou os lábios.

— As garotas Guerrero são respeitadas, não é?

— Talvez na rua, mas respeito é uma palavra *grande* e com muitos significados. — Eu mexi os braços de novo, desta vez menos como uma modelo do *The Price is Right* e mais como uma mãe irada. — Entre essas paredes, o respeito não existe. E não pense nem por um segundo que com você será diferente. Dante não está interessado nos seus serviços de modelo. O homem nem sequer tem uma câmera fotográfica. Ele quer te prostituir, pegar setenta por cento do seu dinheiro e depois mantê-la cativa neste prédio pelo resto de sua vida abandonada por Deus. Então, se você conhece o conceito da palavra *respeito*, vá embora. Pegue seus dois mil dólares, arranje um maldito emprego que não exija que você

fique de quatro e respeite a *si mesma*. Agora, se você me der licença, eu tenho muita merda para limpar.

Subi as escadas, toda a minha paciência esgotada.

— Ainda preciso do número de Dante! — ela me chamou.

— Fora daqui. Porra.

— Estou ferrada sem ele.

Eu fiquei imóvel, deixando a cabeça pender a ponto de encostar meu queixo no peito. Ela também estaria ferrada se eu desse o número.

Eu não deveria ter perguntado.

Eu não deveria ter me importado.

Eu nem sabia o nome dela.

E mesmo assim....

— De quem você está fugindo?

Sua voz se aproximou enquanto falava.

— Eu roubei uma grana de um cara. Você sabe, só para comer alguma coisa e... e, bem, eu preciso de ajuda. Se eu disser que estou trabalhando para um Guerrero, ele recuará. Eu preciso muito disso.

Eu me virei.

— Então vá até a polícia.

— Essa merda não funciona. Você sabe disso.

Infelizmente eu sabia. E como sabia.

— Você não tem ideia do que está dizendo agora. As mulheres não vêm para cá buscando refúgio – elas *fogem* daqui. Você está entendendo? Aqui não é lugar para se buscar segurança.

Ela desafiadoramente sustentou meu olhar.

— Talvez não. Mas assim como a sua pequena palavra *respeito*, segurança é uma palavra grande com muitos significados. Deixa que eu decida isso. Ok?

Estendi a mão, peguei a estrela no meu colar e brinquei com ela, deslizando pela corrente.

— Por favor, não me obrigue a fazer isso.

Ela deu um passo para frente.

— Você estaria me ajudando muito. E eu vou te ajudar também. Eu te dou parte do que eu levar para casa todas as noites. Meio a meio?

— Sua *parte* seria trinta por cento. Os Guerrero recebem setenta. E aí, desses trinta por cento, você tem que pagar cinquenta por cento para cobrir aluguel e despesas. Então, dos dois mil que você vai ganhar esta

noite, você vai ficar com trezentos dólares.

— Ok, então você fica com setenta e cinco.

Meu peito doeu.

— Eu não quero o seu dinheiro.

Ela deu mais um passo.

— Ok. Então eu posso ajudar de outras maneiras. No que você precisar. Eu faço.

— Jesus. Por que você está tão determinada a fazer isso? Estou te dando uma saída. *Aproveita*.

— Não existe mais saída. Você tem uma saída? E as outras meninas aqui? Elas conseguiram uma saída? Não. E independentemente de você me deixar entrar ou não, eu também não tenho saída.

Eu bufei uma risada sem humor e coloquei a mão no quadril.

— Você percebe que está pedindo ajuda ao diabo, certo?

— No fundo do poço, o diabo é o único que resta para ajudar.

E não é uma verdade e tanto isso?

Eu balancei a cabeça.

— Eu preciso consultar Dante primeiro.

— Ok.

Jesus, eu realmente ia fazer isso? Geralmente eles deixavam as meninas para mim. E lá estava eu, deixando uma nova menina entrar quando finalmente tive a capacidade de dizer não para uma delas.

— Se eu ligar para ele, não há como saber o que vai dizer. — Deslizei o olhar para suas pernas longas e bronzeadas e a curva de seus seios grandes.

Ela era linda. Se eu ligasse para Dante, sabia *exatamente* o que ele faria com ela. E não ia ser nada relacionado a segurança.

— Eu sei — ela respondeu, a esperança brilhando em seus olhos.

Eu sustentei seu olhar, dando todas as oportunidades para me parar enquanto eu pegava meu telefone.

Ela não disse nada.

Finalmente, disquei um número, mas não era o de Dante.

— Por que você está me ligando agora? — Marcos cumprimentou.

Com exceção de Catalina, eu não tinha amigos na família Guerrero. Mas quando precisava de algo, Marcos era sempre a minha primeira opção. Ele podia me bater, mas não se divertia fodendo as garotas. Marcos tinha um tipo muito específico de mulher que ele gostava:

aquelas que tinham um pau. Mesmo que ele nunca contasse isso para sua família.

— *Última chance* — eu murmurei para ela.

Ela sorriu, cruzando as mãos na frente do corpo.

— Por favor.

Eu respirei fundo e comecei o processo de a arruinar.

— Dante me mandou uma garota.

— Eeeee...? — respondeu impacientemente.

— Ele não mencionou nada sobre isso. Estou apenas verificando se tem problema a colocar para dentro.

Por favor, diga não. Por favor, diga não. Por favor, diga não.

— Mulher, desde quando virei a porra da sua babá? Ela é comível?

Mordi o interior da minha bochecha.

— Sim.

— Então deixa ela foder! — Ele desligou.

Enfiei o telefone no bolso da calça e lhe dei um sorriso tenso.

— Bem-vinda ao prédio...

— Lexy — ela completou. — Lexy Palmer.

— Prazer em conhecê-la. Eu sou Cora Guerreiro.

Ela ofegou.

— Não me olhe assim. Sou uma Guerrero só por casamento.

Ela ofegou novamente, seus olhos se arregalando de um jeito que me fez rir.

— E ele faleceu anos atrás.

— Ah, merda. Eu sinto muito.

— Não se preocupe com isso. Apenas lembre-se: eu não sou um deles. Ok?

— Ok. — Ela deu um sorriso grande, largo, de tirar o fôlego, e... ignorante.

Embora, alguns anos depois, descobri que a ignorante na história era eu.



CAPÍTULO 2

Cora

Nos dois dias após o incêndio, parecia que eu estava vivendo em estado de suspensão.

O tempo passou.

O mundo ao meu redor continuou se movendo.

Mas eu estava totalmente perdida.

Lembrei de Drew pedindo comida para nós dois algumas vezes. Até me lembrava vagamente de comer, embora não possa dizer o que era. Pode ter sido comida chinesa tanto quanto pode ter sido um hambúrguer.

Tudo tinha gosto de infelicidade.

— Cora, descansa só por hoje — Drew implorou, esparramado ao meu lado na cama. Ele estava hospedado no quarto conosco desde que voltamos.

— Não — retruquei, clicando no botão de reiniciar novamente. Isso me deixava vulnerável sempre, mas eu não conseguia parar de assistir.

Não consegui distinguir seu rosto, mas não havia dúvida de que era ele.

Penn com um moletom preto, subindo as escadas.

Penn entrando no meu apartamento.

Penn saindo com sua caixa de ferramentas e indo para sua caminhonete.

Dante e Marcos aparecendo.

Penn subindo as escadas correndo enquanto Dante disparava sua arma, acertando-o na parte traseira da perna.

Penn entrando no meu apartamento.

Mais tiros sendo disparados contra a porta, até que ela se abriu.

Os irmãos Guerrero entrando.

Ninguém nunca saindo.

Avancei seis minutos até que as chamas irromperam do meu apartamento, a câmera tremendo violentamente antes de ficar preta.

Movi o cursor de volta para pairar sobre o botão de reinício, preparada para clicar novamente, mas a voz de River me parou.

— Pare. Você já viu o suficiente. Você está só se torturando agora.

Afastei meu olhar da tela e dei atenção a ela. Ela passou a última hora no banho. Seus olhos estavam avermelhados, e o longo cabelo castanho caindo em cascata sobre os ombros fazia círculos molhados se formarem na frente de sua camiseta cinza.

Tínhamos ido ao Walmart naquela primeira manhã. Eu tirei uma grande quantia da minha Conta da Liberdade e corri para comprar o necessário. O primeiro item foi um laptop, para que eu pudesse assistir às imagens da câmera de segurança secreta de Penn em algo diferente da tela quebrada do meu celular. Comprei algumas coisas para River, itens que pensei que ela poderia precisar, mas estava muito esgotada para olhar os tamanhos. Acabou que as camisetas eram muito largas, e as calcinhas, muito pequenas. Eu prometi que a levaria lá de novo, mas não tinha sido capaz de sair do quarto ainda.

O mundo exterior parecia muito pesado sem ele.

— Ele se foi, River. É uma tortura de qualquer maneira.

Ela franziu os lábios, um tremor no queixo surgindo antes que pudesse escondê-lo.

— Eu sei, mas não importa o quanto você assista a esse vídeo. Não vai mudar.

Sim. Eu não era a única a sofrer com a morte de Penn.

— Venha aqui, bebê — sussurrei, estendendo um braço em sua direção.

— Não! Eu não quero um abraço. Eu quero que você pare de assistir a esse maldito vídeo e descubra onde vamos morar ou quando eu posso voltar para a escola, ou... ou... ou... o que vai acontecer agora se Manuel vier atrás da gente por causa disso. Você sabe que ele vai encontrar uma maneira de te culpar. — Ela direcionou sua fúria para Drew. — E você... Jesus, ele era seu irmão. Manuel virá atrás de você também.

Drew sentou-se, colocando os dois pés no tapete e apoiando os cotovelos nos joelhos.

— E Marcos e Dante que o mataram. Não estou me sentindo particularmente solidário com Manuel esta noite. Deixa que ele mande alguém atrás da gente. Eu o desafio a tentar.

River o encarou, incrédula.

— Você conseguiu uma promoção de leve dois, pague um pelo caixão de Penn? Porque é em um desses que você vai parar.

Drew abriu a boca, mas eu respondi em seu lugar.

— Ok, ok. Vamos pegar leve aqui. Estamos todos um pouco alterados

agora.

— É só você desligar o maldito computador! — ela gritou comigo.

Minhas costas ficaram retas enquanto eu olhava para River, lágrimas enchendo nossos olhos. Mas antes que eu pudesse descobrir qual seria a resposta apropriada, ela correu de volta para o banheiro e bateu a porta.

— Merda — sibilei. — Merda. Merda. Merda. — Meus ombros tremeram, e eu afundei o rosto nas mãos.

Drew parou ao meu lado em um segundo.

— Ei, shhhh. — Ele alisou minhas costas. — Ela vai ficar bem.

— Acho que a palavra “bem” não vai estar em nenhum de nossos vocabulários por muito tempo.

Ele guiou minha cabeça até seu ombro.

— Mas temos que tentar.

Respirei de forma trêmula.

— Por que ele me deixou e foi para o prédio naquela noite?

— Eu não sei — ele respondeu.

Eu funguei e me endireitei, olhando para a porta do banheiro quando o som do chuveiro se fez presente de novo. River, sem dúvida, estava chorando lá dentro. Aquela criança era tão teimosa, que nem me deixava confortá-la.

Falando em crianças teimosas...

Limpei a garganta e peguei meu telefone na cama.

— Preciso tentar o hospital novamente.

— Savannah é menor de idade. Eles não vão te dizer nada pelo telefone.

— Talvez não. Mas se eu conseguir falar com a pessoa certa no telefone, quem sabe. Talvez ela tenha coração.

Ele voltou para sua cama, murmurando:

— Sim. Pode ser.

Eu estava procurando o número do hospital novamente quando meu telefone começou a tocar, meu pulso disparou quando a palavra *desconhecido* piscou na tela.

— Alô — eu praticamente gritei.

— Puta merda, você está bem? — Catalina respondeu.

Meu corpo desmoronou quando alívio, agonia e adrenalina formaram uma combinação devastadora dentro de mim.

— Não. — Ofeguei, batendo a mão na boca.

— O que diabos está acontecendo? Acabei de ver no noticiário. Marcos e Dante morreram mesmo?

— Sim — eu sussurrei.

Eu não tinha ideia das consequências disso. Ela os odiava, mas ainda eram seus irmãos.

— O que diabos aconteceu? — ela perguntou.

— Não sei. Honestamente, não faço a menor ideia. — Olhei para Drew, que estava girando uma caneca de café na mão, cuidadosamente fingindo não ouvir. Depois de abrir a gaveta, peguei alguns dólares. — Eu vou comprar um refrigerante — eu disse a ele e então apontei para o banheiro. — Fica atento a ela.

Ele me deu um breve aceno com a cabeça, e eu saí correndo.

— Ei, tá aí? — perguntei, fechando a porta, checando duas vezes para ter certeza de que a fechadura havia travado.

— Sim, estou — Cat respondeu. — Mas acho que estou em choque. Eu não posso acreditar que eles se foram.

— Eu sei. Eu sinto muito... Eu...

— Como é? — ela disparou. — Estou prestes a dar uma festa. Cora, isso é excelente para todos nós.

Parecia excelente. Mas não me sentia bem. Ardia como uma faca quente e afiada me cortando metodicamente. Mesmo mortos, eles conseguiram me punir uma última vez.

— Eles mataram Penn.

Ela xingou baixinho.

Olhei pelo corredor, felizmente encontrando-o vazio.

— Ouça, algo não está certo aqui. As peças não encaixam. Antes do incêndio, Penn entrou no meu cofre, deixou as chaves da caminhonete e um bilhete que dizia: *um de cada vez*. E ele tirou todas as estrelas do meu teto, Cat.

— Ah, nossa.

— E tem mais. Ele deixou as estrelas em sua caminhonete, dentro da caixa de ferramentas, junto com todas as minhas fotos e documentos importantes... e o dinheiro de dentro da parede.

— O quê? — Ela ofegou. — Você está com o dinheiro?

Eu ri, mas logo o riso se transformou em choro.

— Oh, querida, você nem imagina: estou com *todo* o dinheiro. Penn me deixou mais de um milhão de dólares em dinheiro.

— O quê...? Desculpa, o que você disse?

Eu me abaixei na área da máquina de refrigerante, quando ouvi a porta de um quarto se abrir nas proximidades. Observei um casal feliz, de mãos dadas, caminhar até o elevador, perdidos demais um no outro para perceber que eu estava ali.

— Você me ouviu. Foi a quantia exata, até o centavo, que eu disse a ele que precisava para me livrar desta vida.

— Você disse que ele era o cara da manutenção. Onde ele conseguiu dinheiro assim?

— Eu não faço ideia. O irmão dele, Drew, aquele que era íntimo de seu pai na prisão, está tão perdido quanto eu.

— Não se atreva a deixar esse homem tentar colocar as mãos nesse dinheiro.

— Ele não está tentando pegá-lo! — eu meio que sussurrei, meio que gritei. — Ele está dormindo em uma cama ao meu lado, como se fosse um guarda-costas. Não tenho ideia do que está acontecendo agora. Mas tem algo muito errado acontecendo.

— Merda. Ok, vamos respirar por um segundo e pensar direito. Tem que haver uma explicação. Talvez ele fosse um daqueles milionários secretos.

— Isso não é a porra de um filme! — disparei. — Jesus, Cat. Ele botou câmeras com sensor de movimento em todos os corredores. Drew disse que as instalou quase um mês antes, mas Penn *nunca* mencionou isso para mim. Eu assisti à gravação de uma delas, e ele obviamente levou meu dinheiro para fora do prédio em sua caixa de ferramentas. Mas de onde veio o outro dinheiro? Não estava em seu apartamento. Ele não estava andando com ele. Apareceu magicamente no banco traseiro de sua caminhonete.

“E fica pior: os policiais disseram que foi uma pane elétrica no meu apartamento que iniciou o incêndio. Mas que porra é essa? A quantidade de coincidências rolado aqui é absurda. Eu deveria acreditar que Penn *por acaso* deixou minha cama no hotel e voltou para o prédio onde ele *por acaso* pegou meu dinheiro? E este era um dinheiro que ele nem deveria saber que existia. E aí tem o lance das minhas estrelas? Eu nunca disse a ele que elas eram de Nic. Mas ele achava que elas eram importantes o suficiente para tirá-las do teto?

“E... e... e então *calhou* de seus irmãos aparecerem no meio da noite e o atacarem? Eu vi Dante atirar na perna dele antes de persegui-lo até *meu apartamento*. Mas o que diabos aconteceu depois disso? Eles não se deitaram juntinhos e foram dormir. Mesmo que fosse pura coincidência o fogo ter começado naquele exato momento, por que nenhum deles viu

nada acontecendo? Por que nenhum deles tentou sair?”

Eu estava ofegante quando terminei.

— Talvez o incêndio não tenha sido uma coincidência, então. Talvez um deles tenha iniciado o incêndio.

— Certo! — eu gritei, dessa vez sem o sussurro. — Ok, mas qual dos seus irmãos imbecis saberia qualquer coisa sobre como iniciar uma pane elétrica? Eu vou te dizer quem saberia... *Penn*. Ele cuidou da fiação de pelo menos três apartamentos enquanto estava lá. Mas veja, quando os policiais encontraram seus corpos... — Meu estômago revirou com a memória. — *Penn* estava amarrado à cadeira.

— Meeeerda — ela ofegou.

— Só que eu devo acreditar que ele *por acaso* tirou tudo o que significava alguma coisa para mim daquele prédio naquela noite, então me deixou a quantia exata de dinheiro que eu precisava para que as garotas e eu pudéssemos escapar e então o prédio pegou fogo por completo, levando os dois homens que me mantiveram presa por mais de metade da minha vida com ele? *Simplesmente não faz sentido*.

— É definitivamente suspeito. Mas não tenho certeza se eu estaria reclamando. Ele basicamente resolveu todos os seus problemas.

— Mas ele morreu fazendo isso. — Uma torrente de lágrimas que deveria ter acabado há muito tempo surgiu novamente. — Quero saber o que aconteceu com ele. Eu o amava, *Cat*. Eu o amava muito. E eu sinto que ele era outro homem, um homem que sacrificou tudo por mim. Não sei como processar isso. — Eu apoiei a testa contra a parede enquanto duas máquinas de venda automática zumbiam atrás de mim.

— Você não tem que processar nada, *Cora*. Não agora, na verdade. Passe pelo luto. Fique triste. Chore. Tudo bem. Mas você não tem que resolver nada disso. O que os policiais falaram?

Levei alguns segundos para me recompor antes de responder.

— Nada, na verdade. Acho que eles estavam felizes por finalmente se livrarem de *Marcos* e *Dante*. Você sabe que a polícia não morria de amores pelos dois desde a queda de *Manuel*.

— Eles não são os únicos — ela murmurou para si mesma. — Bom. Pelo menos eles não estão de olho em você por nada disso. E o irmão de *Penn*? Você já conversou com ele sobre isso?

Outra porta se abriu, eu espiei no corredor e vi *Drew* vindo em minha direção, como se suas orelhas estivessem queimando. Eu me ocupei em desamassar notas de dólar na lateral da máquina de refrigerantes e sussurrei:

— Não sei. Acho que ele ainda está em choque. Ele continua dizendo umas besteiras estúpidas, como que talvez Penn estivesse tentando fugir com todo aquele dinheiro. Mas Penn claramente deixou tudo arrumado para eu encontrar.

Eu coloquei só uma nota na máquina antes de Drew virar a esquina.

— Merda. Aí está você. Quanto tempo leva para comprar uma bebida? Eu estava começando a me preocupar.

Ergui o olhar e ofereci a ele um sorriso indiferente.

— Desculpe. Eu só precisava de um minuto sozinha. — Apontei para o telefone. — É a Brittany. Eu estava conversando com ela sobre reunir as meninas para que eu pudesse dar algum dinheiro a elas.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Certo. É claro.

— Eu volto em um minuto. Ok? — Eu levantei o dólar em sua direção. — Você quer alguma coisa?

— Não. Estou bem. — Cético, ele me encarou por mais um momento. Então balançou a cabeça e relutantemente se afastou.

Inclinei-me pela porta e o olhei até que ele não pudesse mais me ouvir.

— Ouça, eu preciso de uma maneira de entrar em contato com você. As coisas mudaram agora. Não precisamos mais nos manter em segredo.

— Bem, talvez não pelos meus irmãos, mas meu pai e Thomas ainda estão muito vivos.

— Eu só preciso de um número, Cat. Vou mantê-lo em segredo.

— Ok. Ok. Vou mandar uma mensagem.

— Obrigada — eu sussurrei. — Agora eu tenho que ir. Vou ver que informação consigo extrair do Drew. Vou te mantendo atualizada se algo acontecer. Ah, e fique longe da unidade de armazenamento. Foi lá que eu larguei o dinheiro.

— Jesus. Um milhão de dólares. Sério?

Meu estômago revirou quando acrescentei:

— E noventa e nove centavos.

Ela suspirou.

— Ok. Eu te amo. Uma respiração de cada vez. Lembra?

— Sempre — eu exalei antes de desligar.

Eu comprei um Mountain Dew para River que eu esperava que servisse como algum tipo de presente/oferta de paz. Enquanto caminhava de volta para o quarto, liguei para Brittany e pedi que ela

fosse para o hotel o mais rápido possível.

Se eu quisesse manter Drew desinformado sobre o que estava fazendo, teria de ser um pouco mais convincente.



CAPÍTULO 3

Penn

Minhas mãos doíam ao meu lado enquanto o observava sair do tribunal.

Ele estava sorrindo, despreocupado e alheio, enquanto conversava com a manada de homens bem-vestidos que ouvia cada palavra sua. De seu terno risca de giz azul-marinho sob medida até seu cabelo castanho-escuro perfeitamente penteado, o homem parecia o promotor de sucesso que a cidade sabia que ele era.

Mas eu sabia que esse homem era muito mais do que isso.

Thomas Lyons era um escroto sem alma que eu sabia que seguiria seus velhos amigos Marcos e Dante rumo a uma sepultura precoce.

O vento quente do verão me envolveu, atizando o fogo em minha alma. Não havia muito que eu pudesse fazer naquele momento. Não em um lugar tão público. E não sem tempo ou espaço para fazê-lo sofrer adequadamente. Uma morte rápida e indolor não era nada do que eu havia planejado.

Vinte e nove minutos me destruíram.

Vinte e nove minutos de seus gritos de agonia.

Vinte e nove minutos que ele tinha organizado.

Não. Thomas Lyons pagaria dez vezes por cada um desses minutos.

Mas esperar o momento certo para agir também não estava sendo fácil.

Cada respiração dele me provocava, sabendo que seu coração ainda estava bombeando sangue em suas veias inúteis enquanto o sangue dela estava apodrecendo em um pedaço de carpete manchado em uma pilha de lixo em algum lugar.

Ela estava morta.

E ele estava sorrindo.

Minha visão ficou vermelha quando ele parou na base dos degraus de concreto para falar com uma mulher mais jovem. Ela também estava de terno, embora o dela fosse pontuado com um par de saltos e uma pasta de couro preta ao lado. Uma colega talvez.

Mas tudo o que vi foi Lisa.

Ela era destemida, eu soube desde o dia em que a conheci. Conhecendo aquela mulher louca, ela provavelmente teria marchado até

Thomas, seus Louboutins que eu dei duro para comprar fazendo barulho na calçada, e jogado nele a bomba sobre toda a sujeira que desenterrara. Ela gostaria de testemunhar em primeira mão o choque contorcendo seu rosto. Ela teria se deleitado com o brilho de medo aparecendo em seus olhos.

Lisa era uma boa pessoa com um vício perverso por justiça. Não havia nada que impedisse seu caminho. Deus era testemunha, eu tentei, mas nunca fui capaz de argumentar com ela sobre nada. Ela não se importava com o custo ou com o que teria de passar por cima para que isso acontecesse.

Seu coração estava determinado a tornar o mundo um lugar melhor.

Mesmo que o levasse a bater pela última vez.

A dor da bala de Dante na minha panturrilha me fez estremecer enquanto me movia para ficar fora da linha de visão de Thomas. Não que ele pudesse me reconhecer. Nossos mundos colidiram, mas ele e eu nunca nos cruzamos.

Pelo menos ainda não.

Eu casualmente apoiei as costas contra a parede de tijolos do lado de fora do café, meu estômago revirando quando ele sorriu para a mulher e a pegou pelo cotovelo antes de se inclinar para beijar sua bochecha. Era casto o suficiente para ser amigável, mas a maneira como se inclinava em sua direção era tudo menos isso.

Esse filho da puta desgraçado. Além do homicídio, sua esposa tinha tanto medo dele, que pegou a filha deles e fugiu. E ele estava dando em cima — ou, pelo menos, dando olhares — para uma mulher que devia ser vinte anos mais nova.

Minhas mãos começaram a doer novamente.

— É ele? — Savannah sussurrou em meu ouvido.

— Merda! — eu rosnei, me virando e quase derrubando o copo de café de sua mão.

— Merda — ela repetiu, oscilando para o lado.

Eu estiquei a mão, pegando-a antes que ela tombasse.

— Jesus, garota.

— Não vem com essa. Você quem virou um grandalhão desajeitado do nada. Toma. — Ela estendeu um copo de papel com café na minha direção, guardando a bebida de sei lá o que com frutas e chocolate para si mesma.

Eu me virei a tempo de ver Thomas e a mulher indo embora juntos.

— Ele não é atraente — Savannah anunciou com a boca no canudo.

Curvando o lábio, eu a olhei por cima do meu ombro.

— Você está brincando comigo?

Suas sobrancelhas vermelhas e desenhadas a lápis se ergueram.

— O quê? Eu só estava fazendo uma observação.

Indo em direção ao carro, dei-lhe as costas.

— Bem, guarde suas *observações* para si mesma. Aquele homem é um pedaço de merda disfarçado de sal da Terra. Eu não dou a mínima para a aparência dele. Tudo o que me importa é quão rápido posso derrubá-lo.

— Nossa. Esqueça que eu disse qualquer coisa — ela zombou, seguindo atrás de mim.

Ela estava comigo há dois dias.

Dois dias excruciantes.

Ela não era uma garota ruim. Verdade seja dita, era uma menina boa para caralho, com um bom coração e uma alma perturbada que os pais nunca tiraram tempo para curar. No entanto, quando olhava para ela, tudo o que eu via era Cora. Não em suas feições ou seus maneirismos, mas sim em minhas memórias. E considerando que tinha sido apenas um pouco mais de uma semana, essas memórias ainda estavam tão frescas e tão potentes, que me destruíam sempre que apareciam.

Senti falta de Cora com ferocidade. E saber que ela estava lá, sofrendo, me fazia perceber que era incrível o fato de eu ainda estar de pé.

Mas eu tinha feito tudo o que podia por ela.

Eu tinha sacado uma parte substancial do meu fundo de aposentadoria para deixar para ela aquele milhão e tanto, para onde eu estava indo, o dinheiro no banco não importava. Embora, para ser honesto, nunca tivesse realmente me importado.

Não tinha salvado Lisa.

Não consegui me impedir de mergulhar nas trevas depois que ela morreu.

Mas eu esperava para cacete que pudesse salvar Cora.

Havia uma boa chance de Drew nunca mais falar comigo. Dar a ela o dinheiro sempre foi o plano B se alguma coisa realmente acontecesse comigo. Mas quando cheguei ao prédio naquela noite, olhei para o corrimão no terceiro andar, imaginando seu sorriso enquanto ela olhava para mim do jeito que costumava fazer quando eu chegava em casa depois de uma corrida.

Deixá-la iria me destruir de maneiras às quais eu nunca me recuperaria.

Mas eu não poderia ir embora sem saber que ela ficaria com tudo que eu poderia lhe dar.

No entanto, isso significava tirar algumas coisas dela também.

Aquele prédio. Aquele maldito edifício. Tinha sido sua casa por mais de uma década.

Mas ele precisava ser derrubado.

Eu não podia arriscar que eles tentassem levá-la de volta para lá. Manuel tinha pelo menos mais cinco anos de sentença, seu império não estaria ainda de pé quando ele parasse de ver o sol nascer quadrado.

A maior parte desse legado era o nome de sua família.

Então, um após o outro, eu acabei com a vida de filhos também.

Nos quatro anos anteriores, fiz muitas coisas para vingar a morte de Lisa.

Mas isso.

Matar Dante e Marcos.

Isso foi pela Cora.

E eu nunca sentirei uma gota de arrependimento.

Então, sim, embora eu odiasse saber que Cora estava sofrendo, fui capaz de sair da cama, colocar um pé na frente do outro e respirar, mesmo sentindo a dor de perdê-la, porque sabia que ela estaria livre.

Drew ia ficar com ela até que Cora se instalasse em algum lugar novo.

Eu gostaria de pensar que ele estava fazendo isso como um favor para mim.

Mas eu conhecia Drew. Ele gostava de bancar o durão, mas era um cara legal que se importava com Cora mais do que jamais admitiria. Ele se certificaria de que ela fosse bem-cuidada.

Mesmo que eu não pudesse fazer nada por ela mais.

Savannah e eu entramos no meu carro, minha porta batendo com força, enquanto a dela se fechava suavemente.

— Vamos segui-lo? — ela perguntou.

Eu cerrei os dentes, odiando para cacete que ela estivesse envolvida nessa porra. Mas no momento em que a deixei entrar no meu carro naquela noite, fiz com que se tornasse parte disso. Eu não deveria a ter pegado. Eu deveria ter ligado para Drew, dito a ele onde ela estava e deixado que ele cuidasse disso.

Mas eu prometi a Cora que a traria de volta. Cacete, eu dirigi sete horas até Cleveland usando as pequenas pistas que reuni sobre Savannah durante meus dois meses com Cora para rastreá-la.

E ao vê-la parada naquela esquina, com hematomas nos braços, o que claramente não era nada bom, eu mal consegui esperar mais.

Ela precisava de ajuda.

E eu estava lá.

Bem... Shane Pennington estava lá. Eu não sabia mais quem diabos *eu* era.

Quando ela fez perguntas sobre Cora, fui forçado a dizer a verdade.

Ou pelo menos parte dela.

Eu pulei a história de Lisa. E disse a ela que Marcos e Dante estavam mortos, mas não expliquei como, ou seja, o meu papel nisso. Isso nos levou ao incêndio no prédio, depois ao dinheiro que deixei para trás, e, finalmente, ao corpo que Drew havia propositalmente identificado como meu.

Por ter dezesseis anos, ela aceitou tudo surpreendentemente bem. Sua primeira pergunta tinha sido um grito, “Putá merda. Você deixou um milhão de dólares para ela?”, seguido por “Putá merda. Onde você conseguiu um milhão de dólares?”, seguido por “Putá merda. Posso ganhar um milhão de dólares?”. Mas depois que ela se acalmou, seu rosto empalideceu enquanto sussurrava: “O prédio inteiro sumiu?”, seguido por “Alguma das meninas se machucou?”, seguido por “Cora pensa que você morreu?”.

Sua preocupação não era nada comparada ao furacão girando dentro de mim, mas eu só tinha uma resposta.

— Sim. E não importa o que aconteça, você não pode dizer a ela que estou vivo. Ela se tornará um alvo, Savannah. Eu fui embora para que ela pudesse finalmente ter uma vida própria, não se atolar na merda de outra pessoa. Depois de tudo que ela fez, acho que nós dois podemos concordar que ela merece isso.

Savannah assentiu, eu assenti, e então fizemos as primeiras três horas de volta para Chicago em silêncio, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos.

A quarta hora foi passada *em tudo menos* silêncio, depois que ela teve o que eu só poderia explicar como um ataque, quando peguei seu telefone enquanto ela escrevia uma mensagem e o joguei pela janela ao sul de Ann Arbor. Eu disse que o substituiria. Ela olhou ao redor do carro, sem dúvida lembrando do dinheiro que eu tinha deixado para Cora, e então exigiu o melhor e mais recente iPhone. Eu ri e disse que ela era engraçada.

Ela ficou furiosa por uma hora inteira, mas depois dormiu pelas últimas duas.

Esses foram os meus momentos favoritos da viagem porque, durante aquelas duas horas, foi fácil esquecer quão ruim tudo tinha ficado.

Cora e River estavam em segurança com Drew.

Savannah estava segura comigo.

E por mais uma noite, enquanto os faróis iluminavam aquela estrada aparentemente interminável, eu fingi que ainda estava me afogando e que não estava no fundo do oceano.

Agora, observando Savannah com o canto do olho enquanto ela bebia seu café, eu tive a mesma sensação de contentamento se espalhando em meu interior. Se ao menos Cora estivesse por perto também.

Cora.

Cora.

Cora.

A distração favorita da minha mente.

E a tortura.

Eu respirei fundo, segurando o ar até meus pulmões doerem. Em uma expiração, respondi:

— Não. Não vamos segui-lo.

— Por que não? Ele está tão perto.

Entrei no trânsito na direção oposta à que Thomas havia se desviado.

— Porque você está comigo. Eu não quero você envolvida nisso. Eu não deveria ter trazido você aqui para tomar café hoje. Falando nisso...

— Eu estalei o dedo e estendi minha mão com a palma para cima. — O troco. Eu te dei cinquenta.

— Ah, fala sério! É, tipo, trinta dólares. E se eu precisar de algo? Eu não tenho dinheiro nem para pegar um táxi de volta ao seu apartamento.

— Um táxi? — Eu lancei um olhar para ela. — Não tenho certeza se você notou, mas a coisa em que você está sentada agora é mais do que apenas uma bela peça de maquinaria alemã. Na verdade, é um carro também.

Meu olhar estava voltado para a estrada, mas eu não precisava olhar para ela para saber que estava revirando os olhos.

— Quero dizer se não estivermos juntos, Penn. Você ainda não substituiu meu telefone. — Ela fez beicinho e piscou os cílios pintados de preto para mim. — Eu ficaria sozinha na rua sem como voltar para você, pai-pai.

— Me chama de pai-pai de novo, e eu vou te deixar de castigo pelo resto da sua vida.

Ela riu, jogando a cabeça para trás contra o assento.

— Papai? Melhor assim?

— Deus. Não.

— Ok, tá bom. Você tem razão. Vamos usar o bom e velho “pai”.

Eu desacelerei em um semáforo e inclinei a cabeça para olhar a garota. Seu cabelo ruivo selvagem estava preso em uma daquelas pilhas bagunçadas no alto da cabeça que River usava com frequência. Mas não se engane; ela levou pelo menos vinte minutos na frente do espelho para deixar aquela coisa bagunçada não *muito bagunçada*.

Eu tinha esquecido como era viver com uma mulher. Cora era muito tranquila com tudo. Se seus cachos loiros não estavam caindo em cascata pelas costas, estavam presos com um elástico que ela usava permanentemente no pulso. Esse penteado que normalmente usava quando caminhava, falava ou, ocasionalmente, sentava em meu...

Merda. Precisava parar de pensar nela.

Savannah. Era nisso que eu precisava focar.

Um dia depois que chegamos em casa, vindo de Cleveland, eu a levei para fazer compras. O que significa que eu a levei ao shopping, nós discutimos sobre roupas, ela acabou ficando furiosa, e eu finalmente joguei uma pilha do que considereei ser um traje apropriado para sua idade — mesmo que ela tenha considerado tudo “horrível” — ao lado da caixa registradora, junto com meu cartão de crédito. Ela só voltou a falar comigo novamente quando lhe entreguei meu cartão e concordei em ficar do lado de fora enquanto ela ia na Victoria’s Secret. Eu não dava a mínima para o que ela usava *por baixo* de suas roupas, desde que não fosse nada visível.

— Que tal se você só me chamar de *Penn* e me devolver o troco? Nós concordamos: sem dinheiro, sem telefone, sem nada até que você entre em algum tipo de reabilitação de drogas.

— Não. *Você* concordou com isso. — Ela enfiou a mão no bolso de seu jeans curto demais, cujas pernas foram cortadas provavelmente no chão do meu quarto de hóspedes, e colocou um bolo de dinheiro e moedas na minha mão. — Eu disse que não preciso de reabilitação. Estou limpa há meses.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Verdade?

Seus lábios se estreitaram antes que ela se afastasse de mim para espiar pela janela, murmurando:

— Não incluindo a merda que Dante me deu.

— Eu não estou falando disso. Depois que saiu do hospital, você não tocou em nada. Sem maconha. Sem cocaína. Sem nada. É verdade, Savannah?

O semáforo ficou verde, e coloquei o dinheiro em um porta-copos antes de acelerar.

— Você não sabe como é lá fora — ela sussurrou.

Forcei minhas mãos a ficarem no volante. Não parecia certo tocá-la, não quando ela estava confiando em mim o suficiente para baixar a guarda. Era raro ela mostrar qualquer tipo de vulnerabilidade, e eu pessoalmente não tinha visto nenhum episódio disso desde o dia em que ela brigou com a Cora por não ter dormido comigo ainda.

Eeeeeee voltamos para a Cora.

Merda. Eu precisava me concentrar.

— Não — eu respondi. — Não sei como é. Não estou dizendo que sei. Mas eu sei quão incrível você é quando está limpa. Você é inteligente, Savannah. E engraçada. E brilhante. E bonita de maneiras que não têm nada a ver com suas roupas ou maquiagem. Mas nada disso importa se você está deixando as drogas arruinarem o tipo de perfeição que você já possui. Você lidou com uma boa dose de merdas, garota. Eu não te culpo nem um pouco por nada que você tenha feito no passado. Mas, agora, é hora de mudar. E eu disse que te ajudaria com isso, e eu particularmente não me importo se você *concordou* ou não. Porque eu vejo algo em você, quer você também veja, quer não.

Seu rosto ficou tenso, mas enquanto eu dividia minha atenção entre ela e a estrada, eu vi as lágrimas escorrendo por suas bochechas.

Ela se apressou para secá-las, assim como alguém que eu conhecia. E não conseguia parar de pensar.

— Nossa. O que é isso, um programa educativo para adolescentes?

Eu sorri.

— O que você sabe sobre esses programas? Não são, tipo, coisa de trinta anos atrás?

— Escola pública, Penn. As crianças de lá vão continuar assistindo a esses programas nas aulas de saúde mesmo daqui a vinte anos.

Eu ri, e então nós dois ficamos quietos novamente. Passei muito tempo dos últimos quatro anos rezando pelo silêncio e esperando que as pessoas me deixassem em paz. Mas, naquele momento, sem nenhuma pista sobre o que estava passando pela cabeça dela, isso me incomodou.

— Você sabe que eu só estou tentando ajudar, certo?

— Sim, eu sei — disse ela, virada para a janela.

A viagem de volta ao meu apartamento foi curta. A primeira vez que entramos na garagem subterrânea, Savannah teve outro ataque vocal, exclamando:

— Puta merda! Você vive aqui? — Desta vez, porém, ela não disse nada enquanto subíamos de elevador até meu apartamento de três quartos, 370 metros quadrados, no sexto andar.

Foi um exagero. Absolutamente. Eu não tinha motivos para comprar uma casa tão grande, bonita ou definitiva assim. Eu não precisava disso. No fundo, eu realmente só queria voltar para aquele prédio de merda e engatinhar na cama de Cora novamente. Talvez ficar lá pelo resto da minha vida, alternando entre jogar Verdade ou Mentira, ouvir sua risada e fazer amor com ela.

No entanto, quando vi fotos daquele apartamento online, tudo o que pude ver foi a Cora.

Seus pés descalços pisando no chão de madeira escura – sem uma partícula de carpete em qualquer lugar à vista – enquanto ela saía do quarto vestindo nada além de uma das minhas camisas de botão.

Seu sorriso sonolento enquanto ela dava a volta na grande ilha de mármore para chegar até mim.

Seus braços envolvendo meus quadris e seu rosto se aninhando no meu peito, me fazendo sentir mais vivo do que em toda a minha vida.

Seus lábios macios roçando nos meus enquanto ficava na ponta dos pés para me dar um beijo muito breve antes de pegar a xícara de café da minha mão.

Seu suspiro quando bebia e agia como se a cafeína tivesse tocado sua alma.

Pacífica. Contente. Abençoada além de qualquer explicação.

Cora nunca veria aquele apartamento, mas com aquele cenário passando na minha cabeça enquanto eu percorria as fotos, esvaziei outra boa parte da minha aposentadoria e comprei – totalmente mobiliado – na hora.

E foi exatamente essa cena que me atingiu quando Savannah e eu entramos, o bipe do alarme de segurança agindo como se fosse nosso comitê de boas-vindas.

Só que, para meu infortúnio, Cora não estava em lugar algum.

E o lembrete constante de que ela nunca estaria ali era sufocante.

Savannah tirou e largou os sapatos e saiu entrando pelo vestíbulo, sem nunca desacelerar.

— Hum, olá. Os sapatos — eu repreendi, digitando uma série de

números no painel de segurança.

Eu escutei sua bufada, talvez um gemido exagerado. Ela nem mesmo demonstrou ter escutado.

— Ei! — chamei enquanto ela desaparecia no corredor.

Jesus. Adolescentes são impossíveis.

Chutando seus sapatos para fora do caminho, andei até a ampla sala de estar e prontamente desabei no sofá de couro cor de chocolate. Não era nem meio-dia, mas parecia meia-noite. Eu não estava dormindo bem, claro. Minha mente era uma confusão repleta de culpa, ressentimento e vingança.

Mas eu tinha umas merdas para fazer. Eu não poderia ficar ali o dia todo largadão do jeito que eu queria tão desesperadamente.

Respirando fundo, fiz menção de levantar, parando quando Savannah reapareceu com uma tigela de água e um saco de compras branco pendurado nos dedos. Ela vestiu uma calça de pijama de bolinhas rosa e uma camiseta grande combinando, peças que eu escolhi para ela. Apenas um dia antes, ela me disse que eram roupas de criança de seis anos e ameaçou tacar fogo nelas.

— Senta — ela ordenou, fazendo o mesmo na beirada da mesa de centro. Ela colocou a tigela de lado e começou a rasgar a gaze, preparando-a com creme antibiótico.

Nos últimos dez minutos, ela chorou, fez uma piada e me ignorou.

Ela nunca se desculparia. Mas isso, vestir roupas que odiava enquanto se oferecia para cuidar do ferimento na minha perna, era sua bandeira branca.

Eu ainda precisava descobrir como conseguir uma nova certidão de nascimento para que pudesse registrá-la em um programa de reabilitação. Subestimei muito a documentação necessária para obter uma pequena ajuda médica. Cacete, eu não tinha ideia de como Cora a havia matriculado na escola. De acordo com minhas pesquisas, eu precisava de tudo, incluindo um frasco de sangue e uma cabra para oferecer em sacrifício para que ela fosse matriculada novamente.

Mas toda essa merda poderia esperar mais um dia.

E só por essa razão, puxei a perna da minha calça jeans e apoiei a bota na mesa ao lado dela.



CAPÍTULO 4

Cora

— Não — eu rebati.

— O que você quer dizer com *não*? Você deu cinco mil para Jennifer. E eu recebo duzentos dólares? — Meredith perguntou, completamente insultada.

— Você recebeu duzentos dólares *e* uma reabilitação — eu corrigi. — Quando você terminar lá e ficar limpa por mais de trinta dias, eu pagarei uma passagem de avião para você ir para a casa de sua irmã na Virgínia. E quando você conseguir um emprego que realmente exija que você pague impostos e fique limpa por mais trinta dias, eu pagarei o primeiro e último mês de aluguel em um apartamento só seu.

— Isso não é justo! — ela gritou, olhando ao redor da sala, procurando alguém para a apoiar.

Jennifer estava surpreendentemente calada. As lágrimas ainda escorriam pelo seu rosto depois de ouvir a notícia de que eu — ou, na verdade, Penn — ia pagar seu primeiro ano de faculdade, e eu lhe dei cinco mil para comprar um carro e um guarda-roupa com um pouco mais de tecido.

— Meredith, eu vou te dizer mais uma vez e então, se você continuar com essa merda, você vai sair daqui sem nada. Não estou aqui para financiar sua vida. Estou aqui para garantir que você viva o suficiente para realmente ter uma. Então pegue o maldito dinheiro. Vá comprar uma escova de dentes e um sabonete, e eu te mando uma mensagem com os detalhes do programa de reabilitação que vou arrumar para você. A escolha é sua se você quer aparecer ou não. Mas se você não aparecer, então este será o último dinheiro que você vai conseguir de mim. Você entendeu?

Ela estava tão puta, que seu rosto estava ficando vermelho.

Eu não poderia me importar menos.

Penn tinha morrido para que elas recebessem aquele dinheiro. Se elas não quisessem, eu daria para alguém que quisesse. Simples assim. Fim da história.

Acenei os duzentos dólares em sua direção.

— Última chance.

— Que palhaçada — ela murmurou, mas arrancou o dinheiro da

minha mão e foi embora.

Eu não tinha certeza se ela aceitaria minha oferta de reabilitação, mesmo que precisasse. Desesperadamente. Ela vinha usando drogas e álcool para anestesiar a dor havia muito tempo.

E com uma agonia absoluta queimando em minha alma, eu a entendia mais do que nunca. Mas eu não tinha a capacidade de cair nas profundezas do desespero, como muitas das meninas tiveram ao longo dos anos.

Eu tinha de continuar.

Continuar andando.

Continuar... vivendo.

Mesmo quando eu não conseguia respirar.

Uma respiração de cada vez.

— Obrigada, Cora — Jennifer disse suavemente antes de me dar um abraço.

— Sem problemas. Cuida da matrícula o mais rápido possível e me avisa onde você foi aceita.

Ela assentiu, mais lágrimas caindo de seu queixo.

— E pare de chorar. Você merece isso. Você é inteligente, Jenn. Só mantenha sua cabeça erguida, e eu sei que você vai arrasar na faculdade.

— Eu prometo. Eu vou.

— Agora saia daqui. Você tem compras a fazer.

Ela assentiu novamente e foi embora, mas Drew a parou perto da porta.

— Encontre um carro em que está interessada, me liga, e eu vou dar uma olhada antes de você comprá-lo. Vendedores de carros usados adoram roubar mulheres desavisadas.

Ela sorriu para ele.

— Obrigada, Drew.

Ele deu uma piscadela, mas não havia nada de sedutor nisso. Foi doce.

Com exceção de ficar indo até a unidade de armazenamento para pegar mais dinheiro e comprar um jantar ocasional, ele não tinha saído do nosso lado desde o incêndio. Eu não tinha certeza se ele estava nos usando como uma distração para escapar da realidade de ter perdido seu irmão. Ou talvez estivesse genuinamente preocupado comigo e ficou para garantir que tudo estava seguindo nos conformes. De qualquer forma, era bom o ter por perto.

A princípio.

Na última semana, estávamos todos em suspensão. O sol nascia todas as manhãs e se punha todas as noites, mas essa era a única coisa que parecia normal. Todo o resto era um território estrangeiro.

A vida sem o caos de administrar o prédio.

A vida sem o medo de Marcos e Dante.

A vida sem o calor dos braços de Penn.

Eu ainda estava confusa sobre o que realmente aconteceu naquela noite. Eu fiz a Drew um milhão de perguntas diferentes, mas ele não parecia ter nenhuma resposta. Ou pelo menos nenhuma que ele me daria.

Ele jurou que não sabia de onde o dinheiro tinha vindo.

E me jurou que não tinha ideia do motivo de Penn estar no apartamento.

Ele me olhou bem nos olhos e me disse com veemência que estava tão confuso quanto eu.

Mas ele não estava, porque não tinha passado a última semana me fazendo exatamente as mesmas perguntas.

As pessoas por natureza buscam as respostas para o que não entendem. Especialmente quando se trata dos nossos entes queridos. Quando Nic foi assassinado, eu estava presente e *ainda* procurei uma explicação dos Guerrero para os eventos que levaram à sua morte.

Mas se Drew definitivamente parecia afetado por ter perdido Penn, ele não estava consumido pela dor.

A polícia esteve várias vezes no hotel para falar com Drew. Ele sempre saía até o corredor ou os encontrava no saguão. No começo, eu pensei que era porque estava me protegendo de mais dor.

Mas, mais recentemente, eu estava suspeitando que talvez ele estivesse realmente me protegendo da verdade.

Eu tive meu quinhão de conversas com os policiais também, mas eles não pareciam ter mais respostas do que eu.

Depois que Manuel foi preso com uma lista de condenações, a polícia estava de olho em Marcos e Dante há anos. Eles se tornaram os principais suspeitos quando o famoso promotor público da cidade, Thomas Lyons, anunciou que sua esposa e seu filho estavam desaparecidos – uma palhaçada que incluiu uma coletiva de imprensa cheia de lágrimas, a grande notícia no horário nobre. Naquela época, eu achava que isso era o equivalente a declarar a Terceira Guerra Mundial. E enquanto eu teria amado que Thomas terminasse o que começou e derrubasse o resto da família Guerrero, surpreendentemente ele nunca fez nada. Ele tinha o poder, mas eu suspeitava que gostasse da atenção nacional, e o mistério

de tudo isso definitivamente não havia prejudicado sua carreira. O rótulo de “vítima enlutada” só tornara seu disfarce de justiceiro muito mais impressionante enquanto ele, sozinho, cuidava da população criminoso da cidade.

Os policiais nunca deixaram passar o desaparecimento de Catalina, e ver Thomas, que eles consideravam um dos seus, perder a família só pintou um alvo maior nas costas dos Guerrero. Mas eles nunca conseguiram nada para incriminar nenhum deles. Agora, porém, com um vídeo de Marcos e Dante perseguindo um homem em um apartamento, aquele homem sendo meu namorado e eu sendo a esposa de seu irmão morto, não era como se eles estivessem gastando muito tempo tentando provar a inocência dos Guerrero.

Especialmente depois que uma busca em suas casas revelou um corpo fresquinho enterrado no quintal de Marcos e mais de um milhão de dólares em drogas na casa de Dante. No que dizia respeito à polícia, tudo estava embrulhado com um lindo laço vermelho para eles. Caso encerrado.

Quanto a mim, eu estava mais preocupada com a *forma* como isso aconteceu.

A causa oficial da morte de Dante e Marcos foi inalação de fumaça, mas eles sofreram traumas significativos no rosto e corpo antes disso. Os policiais concluíram que foi por brigar com Penn dentro do apartamento antes do incêndio começar.

Enquanto isso, a causa oficial da morte de Penn foi considerada homicídio, graças a uma bala no peito.

Eu vomitei por mais de uma hora depois que o detetive Morris nos informou disso.

Mesmo em um estado de total agitação emocional, mantive um olho em Drew.

Ele era *irmão* de Penn, afinal de contas. Sua única resposta foi soltar um palavrão alto, agradecer ao detetive, e então sentar no chão do banheiro comigo, alternando entre esfregar minhas costas e olhar para seus sapatos. Foi estranho. Mas cada um lidava com as emoções de forma diferente.

Depois ficou mais estranho. Drew ainda estava esperando a cidade liberar o corpo de Penn enquanto, nos últimos dias, comecei a planejar uma pequena cerimônia memorial. Eu nunca tinha visto Drew tão bravo como quando contei a ele sobre isso. Ele saiu da sala e se sentou no corredor com os antebraços apoiados nos joelhos, a cabeça pendurada entre os braços por mais de duas horas. Eu talvez (leia: com certeza)

tenha o observado pelo olho mágico por pelo menos metade desse tempo. Ele não falou nada enquanto engatinhava na cama naquela noite. E no dia seguinte, ele não mencionou nada.

Sim. Era seguro dizer que algo *definitivamente* não estava certo. E mesmo que não tenha sido capaz de entender isso tudo, não iria desistir.

Com o passar dos dias, minha paciência com ele começou a se esgotar. Mas se havia uma coisa que aprendi nos treze anos desde que Nic morreu, foi que a raiva não me levaria a lugar nenhum. No entanto, um sorriso desprezioso e um plano bem pensado? Sim. Era a melhor tática.

— Alguém mais vem hoje? — Drew perguntou, abrindo a fechadura no alto da porta depois que Jennifer saiu.

Sentei-me ao lado de River na cama. Ela afastou o laptop para me dar espaço.

Eu dei um sorriso agradecido..

— Não, foram apenas elas duas. Quanto temos?

Ele puxou o telefone, seus dedos deslizando pela tela no que eu assumi ser a calculadora.

— Acho que dependendo de quanto custa fazer a faculdade hoje em dia, tem um pouco mais de seiscentos.

Eu gemi. Tinha muito o que fazer. Eu não estava ansiosa para dar a nenhuma das garotas uma tonelada de dinheiro. Seria muito fácil que fossem roubadas ou gastassem vinte dólares de cada vez até que não tivessem mais nada. Em vez disso, eu estava pagando o máximo que podia para empresas, complexos de apartamentos, faculdades, médicos e, em breve, algumas instalações de reabilitação diferentes. Como tudo isso tinha que ser feito por meio de transações em dinheiro, era incrivelmente demorado.

Mas me manter ocupada era muito melhor do que só sentir a dor lancinante que vinha cada vez que pensava em tudo o que tínhamos perdido.

River olhou para mim.

— Você realmente vai doar todo esse dinheiro?

— Você tem uma ideia melhor?

Ela virou o computador para me encarar.

— Sim. Encontrarmos um apartamento que custe mais de setecentos dólares por mês. Aqui não é muito melhor que nossa última moradia.

— Baby, temos mais de um milhão de dólares em dinheiro, e eu tenho uma ficha suja e não trabalho. Se conseguirmos algo que custe mais de

setecentos dólares por mês, é o mesmo que pendurar uma bandeira vermelha na porta. Além disso, você vai simplesmente esquecer que as outras meninas existem? O que você acha que vai acontecer com elas? Dante morreu, mas isso não significa que outra pessoa não esteja esperando para tomar o lugar dele. E quem sabe? Talvez o próximo cara seja pior. Cuidamos umas das outras. Isso significa eu e você. E nós e elas.

Ela se mexeu desconfortavelmente e voltou seu olhar para a tela.

— Ok. Vou continuar procurando.

Joguei meu braço ao redor de seus ombros.

— Escuta. Vou aumentar para setecentos e cinquenta. Isso torna as coisas mais fáceis?

Ela começou a percorrer as listas de apartamentos novamente.

— Nah, pode ser setecentos. Nós ficaremos bem.

Deus, ela era uma boa garota.

Drew se acomodou na cama ao nosso lado, pegou o controle remoto e apontou para a TV.

— Então, o que vamos fazer esta noite, senhoras? Você quer alugar um filme ou algo assim?

— Por que você não vai dar uma volta? — sugeri.

Sua cabeça se virou rapidamente na minha direção.

— Você está tentando se livrar de mim?

Sim, pensei.

— Talvez — eu provoquei.

Ele abriu a boca como se estivesse sentindo a dor de levar um soco, mas antes que tivesse a chance de responder, uma batida forte soou na porta.

O humor em seu rosto desapareceu quando ele perguntou:

— Você está esperando alguém?

Eu balancei a cabeça, o pânico explodindo dentro de mim. River deve ter sentido isso, porque ela colocou o computador de lado e se sentou.

Ele deu um salto da cama e caminhou até a porta, soltando um palavrão antes de abri-la.

— Detetive Morris, como posso...?

— Onde está Cora?

Eu voei para fora da cama, meu coração pulando na garganta quando o detetive — acompanhado de dois policiais uniformizados — entrou no quarto.

O olhar castanho-escuro do detetive passou por cima do meu ombro.

— River Guerrero?

— Sim? — ela respondeu.

Um dos policiais avançou sobre ela, murmurando um “estamos com ela” no rádio em seu ombro.

Abrindo meus braços como se pudesse escondê-la, eu o interrompi:

— Você está com quem? Do que se trata?

O olhar do detetive se voltou para o meu.

— Você precisa vir comigo. Vocês duas. Agora.

River se chocou contra minhas costas, seu corpo já tremendo. Meu coração trovejou em meus ouvidos quando entrelacei sua mão com a minha.

— Por quê? — perguntei, examinando a sala. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram enquanto os policiais continuavam a se aproximar.
— O que está acontecendo?

Ele plantou as mãos nos quadris e desconfortavelmente desviou o olhar. Eu não conhecia bem o detetive Morris, de forma alguma, mas eu o tinha visto o suficiente na última semana para ser um tanto amigável com ele. Ele foi gentil sempre que nos falamos, gentil como se quase se sentisse mal por mim.

E meu nervosismo atingiu seu máximo quando tive a nítida sensação de que ele não queria estar nessa posição mais do que eu queria que ele estivesse.

— Temos um mandado de prisão para você, Cora. Vou pedir que gentilmente se afaste da criança e venha comigo.

Meus pulmões pararam e minhas mãos começaram a tremer.

— Pelo... pelo quê?

— O quê? — Drew rosnou atrás dele, mas não consegui vê-lo no cômodo repentinamente lotado.

— Negligência infantil — disse Morris. — Agora, você vem sem causar problemas, e eu não vou algemá-la na frente da criança.

— Mamãe! — River gritou, o medo em sua voz me cortando até os ossos.

— Está tudo bem — eu respondi como uma reação automática. Claramente *não estava* tudo bem. Mas é aquilo, nunca tinha estado, e nós sobrevivemos do mesmo jeito. — Que tipo de negligência?

Um dos policiais uniformizados fez um movimento para agarrar o braço de River, e eu dei um passo para o lado para bloqueá-lo.

— Espere. Espere. Espere. — Ergui as mãos. — Eu não fiz nada de errado.

Morris desviou o olhar.

— E você vai poder explicar isso a um juiz. Mas, por enquanto, preciso que River vá com o policial DeSalva e você venha comigo.

Ele apontou o queixo por cima do meu ombro, e o outro oficial uniformizado entrou, pegando River pelo braço.

Ela começou a chorar quando eles a puxaram para longe, e cada lágrima me atingiu como um ferro em brasa. Ela passou por tanta coisa em seus treze anos. Nós nunca tivemos os policiais aparecendo e a levando antes, mas vê-la sendo arrastada para fora do meu alcance não era algo novo para nós duas.

Mas esta não foi a primeira vez.

Naquele momento, era diferente. Não estávamos mais presas aos Guerrero.

Eu estava livre.

Devíamos ser livres.

— Mamãe! — ela chamou enquanto a carregavam em direção à porta, seus olhos castanhos ancorados em mim por cima do ombro.

— Relaxe, querida. Vai ficar tudo bem — eu menti, esperando que pudesse fazer de minhas palavras uma verdade. — Vá com o policial, e a gente se vê em breve. Eu prometo.

O pânico em seus olhos enquanto ela desaparecia pela porta me destruiu.

Assim que ela se foi, o segundo oficial uniformizado se aproximou de mim, dolorosamente torcendo meus braços enquanto forçava minhas mãos atrás das costas. O metal frio de suas algemas apertou meus pulsos, beliscando minha pele. Mas minha mente estava muito ocupada tentando descobrir meu próximo passo para prestar atenção na dor.

— Drew? Drew? — gritei, beirando a histeria.

— Estou aqui, Cor — ele respondeu do corredor, onde estava com dois outros policiais.

Jesus. Eles enviaram quatro policiais e um detetive? Esse deveria ter sido o momento em que ouvi os sinos de alarme. Eles sabiam exatamente onde eu estava, e eu estava mais do que cooperando durante toda a semana, mas eles enviaram *quatro* policiais e um detetive atrás de mim como se eu estivesse mantendo River sob a mira de uma arma. Eu estava muito focada em como traria River de volta para sequer considerar os motivos daquilo tudo.

— Eu preciso que você me arrume um advogado — eu disse a Drew.
— Um bom, ok?

Seu rosto estava duro como pedra enquanto olhava para o policial que me empurrava rudemente pelo corredor, mas ele me deu um breve aceno de cabeça e disse rapidamente:

— É para já.

— Por favor. Depressa — eu soltei em um fôlego só.

— Cora Guerreiro? — o policial chamou.

— Sou eu! — eu disse, me levantando do banco na cela em um salto e correndo em direção à porta.

— Mãos — ele ordenou.

Enquanto ele colocava as algemas, perguntei:

— Você pode me dizer onde está minha filha?

— Não. Agora pare de falar.

Meu estômago embrulhou. Eu estava ficando mais nervosa a cada minuto. Eu estava lá há mais de três horas sem ouvir nada sobre River ou meu advogado.

— Meu advogado já está aqui? Eu realmente gostaria de falar com ele.

— Na verdade, ele está — respondeu ele.

Soltei um suspiro trêmulo, um alívio inebriante percorrendo minhas veias.

— Oh! Graças a deus. — Mas eu não conseguia parar de me preocupar com o local para onde eles levaram River.

Pelos padrões da maioria das pessoas, a vida que eu dei a ela não era ótima, mas pelo menos eu a amava.

Com todo o meu ser.

Eu sempre me certifiquei de que ela fosse bem-cuidada. Sim, ela veio de uma família de criminosos, mas eu a ensinei a diferença entre o que é certo e o que é errado. E quando era pequena, eu sempre a levava a médicos e dei todas as vacinas disponíveis. Agora que ela estava mais velha, eu não podia pagar por um aparelho nos dentes ou algo do tipo, mas River nunca teve uma cárie. Toda noite, ela via as garotas saírem para o trabalho, e eu me esforçava para cacete para garantir que ela entendesse que valia muito mais do que apenas seu corpo. Eu nunca quis essa vida para ela. Então gastei cada minuto, cada recurso e cada oportunidade que tive a preparando para coisas maiores e melhores do que jamais pude lhe proporcionar.

Eu estava longe de ser uma mãe perfeita, mas me esforcei ao máximo

para isso.

Todos os dias.

E enquanto eu concordava de todo o coração que ela merecia mais do que isso, sabia que o sistema de adoção nunca daria a ela mais do que eu poderia. Eu tive minha cota de garotas chegando ao prédio com dezoito anos, recém-saídas do sistema de adoção, para acreditar que esse era um bom caminho.

O policial diminuiu a velocidade até parar no final do corredor e então abriu uma porta à minha esquerda.

— Entra. — Ele não me seguiu.

Com exceção de uma mesa e duas cadeiras, a sala estava totalmente vazia. Não havia janelas, nem espelhos de dupla face. Não era como nada que eu tinha experimentado em prisões anteriores.

Era apenas um quarto branco, como se um alvejante tivesse removido todas as cores – e esperança.

— Sente-se. Eu volto já. — Ele deixou a porta se fechar silenciosamente, e não ouvi o clique de uma fechadura sendo trancada.

Procurando por uma câmera ou qualquer sinal de vida externa, eu me aproximei e usei meu dedo do pé para puxar a cadeira antes de me jogar nela.

Balancei as pernas sob a mesa enquanto esperava. Por hábito, levei a mão à estrela em meu pescoço, mas lembrei que eles a tiraram de mim quando cheguei aqui. Eu tinha dois strikes, mas supondo que nenhuma droga tivesse se enfiado em meus bolsos por vontade própria, eu provavelmente ficaria bem.

Foi essa falsa confiança que fez o golpe de ver aquele rosto aparecer na porta parecer um soco capaz de me dar um nocaute.

— Olá, Cora — Thomas Lyons falou lentamente enquanto entrava na sala.

Ele tinha envelhecido visivelmente desde a última vez que o vi. Eu não conseguia me lembrar exatamente o quanto ele era mais velho do que Catalina, mas manchas grisalhas agora apareciam em seu cabelo castanho-escuro. Seus olhos azuis eram amigáveis o suficiente para que ele parecesse uma pessoa acessível, mas eu sabia muito bem quão obscura sua alma era.

Ele abriu o botão do paletó enquanto se sentava. Minha atenção foi atraída para o anel de casamento que ele ainda usava na mão esquerda. Mas aquilo era para chamar atenção. Thomas era desesperado por atenção.

— O que diabos você está fazendo aqui? — perguntei.

Ele sorriu, cheio de arrogância.

— Ouvi dizer que os policiais te pegaram. Achei que talvez você precisasse de algum conhecimento jurídico.

Eu afundei as mãos no meu colo para que ele não pudesse vê-las tremer.

— Você ouviu? Ou os mandou atrás de mim?

Ele deu de ombros, virando-se de lado para cruzar as pernas como o idiota pretensioso que era.

— Detalhes. Tudo o que importa é que estou aqui para te tirar daqui.

Meus níveis de esperança ficaram negativos. Thomas nunca tinha feito nada por pura bondade do coração em toda a sua vida. E não ia começar agora.

— Ah, é? E o que isso vai me custar?

Seus olhos se estreitaram, mas seu sorriso não vacilou.

— Onde ela está, Cora?

Meus batimentos cardíacos trovejaram em meus ouvidos, mas eu me mantive impassível.

— Não faço ideia de quem você está falando.

— Certo. Claro que não. — Ele entrelaçou os dedos e os apoiou no joelho. — Mas vamos falar hipoteticamente aqui. Vamos fingir por um segundo que há uma certa criança que pode ou não estar em grave perigo. Veja, sua mãe é uma prostituta com uma ficha com várias condenações por drogas, e mais de uma vez, ela teve a criança mencionada tirada dela. O que você acha que aconteceria se, digamos, um tio preocupado, que também é um homem de muitos poderes, pedisse um favor para que a criança fosse removida permanentemente dos cuidados da mãe?

Meus pulmões arderam, e o ar na sala se tornou tóxico, mas eu sustentei seu olhar e impedi que as lágrimas em meus olhos caíssem.

— Bem, hipoteticamente, é claro, parece que aquele tio preocupado está fazendo algumas suposições sobre a mãe e está tentando controlar uma situação sobre a qual ele não sabe absolutamente nada. Se eu fosse chutar, diria que ele provavelmente estava compensando algumas *inadequações pessoais*, se é que você me entende. No entanto, se eu fosse aquela mãe, o que claramente não sou, já que você mencionou que ela era uma prostituta, meu conselho para ela seria parar de falar com o idiota e esperar pelo advogado dela.

Ele riu.

— Você quer dizer Frank Esposito? Sim, eu o vi na entrada. Esse homem é uma fera quando se trata de direito de família.

Oh! Graças a deus. Drew tinha conseguido.

— Certo. Então, por favor, dirija todos os outros jogos hipotéticos para ele.

— Eu o mandei embora.

Eu me levantei num pulo, a cadeira caindo atrás de mim.

— Você não pode fazer isso!

— Cora, querida. Frank e eu jogamos golfe todo fim de semana. O que você esperava?

Eu esperava que, pela primeira vez na minha vida, alguém realmente me ajudasse, mesmo que eu tivesse que pagar por isso. Eu deveria saber. A lei só é justa quando todos seguem as mesmas regras.

Ele se levantou de seu assento e vagou ao redor da mesa. O pânico explodiu dentro de mim, eu tentei me afastar, mas o ambiente era pequeno demais para me permitir qualquer espaço. Minhas costas bateram na parede quando sua mão encontrou minha garganta.

— Pare — eu sibilei, agarrando seu pulso, mas isso só o fez me apertar mais, até que respirar se tornou uma tarefa impossível. Frenética, olhei para a porta, implorando para que alguém passasse. Mas mesmo que alguém surgisse, eu não tinha certeza se essa pessoa de fato se importaria.

Inclinando-se, ele aproximou os lábios da minha orelha e rosnou:

— Você está no meu mundo agora. Perder River é apenas uma amostra de como eu poderia te foder. Você acha que Manuel está apodrecendo em uma cela de prisão porque cooperou comigo? Não me teste, Cora. Esta não é uma luta que uma mulher como você quer enfrentar.

A pressão no meu peito aumentou enquanto a adrenalina e a falta de oxigênio deixavam minha cabeça leve.

— O que você quer? — consegui dizer.

Esperei que ele me perguntasse mais uma vez onde estava Catalina.

Esperei que ele me batesse ou gritasse comigo.

Esperei que ele me estrangulasse até que eu desmaiasse ou morresse, quando eu falasse que não sabia onde ela estava.

Mas eu nunca, nem em um milhão de anos, achei que ouviria aquelas palavras.

— Diga a ela para ficar longe — disse, fervendo. — Juro por Deus, se

ela ao menos pensar em aparecer aqui para reivindicar a herança dos irmãos, pensando que vai poder voltar e arruinar minha carreira porque agora tem um trocadinho no bolso... Ela que se foda. Eu vou matar vocês duas antes de deixar isso acontecer.

Minha visão estava turva, e meus pulmões estavam gritando por oxigênio, minha mente não conseguia processar suas palavras. Era como se ele estivesse falando em uma língua diferente.

Thomas passou anos tentando encontrar Catalina. Da mesma forma que os Guerrero pensavam que me possuíam, Thomas acreditava com todo o seu coração que ele a possuía. Manuel a tinha dado a ele como um presente. Aos olhos dele, ela era a sortuda. Ninguém nunca havia se afastado de um homem como Thomas Lyons. Adicione ao fato de que ela levou a filha com ela... Impensável. Eu sempre imaginei que ele ainda estaria tentando encontrá-la para fazê-la pagar. Mas agora ele queria que ela ficasse longe dele?

— Eu não... — *estou entendendo.* — Sei onde ela...

Ele me deu uma sacudida forte, me jogando contra a parede, tirando o pouco ar que restava no meu peito. Aproximando-se de mim, ele pressionou seu corpo grande contra minha lateral.

— Não minta para mim, caralho. Você sabe onde ela está. Você *sempre* soube. Eu estava disposto a te deixar guardar seu segredo quando isso me beneficiava. Mas se Catalina pensar por um segundo que os irmãos fodidos terem virado pó é a deixa para sair de seu esconderijo, ela obviamente precisa de um lembrete de quem realmente precisa temer.

Eu ofeguei quando ele deslizou a mão até minha mandíbula. Seus dedos beliscaram meu rosto enquanto inclinava minha cabeça para que eu pudesse olhar para ele.

Seu olhar malévolo travou no meu enquanto dizia com ardor:

— Se você quiser ver River novamente, você vai pegar a porra do telefone e dizer a essa piranha para *ficar... longe.*

Ele me soltou com um empurrão, a dor explodiu em minha cabeça quando me choquei contra a parede. Seja por causa de minhas pernas trêmulas, a visão turva ou o peito arfante, minha capacidade de me equilibrar desapareceu. Minhas únicas opções eram cair de cara ou cair de bunda no chão.

Escolhi a última opção, mas mantive meus olhos em Thomas o melhor que pude.

Ele ajeitou o paletó e passou a mão por cima do cabelo para arrumá-lo.

— Tomei a liberdade de agendar sua audiência com o juiz Mayso para

a próxima semana. Antes que você fique muito animada, ele me deve mais favores do que se imagina. Dê o recado para Catalina, e vou me certificar de que as acusações sumam e você tenha a guarda River de volta, sem fazer nenhuma pergunta. Mas estou de olho em você, Cora. Se eu sentir o cheiro daquela piranha nesta cidade, você já pode ir dando um beijo de despedida naquela criança. Diga que entendeu.

Com o coração na garganta, assenti.

— Diga! — ele exigiu, vindo em minha direção.

Eu disse ao meu corpo para não vacilar. Eu queria ser forte o suficiente para bloquear minhas emoções do jeito que me treinei durante a última década. Mas em apenas uma semana, eu me tornei tão emocionalmente exposta, que não podia mais fingir. Naquele momento, todas as emoções que eu já possuí estavam em guerra dentro de mim, meu corpo fisicamente havia se tornado nada mais do que campos de batalha devastados e abandonados.

Era para ter acabado.

Eu deveria ser livre.

Mas talvez a liberdade não passasse de uma ilusão para convencer pessoas como eu a continuarem trabalhando no inferno. Sem a luz no fim do túnel, aceitaríamos a escuridão pelo que ela realmente era: eterna.

Fechei os olhos, me preparando para seu ataque, e disse apressadamente:

— Eu entendi. Eu te ouvi. Ela não vai voltar. Eu prometo.

— Espero que, para o seu bem, você possa manter sua palavra.

Olhei para cima assim que ouvi seus passos se afastando. A porta se abriu silenciosamente, o som de pessoas ao longe sendo a única prova.

Ele fez uma pausa antes de sair.

— Você está livre para ir, sra. Guerrero. Cuide-se.

Então ele se foi.

E eu estava sozinha.

Absoluta. *Totalmente*. Sozinha.



CAPÍTULO 5

Cora

Faltava pouco para a meia-noite quando saí da delegacia. A caminhonete de Penn estava parada na frente, e a visão de Drew saindo pela porta do motorista pareceu o mais doce alívio e, ao mesmo tempo, uma boa dose de sal em uma ferida.

Ele era um rosto amigável.

E um mentiroso.

Mas, por mais triste que fosse, também era a única pessoa que me restava.

As lágrimas finalmente escaparam de meus olhos quando ele veio correndo e me envolveu em um abraço apertado que parecia sem graça em comparação com o do irmão.

— Você está bem? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça.

— Não. Nem mesmo perto disso.

Pegando em meus ombros, ele me afastou um pouco.

— O que está acontecendo? Do que eles estão te acusando?

Limpei a umidade escorrendo pelo meu rosto.

— Ser uma Guerrero. — Indo em direção à caminhonete, perguntei: — Você trouxe meu telefone?

Ele veio andando ao meu lado.

— Sim. Está no assento. Você ouviu alguma coisa sobre a River? Podemos ir buscá-la?

Senti como se houvesse uma faca enferrujada dentro de mim e alguém a tivesse torcido.

— Não. O serviço social vai ficar com ela até a data do meu julgamento, na próxima semana.

— Que diabos? Você não fez nada de errado. Eles não podem acusá-la de colocar crianças em risco sem provas.

— Se você é Thomas Lyons, você pode.

Drew parou de repente.

— O que você disse?

Continuei andando, focada demais em ligar para Catalina para me

preocupar com a reação dele.

Depois de ir direto para a porta do passageiro, me inclinei para pegar meu telefone.

— Eu preciso de um minuto — eu disse, procurando em meus contatos o número dela. Dei exatamente um passo antes de quase bater o rosto no peito de Drew.

— Repita — ele rosnou. — O que você disse?

Eu inclinei a cabeça para trás, e a luz da rua no estacionamento iluminou a fúria gravada em seu rosto.

Sua raiva se abateu sobre mim, seus olhos arregalaram, e ele explodiu:

— E o que diabos aconteceu com seu rosto?

Passei a mão na mandíbula dolorida. Eu já podia sentir os hematomas das pontas dos dedos de Thomas se formando no meu rosto e pescoço – um lembrete não tão sutil de que eu tinha algo a fazer.

— Sai da frente. Preciso fazer uma ligação.

Ele agarrou meu braço, me puxando contra si.

— Não. Pode abrir o bico. Thomas Lyons fez isso com você?

— Sim! — respondi, minha voz ecoando nos carros estacionados ao nosso redor. — E se você não sair da minha frente e me deixar fazer esta ligação, ele vai fazer muito mais. — Eu me desvencilhei de seu aperto.

Seus olhos ficaram escuros, seus lábios se apertaram e seu corpo esguio de repente pareceu ameaçador.

— Entre na caminhonete — ele ordenou em um resmungo baixo.

— Sai da... Ei! — Ele não foi rude, tampouco foi gentil; um segundo depois, eu me encontrei dentro da caminhonete de Penn, a porta bateu atrás de mim, e Drew deu a volta no capô. — Não acredito que ele usou de força comigo — eu sussurrei para mim mesma, o trauma do dia finalmente se manifestando em raiva violenta.

Drew abriu a porta e entrou, e foi quando eu gritei em um nível que nunca deveria ser usado em um veículo fechado.

— Não me diz que você usou de força comigo!

— Usei, com certeza. — Ele deu a partida na caminhonete, engatou a ré e, em seguida, pisou no acelerador, quase saindo da vaga de estacionamento.

— Você está brincando comigo? — Peguei meu cinto de segurança e o apertei. — Porque claramente meu dia não foi ruim o suficiente, você precisa agir que nem um psicopata comigo também?

Sua mandíbula tremeu quando manobrou do meio-fio para a estrada.

— Que porra você quer dizer com ele vai fazer muito mais? Comece do início. Quero ouvir todas as porras de detalhes que envolvem Thomas Lyons.

— Oh, e agora eu deveria estar respondendo às *suas* perguntas? Quando você tem mentido para mim ao longo da semana toda?

Ele desviou o olhar da estrada por tempo suficiente para olhar para mim.

— Que diabos você está falando? Eu não menti para você.

— Mentira! — gritei, me virando de lado no banco para que pudesse enfrentá-lo. — Você tem mentido para mim sobre *tudo* desde a noite do incêndio. Eu não sei por quê. E eu não sei o que você está escondendo. Mas não ouse sentar aí e exigir uma explicação de mim quando você mesmo não me diz nada.

Ele respirou fundo como se estivesse procurando por paciência.

— Já lhe ocorreu que talvez eu esteja tentando protegê-la?

— Já lhe ocorreu que eu não quero ser protegida? Eu quero a verdade. Passei minha vida inteira sendo enganada, manipulada e controlada, e agora você quer que eu apenas cale a boca e engula mais mentira vinda de você?

Ele abriu a boca, mas eu não tinha tempo para mais explicações de merda. Elas não esclareceriam nada mesmo.

— Poupe sua saliva, ok? — Peguei meu telefone novamente, mas minha mente estava girando em muitas direções diferentes para lembrar como eu havia registrado o número de Catalina. Não que eu pudesse ligar para ela na frente de Drew de qualquer maneira.

Ou não fazia mais diferença?

Eu não quis explodir com Drew, apesar de não estar me sentindo nem um pouco mal por isso. Com tudo o que estava acontecendo, essa nova merda vinda de Thomas, River longe, minha inabilidade de encontrar Savannah, o buraco no meu coração por causa da morte de Penn... Eu não ia aguentar muito mais. Tudo no meu corpo doía — por dentro e por fora. Eu estava mais do que exausta. E, o pior de tudo, senti falta do conforto do meu inferno naquele prédio. Eu só queria ir para casa, ir para algum lugar onde alguma *coisa* – *qualquer coisa* – parecesse normal novamente.

— Não aguento mais, Drew. Não aguento mais.

— Não diga isso. — Ele suspirou. — Você não entende.

— Não. Eu realmente não entendo — eu disse, a cabeça voltada na direção do para-brisa. — Porque você não me deu uma chance de

entender o que está acontecendo.

— Jesus Cristo. — Ele disse isso como se fosse um xingamento, mas em seu tom havia resignação. — Você e Penn não costumavam jogar um jogo? Verdade ou Mentiras ou algo assim.

Minha garganta ficou apertada, e eu virei minha cabeça em sua direção.

— Não quero ouvir mais mentiras.

Por uma fração de segundo, os faróis do tráfego que se aproximava iluminaram a cabine da caminhonete, me permitindo ver seu estremecimento.

— Eu preciso de uma forma de contar, Cora. Algumas dessas merdas, você não precisa saber delas. E não é porque há um grande segredo que vai desvendar os mistérios do universo. É porque *eu* não queria saber dessas merdas. Eu vou te dizer o que eu puder, mas se houver algo que você não precisa saber, eu não vou responder.

Eu mordi o interior da minha bochecha. Não era o ideal. Mas qualquer luz era melhor do que ficar no escuro.

— Certo. Verdade ou Mentira.

— Tudo bem. Manda ver.

— Onde ele conseguiu um milhão de dólares?

— Mentira. Não sei.

Eu olhei de cara feia para ele.

— Ele roubou? Assaltou um banco? O quê? As meninas estão com o dinheiro agora. Elas vão ser presas por usá-lo?

— Verdade. Não. Elas vão ficar bem. Próxima questão.

Revirei os olhos.

— Ok, por que ele foi ao prédio naquela noite?

Ele gemeu e então mostrou um maço de cigarros.

— Você se importa se eu fumar enquanto conversamos?

Eu não me importaria se ele tricotasse um suéter enquanto realiza acrobacias em um trapézio, se fosse realmente me dizer a verdade.

— Vá em frente — eu respondi.

Ele desceu a janela antes de acender o cigarro. Então tragou profundamente algumas vezes e soltou a fumaça para fora da caminhonete.

— Ele estava chateado com o que Dante fez com Savannah, e ele sabia que não ia parar por aí. Depois de tudo que ele passou com Lisa, a ideia daqueles idiotas machucando você ou River... Bem, era mais do que ele

podia aguentar. Entreguei nossos registros de celular para a polícia. Eu não queria te contar porque pensei que só iria te machucar mais, mas ele ligou para Marcos e Dante naquela noite. Algumas vezes. Não sei o que foi dito, mas só posso imaginar que foi bem intenso.

Fechei os olhos. Sim, isso doeu. Saber que eu tinha sido o motivo de Penn fazer o que fez me atingiu como uma marreta.

Embora finalmente ouvir a verdade tenha tornado minha respiração um pouco mais fácil.

— Então ele cutucou a fera, e eles realmente apareceram? — perguntei.

— Pelo que eu compreendi, sim, foi exatamente o que ele fez.

Eu continuei, mesmo sentindo um nó na garganta.

— E ele começou o fogo, não foi? Esse era o plano dele o tempo todo, matar Marcos e Dante?

Ele deu outra tragada no cigarro, mas não me olhou.

— Sim.

— E ele fez isso por mim também, não foi?

— Sim.

Era uma resposta simples que não precisava de explicação.

Fechei os olhos quando eles começaram a arder. Eu estava cansada de chorar o tempo todo.

— Eu sabia — eu murmurei. — Porra, eu sabia.

A mão de Drew pousou na lateral do meu pescoço, e ele me deu um aperto suave.

— A verdade, Cora, é que ele te amava e faria o que fosse preciso para te deixar segura.

— Sim, bem. Se você quer ouvir a *minha* verdade, preferiria que eles ainda estivessem vivos para que Penn não estivesse morto.

— Eu sei. Mas você precisa entender que estou aqui, cuidando de você, fazendo o melhor que posso da maneira que sei que ele gostaria. Estou no seu time. E estou cansado de te ver chorar, então se eu puder evitar isso, às vezes, eu posso te contar uma mentira. Mas é só para te proteger. Nem todas as mentiras são ruins.

Aquela pequena confissão me fez gaguejar.

— V... você soa como ele. Ele costumava me dizer isso também.

— Ah, fala sério, o Penn não é tão inteligente.

Eu ri, mas a risada acabou em um soluço.

— Sinto falta dele, Drew. Muito, para cacete. E estou muito brava com ele. Achei que nunca encontraria alguém depois de ter perdido Nic. E eu nem quero tentar depois de perder Penn. Não vale a pena. Na minha vida, nada é permanente além da dor. É sempre um sprint atrás do outro. Eu nem recuperei o fôlego depois de perder Penn, e agora Thomas está tentando tirar River de mim?

A caminhonete diminuiu a velocidade até o acostamento da estrada, mas a represa dentro de mim já havia rompido antes que ele estacionasse.

— O que eu fiz de errado? Eu sou uma boa pessoa, mas estou cansada de ser forte. Estou cansada de lutar em batalhas perdidas. E estou cansada de tirar o melhor proveito de uma situação ruim para o bem de todos ao meu redor.

Drew estacionou a caminhonete e se inclinou em minha direção para me dar um abraço de lado, estranho.

— Shhh... se acalma. Respira fundo, nós vamos dar um jeito em tudo — ele tentou me tranquilizar.

Mas não consegui respirar fundo. Minha vida desmoronou no momento em que pus os olhos em Nic Guerrero. E agora, quatorze anos depois, não havia mais nada de mim além de ruínas e cacos. Nenhuma das peças se encaixava mais, e eu estava muito cansada de tentar encaixá-las.

— Eu desisto — eu disse contra seu ombro. — O universo pode clamar sua vitória, porque eu não aguento mais isso.

— Você não é do tipo que desiste. Ou não estaríamos sentados aqui agora.

Eu me sentei, enxugando os olhos.

— Ele levou minha filha, Drew. E a menos que eu consiga entrar em contato com Catalina e convencê-la a *não* voltar em busca da herança de seus irmãos, ele disse que vai tirá-la de mim para sempre. E Thomas é insano o suficiente para que eu acredite nele. Embora eu não tenha certeza se isso vai acontecer antes ou depois de ele me matar. O que, inclusive, ele também ameaçou. Então talvez eu deva me preocupar com isso primeiro.

No dia em que conheci Drew Walker, pensei que ele era simplório. Mas, em retrospectiva, isso só aconteceu porque ele estava ao lado de Penn.

Drew tinha um tipo diferente de beleza.

Era um tipo diferente de pessoa doce.

Era um tipo diferente de pessoa cuidadosa.

E, naquele momento, com a mandíbula apertada, os olhos semicerrados, os músculos tensos no pescoço e os lábios formando uma linha rígida, ele parecia meio assustador.

— Como é? — ele disse tão baixinho, que eu mal o ouvi acima do ronco do motor.

— E ele mandou o advogado que você encontrou embora. Aparentemente, eles costumam jogar golfe. Eeeeeeee... o juiz que vai ouvir o meu caso deve a Thomas um monte de favores. Como devo lutar contra isso? Porque, sério, se você tem uma ideia, sou toda ouvidos. Porque eu não tenho nada em mente.

— Ah, eu tenho um plano. — Ele olhou para mim. Seus lábios estavam curvados em um rosnado raivoso, seu peito subia e descia mais rápido a cada respiração, mas seus olhos não estavam focados. Era como se ele estivesse olhando através de mim.

Esperei vários segundos, mas ao ver que ele não me daria uma explicação, perguntei:

— Você gostaria de compartilhar comigo?

Ele piscou, virou-se em seu assento, colocou o carro de volta em marcha e pisou no acelerador.

— Não.

Eu o observei de perto enquanto Drew ziguezagueava pelo tráfego. Ele não estava dirigindo rápido ou de forma excessivamente agressiva, mas os músculos em seus braços se flexionaram como se ele estivesse tentando arrancar o volante da direção.

Quando abriu a porta do nosso quarto de hotel, ele tinha relaxado um pouco. Eu, por outro lado, estava uma bagunça só. Bastou um olhar para aquele quarto vazio, e eu quis desmoronar inteira de novo. Graças aos Guerrero, eu perdi anos do crescimento da River. Mas desde que Manuel foi preso, ela não passou uma única noite longe de mim.

Agora, eu nem sabia onde ela estava.

Suas roupas estavam espalhadas ao acaso, no que deveria ser uma pilha no canto, e seu telefone ainda estava carregando na mesa de cabeceira.

Nunca senti o peito tão vazio.

Mas chorar não traria minha filha de volta.

Drew estava certo: eu não era do tipo que desiste, por mais atraente que a ideia às vezes parecesse.

Eu não tinha dúvidas de que River me ligaria na primeira chance que

tivesse. Ela era inteligente, e por mais que eu odiasse toda a merda que precisou lidar em seus treze anos, me confortava saber que ela tinha ideia de como se comportar em qualquer situação.

Eu tinha uma semana até a data do tribunal. Precisava entrar em contato com Catalina e pensar em nosso próximo passo. Eu não poderia viver assim. Eu tinha acabado de me livrar de dois problemas para adicionar Thomas Lyons à minha lista. Mesmo que isso significasse encontrar River e fugir, da mesma forma que Catalina tinha feito anos antes. Uma vez que eu já tinha cuidado do resto das garotas do prédio, não tinha mais motivos para ficar.

O prédio não existia mais.

Pen também.

E embora eu gostasse de Drew, não era como se ele fosse passar o restante de sua vida ao meu lado na cama. E eu não queria que ele fizesse nada disso. No entanto, estava fraco o suficiente para deixá-lo ficar até que eu pegasse a River de volta.

Mas o que aconteceria depois disso? Eu sempre estaria olhando por cima do ombro. Prendendo a respiração. Esperando pelo dia em que Thomas ou um de seus capangas de distintivo nos encontrassem.

Não fazia nem duas semanas que Marcos e Dante morreram. Mas havia algo inerentemente viciante em não ter que monitorar cada movimento deles.

Não estava mais pensando antes de falar.

Eu chorava sem medo de meus sentimentos serem usados contra mim.

E eu não acordava quatro vezes por noite para ter certeza de que as portas estavam trancadas.

Penn tinha dado sua vida para me libertar. Thomas não poderia me tirar isso.

Mas que outra escolha eu tinha?

— Eu preciso fazer uma ligação — eu disse a Drew e comecei a procurar pelo meu celular.

Ele se sentou na minha frente na cama.

— Catalina?

Olhei imediatamente para ele. Eu poderia ter mentido. Eu poderia proteger sua identidade. Eu poderia ter mantido a fachada de que era tão ignorante quanto todo mundo quando se tratava do paradeiro dela. Mas, caramba, eu estava cansada de me esconder.

— Sim — eu sussurrei. — Por favor, não faça perguntas.

Ele deu um aperto reconfortante no meu joelho.

— Que tal eu ir para o bar do hotel? Te dar um tempo sozinha. Mas você pode me ligar se precisar de alguma coisa. Ok?

Eu balancei a cabeça.

— Obrigada, Drew.

— Disponha, Cora. Disponha

Olhei para o meu celular, até que a porta se fechou atrás dele. Depois disso, rolei a tela até encontrar o número que havia programado como Delilah's Bakery e liguei.

Ela atendeu no primeiro toque.

— Eu preciso que você volte, Cat.

— Você perdeu a porra da sanidade?

— Não. Perdi minha filha.

A linha ficou em silêncio — assim como meu coração.



CAPÍTULO 6

Penn

— Por favor, Penn! — Cora gritou.

Eu saí da janela dela olhando para as chamas, que, se tudo estivesse indo como planejado, dariam cabo de Marcos e Dante para sempre.

Mas ela não deveria estar lá.

Ela deveria estar no hotel.

Ela deveria...

Enquanto ela batia nas vidraças, seus olhos azuis se encheram de terror, o fogo lambendo suas costas, a fumaça ao redor dela.

— Por favor, Penn! — Sua voz me rasgou com a velocidade de uma bala, esvaziando o ar dos meus pulmões antes de perfurar meu coração.

— Cora! — gritei, cambaleando em direção ao prédio, pronto para atropelar tudo ao meu redor, mas minhas pernas não se moviam mais.

Eu não conseguia me mexer.

Eu não conseguia respirar.

Tudo o que eu podia fazer era vê-la morrer.

Essa era a maldição da minha vida.

Acordei com um rugido alto rasgando minha garganta. Endireitando-me, ofeguei e tentei freneticamente diferenciar meu pesadelo da realidade.

Não foi o primeiro pesadelo que tive com ela. Cora era a obsessão favorita do meu inconsciente ultimamente.

Ela estava sempre morrendo.

Eu estava sempre assistindo.

E eu nunca conseguia chegar até ela.

Com a mão trêmula, esfreguei meu rosto, tentando desesperadamente apagar a imagem mental dela parada naquela janela. No escuro, dei um tapinha na cama ao meu lado como se ela fosse aparecer de repente.

O que eu não daria para Cora estar comigo, me tranquilizando fisicamente de uma forma que minha mente penava.

Meu pulso desacelerou quando fechei os olhos e a imaginei.

Ela ronronaria quando eu a puxasse, se esticando como um gato antes de colocar os braços em volta do meu pescoço. Seu coração batendo.

Haveria ar em seus pulmões. Ela estaria segura ao meu lado.

Seu cabelo loiro bagunçado teria caído em cascata sobre o rosto, mal revelando um sorriso sonolento enquanto murmurava:

— Você está bem, baby?

Quando eu teria dito a ela que não, que eu precisava dela, seus olhos se abririam, o azul brilhando mesmo na escuridão, me curando enquanto sussurrava:

— Estou bem aqui, Penn.

E então ela teria me beijado, de forma lenta e suave, com uma reverência que fazia parecer que talvez eu a estivesse curando também.

Como sempre acontecia conosco, não demoraria muito para que as coisas esquentassem. Suas mãos perambulariam pelas minhas costas, e enquanto as minhas iriam para sua bunda, o pesadelo se desvaneceria enquanto o desejo tomava conta dos dois.

Ela abriria as pernas, me convidando para entrar.

E eu teria deslizado para dentro, mais desesperado do que nunca para me enterrar dentro de seu calor.

Sozinho, no meu quarto, eu quase podia sentir seus dedos deslizando sobre meu ombro enquanto nossos corpos rolavam juntos; eu me chocando contra os travesseiros, o som de seus gemidos em meus ouvidos quando senti minha mão deslizar em meu moletom e se enrolar em meu pau engrossando.

— Puta merda. O que você está fazendo? — um homem rosnou.

Meu corpo inteiro acordou pela segunda vez, e eu voei para fora da cama, a arma debaixo do meu travesseiro vindo comigo, meu dedo posicionado.

— Ei, ei, ei! Sou eu! Shane, pare! — ele gritou.

A familiaridade chocante foi a única coisa que me impediu de puxar o gatilho, mas eu ainda não conseguia processar quem ele era ou por que estava lá.

— Quem diabos é você? — eu explodi, erguendo mais a arma, dando um passo em direção à sua silhueta indistinguível.

— Sou eu. Drew. Merda, cara. Sou eu! Abaixei a arma!

A respiração me escapou de uma vez só.

— Meu Deus, Drew! O que diabos você está fazendo aqui? Não entra de fininho no quarto de um homem assim.

Ele acendeu a luz, quase me cegando.

— Eu não entrei de fininho, seu imbecil. Eu acordei você. Você se

sentou e tudo. Então você pegou no seu pau como se fosse o começo de algum filme pornô.

Ok, então eu claramente não tinha acordado completamente do meu pesadelo que virou sonho erótico.

Boa jogada, inconsciente. Boa jogada.

Usando um braço para proteger meus olhos da luz, abri a gaveta na minha mesa de cabeceira e enfiei a arma dentro.

— Você me assustou, caralho.

Ele botou as mãos nos quadris.

— Pois é. Prefiro fazer isso do que ver você tocando uma punheta.

— Tem como calar a boca? — eu sibilei.

E então, bem de levinho...

— Penn? — A voz assustada flutuou pelo corredor.

Que ótimo.

Eu fui em direção à porta para a acalmar e vi de relance o rosto de Drew. Juro por Deus, sua boca estava tão aberta, que eu pensei que sua mandíbula ia se soltar.

— Você está me sacaneando? — ele rosnou. — Não faz nem duas semanas e você já trouxe uma mulher aqui? Você. Está. *Brincando.* Comigo?

Olhei entediado para ele.

— É a Savannah, seu burro.

Quando cheguei ao corredor, encontrei-a parada do lado de fora da porta do quarto. Ela ainda estava vestindo a enorme camisa do pijama, mas tirou as calças em algum momento.

— Volte para a cama. É só o Drew — eu disse a ela.

— Está tudo bem? — ela perguntou.

Eu desconfortavelmente cocei a nuca.

— Sim. Ele... me surpreendeu. Só isso.

Ela relaxou visivelmente, até que Drew aproveitou a oportunidade para tornar as coisas constrangedoras novamente.

— Ai, meu Deus, por favor me diga que você não está dormindo com a Savannah.

Eu me virei, pronto para dar a ele um porradão na cara só para fazê-lo calar a boca, mas Savannah chegou primeiro.

— Ai, credo! Não! Isso seria nojento. Penn é meu novo papai.

Essa é minha vida, senhoras e senhores. Essa é minha vida.

Eu estalei os dedos para Savannah.

— Para de falar isso. — Então voltei a olhar para Drew. — E você, para de *falar*. Acordei, tipo, há trinta e sete segundos. Posso ter um minuto de paz para descobrir que dia da semana é hoje antes de ter de lidar com suas acusações ridículas?

Com um ar de desafio, ele deu um passo em minha direção.

— É quinta-feira. Agora, o que diabos ela está fazendo aqui?

Imitando Cora, revirei os olhos, passei por ele e fui direto para a cafeteira, gritando:

— Volte para a cama, garota.

— Boa noite, Drew. Boa noite...

— Não diga nada, Savannah — eu resmunguei, cortando-a antes que qualquer variação da palavra “pai” saísse de sua boca.

Ela riu, mas, felizmente, ouvi apenas os passos de Drew vindo atrás de mim.

Continuei de costas enquanto cuidava dos grãos de café. Assim que comprei o apartamento, mandei uma mensagem para Drew do meu celular novo. Embora eu não tivesse dado a ele uma chave ou o código de segurança.

— Como você entrou? — perguntei, pegando duas canecas.

— Por que ela está aqui? — ele respondeu com outra pergunta.

Eu preferia voltar a ouvi-lo falar sobre meu pau do que ter essa conversa. Mas era impossível que ele fosse deixar o assunto de lado.

— Prometi a Cora que a traria de volta.

— Sim — ele zombou. — *Aí você morreu.*

Eu me virei, apoiando a bunda contra o balcão.

— Não, Drew. Penn Walker morreu. Mas eu, Shane? Prometi a Cora naquele dia que a traria de volta. Então eu a trouxe.

Sua boca se abriu enquanto ele piscava lentamente.

— E agora? Vai ficar com a garota para sempre? Porque ela com certeza não pode voltar para perto da Cora agora.

Cruzei os braços sobre o peito.

— E por que não?

— Porque você *morreu*! — Ele começou a andar de um lado para o outro na cozinha. — O que diabos está passando pela sua cabeça agora? Primeiro, você deixa para ela todas aquelas malditas estrelas e o dinheiro, depois estraga tudo para pegar a criança?

— Eu não estraguei nada. O que você prefere que eu faça? Deixe a garota onde estava? Ela estava parada em uma porra de uma esquina, procurando um cliente para poder comprar drogas.

Ele parou de andar, passando a mão áspera pelo cabelo.

— Você poderia ter *me chamado*. Eu teria ido buscá-la.

— Eu não tive tempo para isso — afirmei definitivamente.

Drew esfregou os olhos com o polegar e o indicador.

— Você não teve tempo? Ou não queria arrumar tempo? Porque vou ser sincero: acho que você está fazendo essa merda de propósito. Você fechou a porta para Cora, mas tem deixado a janela aberta sempre que pode. Está planejando voltar, *Penn*? Tem algo que eu preciso saber?

— Não é o que estou fazendo.

— Então desembucha e me diz o que você *está* fazendo. Caridade? Salvando crianças? Voltando do túmulo? Me parece que você está a um passo de se tornar o próprio Jesus Cristo.

— Eu não vou voltar!

Ele me olhou bem nos olhos.

— Mas você também não está descartando isso, está?

Eu não tinha uma resposta para isso.

Sim, deixá-la era mais seguro.

Sim, isso me destruiu.

Sim, eu passei cada minuto desde o incêndio imaginando recuperá-la.

Sem dúvida, eu estava indo atrás de Thomas Lyons, e havia apenas três cenários de como isso terminaria.

Naquele que era mais do que provável, eu seria pego e condenado à prisão perpétua. E se esse fosse o caso, eu não queria que a vida dela fosse atrapalhada por causa da minha. Conhecendo Cora, ela teria feito bolos e enfiado lixas de unha dentro deles pelo resto de sua vida. Ela era teimosa para cacete, e Deus sabia que eu não era forte o suficiente para ficar longe dela. Mas eu queria mais do que uma vida assim para ela. Eu queria que Cora construísse sua própria vida. Uma de verdade.

A ideia de ela estar com qualquer outro homem foi o suficiente para eu querer pular de uma ponte. Ele nunca seria bom o suficiente para Cora. Mas eu sorri ao pensar que ela teria uma família, um bando de garotinhas loiras que poderiam chamá-la de mãe sem medo de retaliação. Este foi o cenário que me convenceu a deixar o dinheiro para ela.

O outro cenário possível para mim era o que eu falharia. Thomas de

alguma forma me mataria ou me prenderia primeiro. Cora já estava em seu radar por causa de Catalina, mas a última coisa que ela precisava era estar conectada a mim de alguma forma. Ela se tornaria seu próximo alvo, e eu estaria a sete palmos, impotente para salvá-la. Este foi o cenário que fez com que fosse tão óbvio que Penn Walker precisava morrer. Sem ele, não havia nada conectando Shane Pennington e Cora Guerrero. Se eu falhasse, ela teria dinheiro. Teria Drew. Cora teria uma rede de proteção.

No entanto, era um último resultado possível que martelava na minha cabeça todas as noites quando eu olhava para o teto sem estrelas. Era o que o matava e saía impune. O mundo seria um lugar melhor, e eu sairia livre e limpo. As chances de isso acontecer eram quase nulas. Não dá para eliminar o promotor público da cidade e esperar um final feliz. Mas foi o único cenário que me deu esperança de recuperá-la, e não importa o quanto eu tentasse, não conseguia parar de pensar nele.

Eu não queria admitir. Mas era esse último cenário que estava me alimentando dia após dia.

E como eu aprendi no dia em que estrangulei Dante enquanto seu irmão aterrorizado assistia, sabendo que ele era o próximo: não havia muita coisa que eu não fizesse por Cora Guerrero.

Voltando-me para o bule de café, servi uma caneca enquanto declarava:

— Não vou mais falar sobre isso. Quando Thomas der seu último suspiro, podemos nos preocupar com o que vou fazer ou não fazer a seguir.

— Certo então. Acho que devo lhe dizer que, se você espera que Cora viva o suficiente para fazer parte dessa equação, você talvez queira se apressar com toda a coisa de fazer Thomas parar de respirar.

O fogo ardeu em minhas veias.

— Que porra você está falando?

Ele inclinou a cabeça de forma arrogante.

— Você me ouviu bem. Thomas fez uma pequena aparição esta noite. Acusou Cora de negligência infantil, mandou prendê-la e levou River.

Outra explosão de adrenalina me atingiu com força.

— Que porra é essa? Onde diabos você estava?

Ele estreitou os olhos.

— Deitado na cama ao lado dela. Não posso lutar contra a polícia, Shane. É assim que se garante uma boa morte. Rapidamente. Arranjei um advogado para ela, mas Thomas o mandou embora. Eles jogam golfe

juntos ou alguma merda assim. Ele encurralou Cora. Disse a ela para se certificar de que Catalina ficasse longe, ou mataria as duas.

Sua boca continuou se movendo, mas nenhuma palavra conseguiu passar por cima do som do meu coração rugindo em meus ouvidos.

Visões de Lisa deitada naquele tapete explodiram na minha cabeça. Só que, desta vez, Cora estava ao lado dela. Dois pares de olhos frios e mortos voltados para mim.

Antes que eu percebesse, estava agarrando a camisa de Drew, meu rosto vibrando enquanto ordenava:

— Ele *nunca mais* vai se aproximar dela. Você entendeu?

Ele me deu um empurrão forte, mas meu corpo estava tão tenso, que cada músculo parecia gritar. Poderia muito bem ter empurrado uma parede de tijolos.

— É por isso que estou aqui, idiota. Você tem que acelerar essa merda. Acorda, para de bancar a babá McGee e lida com isso de uma vez por todas. Ou saia do meu caminho e me deixa cuidar disso sozinho.

Eu o encarei com olhos selvagens.

— Ele é meu.

— Então considere isso uma cortesia de minha parte. Não estou mais me sentindo muito paciente. Ele está respirando há quatro anos, Shane. Você quer parar para pensar antes? Faça isso. Mas se eu conseguir uma oportunidade nesse ínterim, acabou. Você entendeu?

— Esse não era o plano, Drew.

— Que plano? — Ele balançou a mão e apontou para o corredor, para o quarto de Savannah. — Você cagou em todos os planos que já fizemos. Uma mulher te amarrou tanto, que você está irreconhecível. Eu pensei que ela era boa para você no começo, mas agora estou vendo que ela te deixa tão perdido, que não consegue nem pensar direito. — Ele respirou fundo e agarrou meu ombro, me apertando com aspereza. — Eu sei que você tem sonhado com isso. E eu sei que prometi que poderia ter seu momento com ele. Pela Lisa. Mas, irmão, essa merda tem que acabar. Nós o encontramos. Agora vamos *acabar com ele*.

Drew estava absolutamente certo.

Foram quatro anos.

Quatro anos de busca por respostas.

Quatro anos sangrando emocionalmente e fisicamente.

Quatro anos queimando nas chamas do inferno.

Aqueles dois meses passados me afogando em Cora, me sentindo eu

mesmo de novo, relaxando minimamente, eram a única razão pela qual eu ainda era capaz de agir.

Não havia nada que não faria para voltar àquela época.

Nem mesmo sacrificar a mesma vingança que me trouxe à sua porta.

Estendi a mão em sua direção.

— Quero que Cora seja a prioridade. Se tiver uma oportunidade, você vai lá e faz o que tem que fazer. Contanto que possamos mantê-la fora do alcance dele. Eu topo.

Ele sorriu, pegando na minha mão.

— Agora, isso é que é um plano que vale a pena seguir. — Ele me puxou para um tapinha rápido nas costas, e antes de me soltar, fez o que Drew fazia melhor: me fez querer rir e, em seguida, o socar de novo. — Eu não acredito que você estava tentando me fazer assistir a uma bronha. Você sabe que eu não torço para esse time.

Eu soltei uma risada e lhe dei um empurrão forte.

— Saia do meu apartamento.

Ele recuou com os braços abertos.

— Lugar bacana, por sinal.

— Você ainda está no hotel com ela?

— Sim. — Ele esfregou as mãos. — Estou juntando pontos de fidelidade para tirar umas boas férias quando isso finalmente acabar. Estou pensando em ir para o Brasil. Mulheres fazendo topless na praia e tals.

— Arrumar trabalho vai te levar para lá mais rápido.

Ele torceu os lábios.

— Pfff, quem precisa de um emprego quando você tem um melhor amigo rico que deve uma a você por salvar a bunda da futura esposa dele setecentas vezes?

Alguns meses atrás, ouvi-lo dizer algo assim teria me deixado em parafuso. Mas agora? Isso me deu esperança de que talvez sair dessa confusão com Cora ao meu lado não fosse tão impossível quanto eu pensava.

— Como ela está?

Seu sorriso murchou.

— Você quer a verdade ou uma mentira?

Verdade ou mentira. Essas simples palavras fizeram a dor explodir no meu peito. Jesus, ele realmente estava passando tempo com Cora. E caramba, isso me deixou com ciúmes.

— Verdade.

Drew balançou a cabeça.

— Não está bem. Nada bem. Ela sabe que estou mentindo sobre o incêndio. Eu contei por alto algumas coisas para ela esta noite, e acho que isso a fez se sentir melhor. Mas Cora sente sua falta e se culpa.

— Merda — eu disse em um fôlego, beliscando a ponte do nariz enquanto a culpa apodrecia meu intestino.

— Mas nós vamos consertar isso. Thomas primeiro. Então poderemos nos preocupar com o esporro que essa mulher vai te dar por você fingir a própria morte.

Drew afirmou e piscou.



CAPÍTULO 7

Cora

Na manhã seguinte à minha liberação, recebi um telefonema de uma assistente social perguntando se ela poderia passar no hotel e pegar as coisas da River. Depois do incêndio, a menina ficou sem muita coisa, então fui ao shopping e comprei algumas coisas que achei que ela gostaria. River provavelmente odiaria tudo. Mas isso fez com que eu me sentisse melhor. A assistente social também me informou que ela tinha permissão para ficar com o celular. Quase chorei com essa notícia. Eles não me deixaram vê-la, mas pelo menos conseguimos conversar.

River me ligava todas as noites, e eu notava pelo tom de sua voz que era porque sentia minha falta.

Mas, de manhã, eu sabia que ela só ligava porque estava preocupada comigo.

Não era segredo que as manhãs eram difíceis para mim. Aquele momento em que eu deslizava do mundo dos sonhos para a consciência, lembrando onde estava enquanto uma avalanche de memórias infernais me atingia como se fosse tudo novo.

Dia após dia, cada vez que o sol nascia, aquele momento em que eu me lembrava de tudo era uma agonia.

Mas se eu quisesse ter minha filha de volta, não poderia me chafurdar em autopiedade. Eu tinha de me levantar e fazer as coisas acontecerem.

River não estava errada. Setecentos e cinquenta dólares não era muita coisa quando se tratava de moradia na cidade. Embora nos arredores fosse suficiente para conseguir uma casa de dois quartos meio merda, com a água inclusa.

Drew e eu íamos pegar as chaves no final da tarde, quando recebi uma ligação informando que o caso contra mim havia sido arquivado e que eu poderia ir buscar River a qualquer hora que quisesse. Eu dei um grito, e meu novo senhorio olhou para mim como se já estivesse se arrependendo de sua decisão de alugar a casa. Eu não poderia me importar menos com quão louca ele pensava que eu era. Minha garota ia voltar para casa.

E então sairíamos dessa vida para sempre.

Eu não consegui compreender o que Thomas estava armando. O momento de ir ao tribunal não tinha chegado ainda, e eu imaginei que ele iria estender aquilo tudo enquanto a lei permitisse.

Mas independentemente de qual fosse a razão, se isso me trouxesse River de volta, eu não reclamaria.

Quando Drew entrou no estacionamento, vi o Cadillac de Thomas. O pavor preencheu meu estômago, mas com a contagem regressiva rolando, eu sabia que seu reinado de corrupção estava chegando ao fim.

Eu congelei no meio do caminho.

— O que você está fazendo?

Drew também parou, a porta aberta, uma de suas botas no asfalto. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Indo com você?

— Não. Você vai ficar aqui.

— Você perdeu a cabeça, mulher.

— Você entra lá comigo, ele vai assumir que você é meu namorado. Eu não vou entregar a ele mais uma pessoa para usar contra mim da próxima vez que ficar chateado.

— Ele pode assumir o que diabos ele quiser, mas se ele cogitar colocar as mãos em você de novo, eu apareço e acabo com essa merda rapidinho.

E era *exatamente* por isso que eu não podia deixar Drew entrar comigo.

Durante a última semana, eu soube que, enquanto estava na prisão, Manuel tinha informado Drew sobre tudo que podia quanto a Thomas Lyons. Não me surpreendeu nem um pouco que, mesmo quatro anos depois, Manuel ainda estivesse fumegando. Ele acreditava firmemente que ninguém poderia encarar um Guerrero. E Thomas não apenas se voltou contra ele, como também usou a própria filha de Manuel para prendê-lo – a maior das facadas nas costas.

Também não me surpreendeu que Drew tivesse passado a última semana reclamando e resmungando a respeito de Thomas. Ele não tinha nem conseguido olhar para mim sem ficar puto por causa dos hematomas no meu rosto e pescoço. Eu não podia imaginar o que teria acontecido se eles ficassem cara a cara. A monstruosidade que era o ego de Thomas nunca permitiria que esse confronto terminasse a favor de Drew.

— Ele não vai tentar nada — assegurei a ele. — É uma casa de acolhimento para adolescentes. Não vou ficar sozinha com ele. Ele vai pagar de advogado pretensioso da melhor forma que conseguir. Vamos, Drew. Ele tirou as acusações. Não dê a ele outro motivo para nos causar mais problemas.

— Eram umas acusações de merda, para início de conversa. Não faz

dele um herói.

— Não. Mas vamos levar a River daqui. Vamos tentar não fazer alarde hoje. — Terminei de saltar da caminhonete, encarando-o enquanto ajeitava minha regata verde-menta e alisava o cabelo despenteado pelo vento. — Além do mais... — Peguei meu telefone e digitei seu número. Um toque abafado veio de seu bolso traseiro. — Você pode ouvir tudo. Se escutar algo que não pareça estar certo, você está a apenas alguns metros de distância.

Ele fechou os olhos, balançando a cabeça.

— Penn literalmente me daria um tapa por sequer considerar isso uma alternativa.

Alguns dias eram mais fáceis do que outros. Às vezes, a lembrança de Penn me cortava como estilhaços de vidro na pele. Outras vezes, a lembrança me trazia paz e conforto. E naquele dia, como eu estava a poucos minutos de ter minha filha de volta, eu realmente sorri ao pensar na careta de raiva de Penn.

— Por favor, Drew.

Ele pegou o telefone e atendeu, colocando-o no ouvido e dizendo:

— Se essa ligação for encerrada, vou sair arrebatando aquela porta como o homem do Kool-Aid.

Eu ri.

Ele franziu o cenho – definitivamente era parente de Penn.

Mas antes que ele tivesse a chance de mudar de ideia, eu disse:

— Já volto. — E fechei a porta.

Segurando meu telefone, corri pela calçada até a porta da frente e bati nela.

Uma mulher em seus quarenta e tantos anos, com um caso severo de cara de bunda, apareceu.

— Posso ajudar?

Eu abri um sorriso largo e genuíno.

— Estou aqui para pegar minha filha.

Seu nariz se enrugou, e ela me deu um olhar confuso da cabeça aos pés. Era a reação de todos quando descobriam que eu tinha uma filha adolescente. Eu sempre pareci mais jovem do que era, o que, aos 29 anos, era uma bênção que me fazia não gastar dinheiro com cremes antirrugas, mas não tanto quando se tratava de convencer as pessoas de que eu era a mãe de River.

— River — eu completei quando ela não respondeu. — Guerrero.

Suas sobrancelhas se ergueram, mas isso não suavizou o olhar crítico.

O corpo grande de Thomas apareceu atrás dela. Seus lábios se curvaram em um sorriso viscoso quando encontrou meu olhar, suas palavras direcionadas para a mulher.

— Cynthia, eu cuido daqui. Pegue a criança.

— Claro. Sem problemas — disse ela, afastando-se com a velocidade de uma lesma.

Meu pulso acelerou e agarrei o telefone com mais força, tomando cuidado para não pressionar nenhum dos botões.

— Cora — ele cumprimentou, enfiando a mão no bolso de sua calça.
— Entre.

— Obrigada — eu sussurrei, pisando no limiar.

Ele olhou por cima do ombro a tempo de ver a *simpática* senhora passar por uma porta do estabelecimento.

— Acredito que você tenha entrado em contato com a Catalina.

Voltei meu olhar para a parede e usei minha mão livre para agarrar meu colar.

— Ela não vai voltar.

Ele arqueou uma sobrancelha escura.

— E o que acontece se isso mudar?

— Vou perder River para sempre — respondi roboticamente.

Ele baixou a voz e deu um passo à frente, me apertando.

— Ou?

Engoli em seco, mas era puramente falso. Eu não estava mais com medo de Thomas.

— Ou você vai me matar.

Ele traçou um dedo ao redor da curva do meu rosto, parando sob meu queixo para erguê-lo.

— Como está minha filha, Cora? Ela tem, o quê... quatorze anos agora?

Eu não respondi. Ele não merecia saber nada a respeito de Isabel.

O casamento com Catalina não passou de um acordo intermediado por Manuel. Ele tornou o advogado corrupto com sonhos de se tornar um juiz parte da família. E Thomas conseguiu uma linda esposa para ficar ao seu lado, o dinheiro do pai dela apoiando-o e o contato de um dos maiores criminosos da cidade o fazendo vencer qualquer competição que aparecesse pela frente.

Isabel não tinha sido planejada. Duas pessoas geralmente precisavam

fazer sexo para planejar algo assim. Mas uma noite, depois que Thomas voltou para casa bêbado, declarando que era dever de sua esposa abrir as pernas para ele, tudo mudou. Ela já estava grávida quando conheci Nic. Mas a família sabia o que estava acontecendo entre Thomas e Catalina. Nic e Dante tinham brigado por causa disso.

Mas Manuel precisava de Thomas, então fez vista grossa, e mais tarde sua filha o caguetou por causa disso.

— Ela não vai voltar — eu repeti. — Eu juro para você. Elas não vão causar nenhum problema.

Fingindo estar com medo, eu permiti que minha respiração ficasse presa na garganta quando ele se inclinou para perto.

Seu rosto estava a poucos centímetros do meu, sua respiração sussurrando em minha pele quando disse:

— É bom ouvir isso. Mas não se acomode, Cora. Não perco meu tempo com ameaças ociosas. Você cruza meu caminho, acabou tudo. Não seria uma má ideia passar essa mensagem para minha esposa também.

— É claro. Vou lembrá-la.

Ele sorriu, e então no mesmo ritmo do ranger de uma porta atrás de nós, se afastou abruptamente.

— Cora — River chamou, correndo e jogando os braços em volta do meu pescoço.

Eu mantive meus olhos em Thomas enquanto a puxava para um abraço.

— Oi, querida.

— Aqui estão suas coisas — disse a mulher, arrastando os pés com um saco de supermercado pendurado na ponta do dedo, o carregador do telefone aparecendo no fundo. Ela virou de cara feia para mim. — Talvez da próxima vez você deva comprar uma *bolsa de verdade para ela*.

— Não haverá uma próxima vez — afirmei como um fato absoluto.

— Então estamos conversados? — ele pressionou.

— Totalmente — eu murmurei.

— Não esqueça seu telefone. — Ele pegou o celular de River no canto da mesa da mulher e ofereceu a ela.

Se olhar pudesse matar, River teria nos poupado de muitos problemas ali mesmo.

— Obrigada — ela murmurou, pegando-o de sua mão.

Depois que eu joguei meu braço em volta dos ombros dela, nós caminhamos em direção à porta juntas. Apesar de não estar acreditando

muito na pose de O Poderoso Chefão de Thomas, eu estava mais do que pronta para dar o fora de lá.

— Ah, e, Cora — ele chamou.

Eu enrolei River na minha frente enquanto coloquei meu queixo no meu ombro para olhar para ele.

— Sim?

— Diga oi para Drew por mim. É uma pena que não pude conhecê-lo hoje, especialmente depois que soube o que aconteceu com sua irmã.

Pisquei, e pela primeira vez desde que entrei naquele ambiente, senti uma sensação absurda de mal-estar tomar conta de mim. Eu não sabia do que ele estava falando. Penn me disse por alto que Drew era seu único irmão. Mas foi o sorriso malicioso, como se ele tivesse acabado de jogar uma bomba em mim, que me deixou em alerta. Sentindo arrepios, achei melhor não falar nada e ir embora logo.

Eu assenti com a cabeça e então corri porta afora.

Drew já estava fora da caminhonete, correndo em nossa direção, o rosto sombrio e estrondoso.

— Você está bem?

— Estou bem. Basta entrar na caminhonete.

Sua mandíbula tremia enquanto olhava para o prédio.

— Drew — sibilei, dando um puxão forte em seu braço. — Vamos lá.

— Certo — ele rosnou, relutantemente me seguindo.

Quando estávamos todos na caminhonete e em segurança na estrada, me virei para Drew.

— Você tem uma irmã?

Ele balançou a cabeça e apertou o volante com força.

— Ele devia estar falando da esposa de Penn.

Imaginei que fosse sua cunhada.

— Como ele sabe disso?

— Não sei. Mas o fato de que ele sabe quem eu sou e que está vasculhando meu passado não me agrada.

Também não me pareceu algo bom, mas muito em breve não teríamos mais que nos preocupar com isso.

— Dê algumas voltas por aí. — Virei-me em meu assento e olhei pela janela traseira. — Certifique-se de que não estamos sendo seguidos.

Suas sobrancelhas se uniram.

— Você não tinha dado o novo endereço à assistente social ontem?

— Eu dei. Mas não vamos para casa esta noite. — Eu me estiquei e peguei na mão de River. — Nós vamos para a casa de Catalina.

A cabeça de Drew se virou na minha direção tão rápido, que foi incrível não ter se soltado do pescoço.

— O quê?

River ofegou, esticando o cinto de segurança até o limite e vindo para frente.

— Ela voltou?

Eu sorri; minha menina amava a tia.

— Sim. Eu lhe dei algum dinheiro para comprar uma casa alguns dias atrás. Com Marcos e Dante fora, ela não precisa mais se esconder.

Seus grandes olhos de corça brilharam.

— E quanto a Thomas?

— Sim. E quanto o Thomas? — Drew repetiu, alternando seu olhar furioso entre mim e a estrada.

— Relaxe — eu disse a ambos.

— Ele me tirou de você rapidinho. Você não acha que ele vai fazer o mesmo com Isabel? — River perguntou, a ansiedade fazendo uma aparição muito frequente.

Eu dei um aperto na mão dela.

— Ele pode tentar. Mas não será mais um problema depois de amanhã. Catalina vai à polícia. E antes que você diga, sim, eu sei em primeira mão quantas pessoas desonestas ele tem à disposição por toda a cidade. Mas Catalina é uma pessoa desaparecida há anos. Seu retorno repentino chamará a atenção nacional da mesma forma que aconteceu quando desapareceu. Thomas não tem esse tipo de alcance. Além disso, ela tem informações mais do que suficientes sobre ele para mantê-lo afastado para sempre. Thomas é um idiota. Eu nunca teria pensado nisso se ele não tivesse entrado em pânico e me pressionado. Dante e Marcos não tinham exatamente testamentos, e como Manuel ainda está preso, Cat é a única Guerrero que sobrou. Ela herdará tudo, River. *Tudo*. Os negócios legítimos. A propriedade. As casas. Todas as coisas que Manuel foi obrigado a ceder para seus filhos quando Thomas foi atrás dele.

— Ótimo, então ela tem dinheiro agora — Drew retrucou. — Isso não a torna invencível.

— Não. Mas isso o torna vulnerável. Ela não está mais presa a nada. Querendo ou não, dinheiro é poder para pessoas como nós. Não, isso não vai resolver nossos problemas, mas nos dá espaço para respirar e uma rede de segurança para nos apoiarmos. Catalina foi embora pela primeira

vez levando somente o orgulho e duzentos dólares. Foi a melhor decisão que ela já tomou. Mas agora, não precisa se preocupar em como vai colocar comida na mesa. Ou pagar um médico quando Isabel ficar doente. Ou comprar material escolar ou roupas ou colocar gasolina no carro. Dinheiro não significa segurança, mas oferece oportunidades. Esta é a nossa chance, Drew. Cat e eu. Sonhamos em sair desta vida de uma vez por todas. E graças a Penn, agora que Marcos e Dante estão fora do caminho, resta apenas um obstáculo. — Eu descansei a mão em seu antebraço. — Cansei de me esconder. Cansei de deixar o mundo passar por cima de mim. Cansei de ser uma Guerrero. Eu quero sair disso tudo. Eu sinto até o gosto da liberdade. Está tão perto.

— Jesus, Cora. — Drew respirou fundo. — Você acha que um homem assim vai deixar Catalina voltar, depois de quatro anos, sem consequências?

— Não há muito que ele possa fazer contra ela. Ele está doido para subir na carreira. E com as eleições chegando em alguns meses, precisa começar a fazer campanha. Imagine como será quando a esposa e filha aparecerem novamente, afirmando que sofreram incontáveis anos de abuso mental e físico em suas mãos. Sem contar todas as informações que Catalina tem sobre suas atividades que vão para além de suas funções oficiais. Ele age como se fosse um homem da lei, mas, na verdade, é o mestre das marionetes por trás de pelo menos metade dos crimes que acontecem na cidade todos os dias. Se ela conseguir alguém para ouvir, a prova já está nos registros do tribunal. Alguém só precisa saber *onde* procurar.

— Ele pode matar a garota! — Drew exclamou, sua explosão repentina fazendo River se encolher. — E *você* no processo. Desculpa, mas é uma ideia estúpida. Esse homem é perigoso pra caralho, Cora. E não estou falando de Thomas tentando pegar River ou qualquer outra besteira que ele tenha na manga. Ele tem conexões muito piores do que os juízes e advogados vestindo Polo com quem joga golfe nos fins de semana. Estou falando de homens maus que estão tentando evitar serem processados. *Homens desesperados* que literalmente farão qualquer coisa para ficar de bem com ele. Encontrar alguém para eliminar você e Catalina será um passeio no parque.

Eu me ajeitei no assento e me virei para encará-lo.

— Uau. Estou emocionada por ver sua confiança.

— Esta não é uma conversa agradável. Esta é a *verdade*. É o que você disse que queria de mim, certo? Sem mais mentiras? Certo. Então: isso é insano. E não quero fazer parte disso.

— Então vá embora. Ninguém está pedindo para você ficar conosco.

Ele soltou uma risada alta e sem humor.

— Até parece.

Eu estreitei os olhos nele.

— O que isso significa?

Drew balançou a cabeça.

— Isso não importa, porra. Você vai fazer essa merda comigo indo contigo ou não, não vai?

Cruzei os braços sobre o peito.

— Sim.

Com os dentes cerrados, ele resmungou:

— Então acho que vamos atrás da famosa Catalina Lyons hoje.

Um sorriso vitorioso surgiu em minha boca.

Ele deve ter percebido com o canto do olho, porque sem olhar para mim, falou:

— Tire esse sorriso do seu rosto. Não estou feliz com isso. — Mas ele disse isso quando virou em uma rua lateral que não estava no nosso caminho para casa. E quando começou nosso desvio de uma hora por bairros aleatórios, seu olhar constantemente passando pelo espelho retrovisor, ele murmurou: — Jesus. Mais uma porra de uma Nancy Drew. E ele ainda me diz que não tem um tipo.



CAPÍTULO 8

Penn

Drew: Por favor, me diga que você está de olho em Thomas.

Eu: Estou fazendo isso agora. Por quê?

Eu estava sentado na rua da casa de Thomas. Tornou-se minha rotina noturna. Com o desfile de mulheres, empregadas, colegas e alguns sujeitos aleatórios que eu ainda não identifiquei entrando e saindo de sua casa durante toda a semana, estava se mostrando mais difícil do que eu jamais pensei conseguir pegar aquele fodido sozinho. Mas aquela noite seria a última.

Ele estava com a morena do tribunal novamente. Marcou com ela pela terceira vez esta semana. E se fosse como aquelas noites, ela sairia na ponta dos pés por volta das duas da manhã, girando apenas a fechadura da maçaneta antes de correr para o carro. Isso me dava cinco horas antes da empregada aparecer.

Descontado o tempo para entrar e sair, eu teria quatro horas gloriosas para vê-lo morrer.

Eram quase onze. Eu abri o aplicativo de segurança no meu telefone. E de acordo com a câmera instalada acima da minha porta da frente, detalhe que eu ainda não mencionei para Savannah, ela já estava na cama ou se transformou no Homem-Aranha, desceu seis andares pelo lado de fora e saiu para uma noitada. Eu estava apostando na primeira opção. Ela estava indo muito bem. Eu ainda não tinha conseguido colocá-la em uma clínica de reabilitação de verdade, mas contratei um médico particular especializado em vícios que aparecia a cada dois dias, e até fui a algumas reuniões da NA com ela.

Se eu não voltasse, realmente sentiria falta daquela garota. Mas ela sabia como encontrar Drew se alguma coisa acontecesse comigo. E como meu testamento deixou tudo para Cora Guerrero, pude experimentar a tranquilidade de saber que todos teriam suporte.

Encarei a mensagem de Drew como se pudesse ler nas entrelinhas e encontrar uma explicação para suas palavras.

Eu: Você vai explicar o que está acontecendo?

Dez minutos depois, comecei a sentir um aperto no peito. Ele havia

mandado uma mensagem mais cedo naquele dia avisando que iam pegar a River. Eu esperava que isso significasse que Thomas estava recuando nas ameaças. Mas agora... algo estava errado.

Eu: Olá! Está tudo bem?

Quando mais dez minutos se passaram sem resposta, minha ansiedade aumentando a cada tique-taque do ponteiro dos segundos, cansei de esperar e liguei.

Foi para o correio de voz após o segundo toque.

O movimento na porta da frente de Thomas chamou minha atenção. Ele estava saindo com a mão na parte inferior das costas da morena. Ele fez uma pausa para trancar e então a escoltou pela curta caminhada até seu Lexus prateado.

O telefone vibrou na minha mão.

Drew: Com Cora. Não posso falar. Fica de olho nele até que eu possa falar contigo.

Ele estava com ela. Soltei um suspiro aliviado. Isso foi bom. Muito bom, e minha pulsação voltou ao normal imediatamente.

As luzes de freio vindas da garagem de Thomas chamaram minha atenção.

— Aonde você pensa que está indo? — sussurrei enquanto o Cadillac de Thomas seguia o Lexus da mulher pela rua principal.

Dei partida em meu carro e saí na direção oposta. Eu daria a volta no bairro e o encontraria na entrada. Mas minhas suspeitas cresceram quando ela virou à esquerda e ele cortou à direita. Ok, então eles não iriam sair juntos. Não seria algo digno de reflexão se Thomas fosse uma pessoa noturna.

Eu o segui, mantendo certa distância, enquanto ele atravessava a cidade. Com as luzes da cidade brilhando atrás de nós, ele me levou para os subúrbios. Era uma área legal. Havia uma boa distância entre as casas, e elas eram distantes da estrada principal. A falta de tráfego tornou difícil ficar na cola dele. Em seu bairro rico, meu Audi se misturou. Mas ali, daria no mesmo ter um sinal de néon no capô.

Quando ele parou, eu rapidamente entrei em uma garagem próxima e desliguei as luzes do carro, rezando para que a família que morava lá dentro estivesse dormindo e não espiando pela janela. Eu afundei no assento quando um sedã dos anos 90 parou atrás dele. Dois homens saíram, e Thomas se juntou a eles, mas não os cumprimentou antes de sair com passos largos e pesados pela estrada escura, os novos personagens nessa cena seguindo atrás dele.

— Que porra você está fazendo? — questionei enquanto silenciosamente saía do meu carro. Enfieei minha arma no cós traseiro do jeans e me escondi nas sombras.

Quando me convenci de que Thomas estava na rua para dar uma corrida noturna, os três homens se voltaram para uma pequena casa de tijolos com uma caixa de correio na frente. A rua estava deserta àquela hora da noite, apenas algumas luzes da varanda expondo as casas.

Mas a porta da frente para a qual ele estava indo era de uma casa cujas janelas estavam com luzes acesas. Eu me aproximei, me escondendo atrás das árvores que dividiam os terrenos..

E foi aí que tudo parou.

Meu coração.

A Terra.

O tempo.

A *minha caminhonete* estava parada na garagem.

A minha caminhonete, que vendi para Drew por um dólar.

A minha caminhonete, que deixei para Cora com mais de um milhão de dólares dentro.

A porra da minha caminhonete, que Drew estava sem dúvida dirigindo naquela noite.

E ele estava com Cora.

O pânico gelou minhas veias, roubando o ar dos meus pulmões. Mas uma batida depois, e o fogo da adrenalina me incendiou.

— Ah, merda — ofeguei enquanto Thomas caminhava direto para a porta da frente, os dois homens se separando em direções opostas, indo para os fundos. Eu freneticamente pesei minhas opções: eu poderia ir atrás do cara ou seguir os dois homens que lembravam muito aqueles que Thomas havia mandado matar Lisa.

E então, de alguma forma, tudo piorou.

A porta da frente se abriu e Thomas tirou uma arma do bolso. Eu mal consegui distinguir o “cadê a porra da minha esposa?” antes que um tiro explodisse na noite silenciosa.

Eu não pensei.

Eu não planejei.

Eu nem mesmo decidi agir conscientemente.

Saí correndo, os olhos azuis dela alimentando cada passo que eu dava.

Levei mil anos para chegar àquela casa. Corri pela entrada de carros e depois pela porta aberta. Assim que meus pés tocaram aquele maldito

carpete, examinei a sala, procurando a única coisa que poderia desacelerar meu coração.

Ela não estava lá. Pelo menos não no meu campo de visão.

Drew estava sentado no peito de Thomas, enfiando a porrada nele. Ele fez uma pausa longa o suficiente para voltar seu olhar raivoso no meu, o lampejo de reconhecimento o atingindo pouco antes de continuar seu ataque.

— Eles estão no quarto — ele rosnou. — Vai. Agora.

Minha visão ficou vermelha, e meu corpo me agraciou com mais uma onda de poder quando o som do grito borbulhante de uma mulher ecoou pela sala.

— Cora! — eu rugi, seguindo a comoção no corredor.

Meus pulmões pararam quando encontrei um dos homens de Thomas montado em uma mulher. Ela esperneava e se debatia enquanto ele apertava sua garganta.

Não era Cora, e isso significava que eu ainda não tinha ideia de onde ela estava.

Correndo, o tirei de cima dela. O cara era grande, mas era desajeitado, e claramente não estava movido pela emoção, como eu estava. Nós dois nos atracamos, batendo contra as paredes até chegarmos a um dos quartos abertos. Trocamos socos — no entanto, com uma fonte infinita de raiva alimentando meu corpo, ele logo foi ao chão.

Eu me ergui de cima de seu corpo inconsciente e voltei minha ronda para a mulher que reconheci pelas fotos como sendo Catalina. Seus olhos castanhos e a pele morena suave combinavam com o que conheci dos seus irmãos.

— Onde ela está? — resmunguei, limpando o sangue do meu lábio inferior com as costas da mão.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela ergueu as mãos em rendição.

— E... espere — ela gaguejou, recuando para o canto.

— Cora. Me diz onde ela está — eu exigi.

Gaguejando e engasgando, ela conseguiu dizer:

— Não há... mais ninguém... aqui. Juro. Ninguém. — Seu corpo inteiro tremeu enquanto eu avançava sobre ela. — Não, por favor.

Inclinei-me para perto, e em um sussurro violento, disse:

— Eu não vim te machucar, Catalina. Eu preciso encontrar a Cora, e então vou tirar todas vocês daqui.

Ela piscou várias vezes, o queixo tremendo quando perguntou:

— Quem é você?

Eu não tive a chance de responder antes que o som mais doce que já tinha atingido meus ouvidos ressoasse atrás de mim.

Meu coração disparou.

A Terra girou.

E pareceu dar restart.

Uma respiração de cada vez.

— Penn?



CAPÍTULO 9

Cora

No dia em que Nic morreu, lembro de não ser capaz de compreender nada. Enquanto eu estava sentada na calçada vendo seu corpo ser levado em uma ambulância, os policiais conversaram comigo. Suas bocas se moveram. Sons encontraram meus tímpanos. Mas nada chegou ao meu cérebro. De vez em quando, percebia que algumas palavras estavam saindo da minha boca para responder a uma pergunta, mas era mais um reflexo involuntário do que um pensamento consciente.

Meus pés se moveram quando me mandaram fazer alguma coisa.

Minha cabeça se virou quando alguém falou comigo.

Consegui dizer o número de telefone de Manuel para um policial quando me perguntaram se havia alguém para quem ligar e avisar sobre o que houve com Nic.

Era como se eu estivesse no piloto automático.

A mesma coisa aconteceu comigo quando Penn morreu.

E então aconteceu tudo de novo quando ouvi sua voz no corredor.

— Cora. Me diz onde ela está — ele exigiu.

Meu corpo inteiro estremeceu, e então minha mente desligou.

Estava tudo errado. Drew estava brigando com Thomas. Isabel e River estavam escondidas no armário. Catalina foi pega por alguém no corredor.

E Penn estava do lado de fora da porta.

Meus ouvidos começaram a zumbir quando minha mão foi em direção à maçaneta.

Eu não podia estar certa. Era impossível.

Ele havia morrido.

Eu abri a porta. Aquelas costas largas e musculosas sob uma camiseta branca poderiam ser de qualquer um. Mas as tatuagens? Eu as analisei o suficiente para nunca conseguir esquecê-las.

— Eu não vim te machucar, Catalina. Eu preciso encontrar a Cora, e então vou tirar todas vocês daqui.

Ele estava

Vivo. Oh, tão lindamente vivo.

— Penn?

Ele girou tão rápido, que eu quase desmoronei quando o peso tangível em seus olhos me atingiu.

— Cora — ele soltou em um fôlego só, seu belo rosto suavizando.

Meu nariz começou a arder, e ele deu um passo em minha direção. Instintivamente, recuei. Balançando a cabeça rapidamente, esperei que ele desaparecesse. Deveria ser algum tipo de truque cruel que Thomas estava usando para me torturar.

— Você não está aqui — eu murmurei.

— Estou bem aqui, baby — ele me disse com uma voz tão doce e gentil, que a realidade pareceu se dissolver.

Lágrimas brotaram nos meus olhos.

Eu estava sonhando. Tinha de ser um sonho.

Mas eu não estava.

Ele era muito real.

Muito perfeito.

Muito Penn.

Eu levei a mão trêmula aos lábios.

— Como?

Ele curvou dois dedos no ar.

— Vem cá, Cor.

Eu não conseguia processar mais palavras. Ele poderia desaparecer se eu me aproximasse. Ou talvez eu estivesse morta também. Mas não importa o que acontecesse depois daquele momento, havia apenas um lugar que eu queria estar.

Eu me lancei de corpo inteiro, de uma só vez, em seus braços e comecei a chorar.

— Shhhhh — sussurrou quase sem fôlego, segurando minha nuca e trazendo meu rosto contra a curva de seu pescoço.

Eu me encolhi em seus braços. Não conseguia chegar perto o suficiente para absorvê-lo do jeito que eu precisava desesperadamente fazer.

O profundo tom de barítono da voz de Drew interrompeu nosso momento mágico.

— Nós temos que ir. Os policiais estão a caminho.

Ergui rapidamente a cabeça, e mesmo que minhas coxas ainda estivessem enroladas em sua cintura, esperei Penn desaparecer.

Em vez disso, ele respondeu:

— Onde está Thomas?

Drew tirou a mão da cabeça, revelando um ferimento aberto derramando sangue pela lateral.

— Não sei. A porra do amigo dele me acertou com uma chave de fenda. Eles foram embora...

Senti o corpo de Penn ficar rígido.

Penn.

O *Penn*, caralho.

Vivo, bem, respirando.

Penn.

Ele virou os olhos azuis que vinham assombrando meus sonhos por quase três semanas para mim.

— Onde está River?

— No closet— eu respondi.

Ele gentilmente me colocou de pé, beijou minha testa e correu até o local. Eu soube o momento exato em que ele abriu a porta, porque tinha certeza de que o resfolegar e o soluço que se seguiu foram altos o suficiente para que o mundo todo escutasse.

— Penn? Ai, meu Deus, Penn!

Virei-me a tempo de vê-la mergulhar em seus braços do mesmo jeito que eu. Nunca será necessário fazer um teste de DNA.

River não era particularmente carinhosa com ninguém além de mim. Levando em conta a forma como fora criada, eu nunca a tinha visto abraçar um homem. E lá estava ela, enroscada nele como se também estivesse tentando absorvê-lo.

E, como fez comigo, Penn a abraçou, segurando sua nuca e sussurrando em seu ouvido algo que não consegui entender.

Vê-la com ele — vê-lo com ela — me atingiu de muitas maneiras.

Eu queria tanto que aquilo tudo fosse real.

Por ela.

E por mim.

Eu não sabia o que diabos estava acontecendo ou quando isso iria acabar, mas eu não queria acordar nunca.

Eu poderia viver em uma mentira.

Para preservar aquele momento, eu poderia viver em uma mentira pelo restante da minha vida e morrer com um sorriso no rosto.

— Mamãe? — Isabel murmurou, levantando-se e correndo para os

braços de Catalina.

Catalina olhou para mim e fez a única pergunta que eu não poderia responder com uma verdade *ou* uma mentira.

— O que diabos está acontecendo?

Isso implicaria que alguém me explicasse primeiro.

No entanto, eu não imaginei que teríamos muito tempo para alguém me explicar como Penn havia se erguido do túmulo para vir me salvar novamente.

— Nós temos que ir, cara — Drew disse. — E eu quero dizer *agora*. — Ele estendeu a mão. — Cat, vamos.

Ela olhou para mim nervosamente e então se moveu em direção a ele.

Penn colocou River de pé. As tatuagens em seu braço dançaram enquanto ele tirava as chaves do bolso e as jogava para o irmão.

— Meu carro está estacionado três casas acima. Troque a placa antes de ir até meu apartamento.

Drew olhou para as chaves.

— É um carro de dois lugares.

— Só vai você — Penn esclareceu. Tomando River pela mão, ele veio até mim e me abraçou de lado, nos levando para a porta. — Eu levo todas elas.

Drew ficou parado por um instante, com a mandíbula apertada, alternando o olhar entre as chaves e Catalina. Então finalmente murmurou:

— Sim. É uma boa.

Catalina pegou minha mão quando passamos por ela, caminhando ao meu lado. Sua filha nos alcançou, e nos apressamos para acompanhar os passos largos e decididos de Penn.

De alguma forma, todos nós chegamos à caminhonete.

De alguma forma, acabei sentada na frente, colocando o cinto de segurança — o mesmo ocorrendo com River, Catalina e Isabel no banco traseiro.

E, de alguma forma, no milagre dos milagres, uma pessoa morta ocupou o banco do motorista.

Eu não conseguia parar de olhar para ele enquanto dava ré.

— Como pode estar aqui? — sussurrei.

Ele respondeu, mas não com uma resposta.

— Como ele te encontrou?

Sirenes soavam ao longe.

— Quem?

— Thomas. — Ele olhou para mim, a preocupação surgindo em seus olhos. — Merda, você está bem? — Sua palma grande e quente desceu pela minha coxa.

Pisquei algumas vezes, esperando o oásis desaparecer.

— Acho que não.

— Você vai ficar bem — ele prometeu. — Daqui em diante, você vai ficar.

Foi doce.

E era impossível.

— Você acha que ele poderia ter rastreado meu telefone? — River perguntou. — O pessoal lá guardava o celular durante o dia às vezes. Você acha que ele...?

Penn estalou os dedos.

— Celulares. De todas. Agora. — Três pequenos aparelhos surgiram por sobre o banco. Penn pegou todos eles e parou em um posto de gasolina antes de sair. Eu assisti com admiração suas longas pernas o levando até três latas de lixo diferentes e depois até a minha porta. Ele a abriu. — Querida, eu preciso do seu telefone.

Eu apenas olhei para ele.

E então eu o beijei, porque... ele estava lá.

Ele sorriu contra minha boca, sua mão vindo cobrir meu rosto. Seu polegar calejado acariciou minha bochecha.

— Celular, Cor. Prometo que podemos continuar assim que você voltar para minha casa.

— Arram — soltei em um fôlego só, sem me mover.

E então ele sorriu, lindo e cheio de vida.

— Bolso traseiro?

— Arram — eu repeti.

Ele beijou minha testa enquanto o pegava, e então foi até outra lata de lixo.

E então ele voltou, a caminhonete estava em movimento... e Penn estava vivo.

*

O choque é algo estranho.

Entorpece a mente, permitindo apenas que uma única emoção venha à superfície de cada vez.

Começou com a negação quando o vi na casa de Catalina.

Mas quando chegamos ao apartamento de Penn, o choque ainda não havia desaparecido. E eu ainda não havia acordado. Então, chegando à conclusão básica de que $A \text{ mais } B \text{ igual a } C$, vi que não estava delirando.

E isso me irritou mais do que palavras poderiam explicar.

Para além disso, doeu mais do que palavras poderiam explicar.

Ele me deixou. Ele mentiu para mim. Ele... ele me *quebrou*.

E, agora, estava de volta?

Mesmo sabendo de tudo isso, ainda havia uma parte de mim que queria subir em seu colo e abraçá-lo por toda a eternidade.

Só que não era uma parte grande o suficiente para bloquear a raiva crescente.

— Você mora aqui? — perguntei quando Penn desligou a ignição.

Estávamos em uma garagem subterrânea conectada a um arranha-céu no centro de Chicago. À minha esquerda havia um Acura branco. À minha direita, um Mercedes azul-royal. Considerando que eu dirigia um sedã que foi lançamento na época em que o Magnum era o homem mais sexy do mundo, não era exatamente muito entendida de carros. Mas mesmo sendo uma novata no assunto, podia garantir que havia pelo menos meio milhão de dólares sobre quatro rodas naquele esconderijo de concreto.

— Comprei recentemente.

Eu ri, e a mágoa era impossível de ser confundida no meu tom de voz.

— Que bom para você. É um passo e tanto. — Abri a porta da caminhonete, tomando cuidado para não danificar os outros carros, e então abri a porta traseira para River. — Acho que isso significa que você tinha mais do que apenas um milhão de dólares por aí, hein?

— Desculpa — ele murmurou.

Ele pediu desculpas.

Ele. Pediu. *Desculpas*.

Minha cabeça estava girando. Meu coração estava ao mesmo tempo dolorido e transbordando de felicidade. Foi pura força de vontade que manteve minhas pernas trêmulas sustentando meu corpo.

E Penn vem me pedir *desculpas*.

Bati a porta da caminhonete e dei a volta para encontrá-lo no para-choque.

— Pelo quê? — Foram apenas duas palavras, mas elas continham nada menos que mil acusações.

Seus longos e escuros cílios se fecharam por um segundo.

— Vamos só colocar todos para dentro e eu vou explicar. — Ele pegou em minha mão, e apesar de meu corpo estar chorando por aceitar seu conforto, no fundo eu sabia que o causador da dor não me curaria.

Afastei a mão e disse, impassível:

— Mal posso esperar.

Catalina se esgueirou ao meu lado enquanto Penn nos guiava até um pequeno elevador. Ele vasculhou o bolso, buscando só Deus sabe o quê, e então as portas se abriram.

Todos entramos em fila, como um bom rebanho de ovelhas seguindo um pastor fantasmagórico.

Catalina estava atrás de mim, e quando as portas se fecharam, ela se inclinou para frente e sussurrou:

— Onde estamos?

Eu bufei.

— Sinceramente não sei.

Penn usou sua audição sobre-humana.

— Meu apartamento fica no sexto andar. Estaremos seguros aqui. Há uma firma de segurança alguns níveis abaixo. Eles vigiam de perto todas as entradas e saídas do prédio. Se Thomas pensar em aparecer aqui, vai se ver não só comigo.

— E quem exatamente é você mesmo? — ela perguntou.

— Ah, me desculpe — eu disse sarcasticamente, balançando a mão entre eles. — Permita-me apresentá-lo. Catalina, este é o meu ex-namorado, Penn Walker. Você sabe, o motivo de eu ter passado as últimas semanas de luto, já que ele — dei um sorriso irônico para Penn — morreu.

Penn me olhou como se ignorasse meu sarcasmo.

— E eu disse que vou explicar tudo — ele apontou com o queixo para uma câmera de segurança — quando entrarmos.

Fechei a boca e olhei para a porta enquanto subíamos. Disse a mim mesma que o zumbido em minhas veias era o que restava de adrenalina.

Mas eu não conseguia nem mentir para mim mesma.

Meu corpo estava da mesma forma de antes, reagindo do mesmo jeito a ele, independentemente do quanto desejava odiá-lo.

Mordendo os lábios, eu arrisquei um olhar para Penn com o canto do

olho. Eu me arrependi imediatamente.

Ele estava olhando para mim. Seu olhar era sombrio e solene, mas o leve toque de um sorriso inclinou um lado de sua boca. Isso me lembrou da primeira vez que o vi sorrir. Foi naquele dia que estávamos sozinhos no apartamento da Brittany, e ele estava consertando o ventilador de teto. Parecia que tinha sido uma vida atrás. Mas eu ainda podia sentir a forma como todo o meu corpo se aqueceu quando ele apontou para a boca e me disse que era um problema de saúde.

A nostalgia me atingiu com força total, fazendo meu nariz coçar.

E eu perdi a paciência.

— Pare de olhar para mim — eu reclamei.

— Eu não posso — ele sussurrou. — É surreal que você esteja realmente aqui agora.

Minhas sobrancelhas se juntaram quando fiz uma imensa cara feia para ele.

— Não fui eu quem morreu, Penn.

Seu sorrisinho se abriu em um sorriso completo, que provavelmente me engravidaria ali mesmo. Eu tentei desesperadamente ignorá-lo — e fiz um esforço e tanto para evitar que meu olhar se focasse em sua boca. Essa tarefa se tornou impossível quando sua mão pousou no meu pescoço. Arrepios me dominaram enquanto seus dedos mergulharam em meu cabelo.

E então ele se inclinou, aproximou os lábios de minha orelha e murmurou:

— Deus, eu senti tanta saudade.

Mordi a bochecha enquanto minha visão ficava turva. Eu senti falta dele também. Muita, para cacete.

Mas eu tinha permissão para sentir saudades dele.

Penn não tinha permissão para sentir saudades *de mim*.

— Não encosta em mim — disse, com raiva.

Era totalmente o Penn. Ele afastou a mão imediatamente, e seu sorriso morreu.

Por uma fração de segundos, quase me senti culpada. E então, do nada, um pensamento me atingiu.

— Drew sabia que você estava vivo o tempo todo, não é?

Ele teve o bom senso de parecer envergonhado enquanto murmurava:

— Sabia.

Senti um frio no estômago, e não de um jeito bom. Era como se alguém

tivesse puxado não somente meu tapete, mas todo o chão sob meus pés. Pelo amor de Deus, havia alguém que *não estava* mentindo para mim?

— Excelente — sibilei.

O elevador apitou, anunciando sua chegada, e eu me arrastei para frente. No instante em que a porta se abriu, virei de lado, saindo correndo e arrastando River atrás de mim.

Presumi que Catalina e Isabel estavam nos seguindo. Mas graças àquela sensação em minhas veias, eu tinha certeza de que Penn estava no meu encalço.

Havia apenas uma porta no sexto andar, então trotei em direção a ela, minha pressão arterial subindo a cada minuto.

Penn apareceu, balançou um pequeno cartão-chave branco na frente da maçaneta e empurrou a porta.

Minha boca se abriu. Eu sabia que o prédio era bom pela aparência da garagem. Mas, aparentemente, Penn Walker — o homem que havia removido meu vaso sanitário, limpado o mofo de dentro das minhas paredes e dormido ao meu lado em um colchão velho e encaroçado no chão — tinha tanto dinheiro, que nem se incomodou em usar uma chave de metal em uma fechadura, mas sim um cartão.

Sério, quando eu ia parar de me surpreender?

— Ohhh, talvez quando eu descobrir o que diabos está acontecendo? — respondi minha própria dúvida em voz alta.

— O quê?

— Nada — eu gemi. — Vamos entrar para que eu possa gritar com você.

Um sorriso lento e lindo esticou sua boca.

— Me diz, como um homem pode resistir a uma oferta dessas? — disse e me deu uma piscadela.

Uma piscada.

Uma maldita piscadela.

Homens mortos não podem piscar.

Especialmente quando eles não estavam realmente mortos.

Penn se ocupou desligando o alarme enquanto eu entrava no saguão. Seu apartamento era lindo. Até mesmo Catalina – que viveu em algumas mansões antes de fugir – sussurrou um “uau”.

Piso de madeira escura cobria o chão da enorme extensão que unia sala de estar e sala de jantar com cozinha — os móveis eram a única coisa que delineava as áreas. Havia sofás fofos cor de chocolate. Uma

enorme tela plana presa à parede. Bancadas de granito e acessórios de bronze polido.

Mas nada disso fez meu coração pular na garganta como o que vi em seguida.

— Ei, você voltou — ela cantarolou, seu cabelo ruivo balançando em um coque enquanto se virava. Com um pote de sorvete em uma mão e uma colher a meio caminho da boca na outra, todo o seu corpo bonito e *saudável* estremeceu no momento em que nossos olhos se encontraram.

E foi nesse exato momento que eu perdi a linha.

Novamente.

— Ai, meu Deus! — gemi, correndo sem parar até que Savannah estivesse presa em um abraço incrivelmente apertado. Confusão, euforia, frustração, raiva se fundiram dentro de mim para criar uma superemoção sem nome que fez meu coração cantar, causou um aperto no peito e uma moleza nas minhas pernas. — Ai, meu Deus — eu repeti, minhas mãos tremendo enquanto acariciava suas costas como se estivesse procurando por uma lesão. — Você está realmente aqui. — Eu a soltei o suficiente para dar uma conferida, em seguida, puxei-a de volta. — Deus, é bom ver seu rosto. Como você está? Você está se sentindo bem?

Ela riu, me dando um apertão demorado.

— Sim. Cor. Estou bem.

Ela estava bem.

Ela estava bem.

Ela estava...

Ah, merda.

Depois daquele dia, eu mal conseguia me manter de pé.

No entanto, menos de um segundo depois, quando o peso esmagador da realidade caiu sobre meus ombros, o “mal” foi substituído por um “não”.

Meus joelhos cederam completamente.



CAPÍTULO 10

Penn

— Cacete — Savannah disse enquanto ela e Cora, ainda abraçadas, despencavam no chão.

Fui ajudar as duas. Logo as agarrei e as coloquei de pé novamente. Cora estava muito instável para conseguir se manter na vertical, então passei o braço em volta de seus quadris e a trouxe para meu peito.

Como o imbecil que sou, fiquei tão em transe no elevador que esqueci de avisá-la sobre Savannah. Mas ver Cora ali comigo – não importa quão chateada estivesse ou quantas montanhas ainda tivéssemos de escalar – era inebriante.

Eu só pensava na falta que ela me fez.

Eu fisicamente ansiava por tocá-la.

Por beijá-la novamente.

Por abraçá-la.

Mas não naquele momento, em que ela era outra: um resquício despedaçado da mulher que eu amava, oscilando em meus braços

— O que está acontecendo? — ela choramingou.

— Shhh, vou explicar tudo. — Pegando Cora no colo, olhei para Catalina. — Tranque a porta. Me avise quando Drew chegar aqui.

Ela olhou para mim, a preocupação nítida em seus olhos castanhos, mas não discutiu enquanto me via carregando Cora pelo corredor até o meu quarto.

À distância, ouvi River gritar:

— Ah. Meu. *Deus*. Savannah! O que você está fazendo aqui?

Eu gemi mentalmente quando ouvi a esperada resposta de Savannah:

— Penn é meu novo papai.

Depois de fechar a porta com um chute, carreguei Cora para a cama, gentilmente a coloquei de pé e tirei meus sapatos antes de ir atrás dela. Na minha cabeça, parecia a coisa mais natural do mundo. Nós dois construímos um relacionamento inteiro pautado em nada além de descansar na cama juntos.

Nós não tínhamos ido a bons restaurantes.

Nós não tínhamos assistido nada na TV.

Nós apenas deitávamos juntos, conversando, nos beijando e passando

tempo um com o outro.

Era isso que nos definia como um casal.

Mas não éramos mais um casal, não importa o quanto isso me massacrasse.

Sentando-se de súbito, ela se arrastou para o canto oposto da cama.

— Não. Preciso de espaço.

Ardeu como se fosse uma queimadura de ácido, mas o que eu esperava? Que ela ficaria tão emocionada em me ver de novo, que esqueceria o fogo, o dinheiro – cacete, tudo que houve nas últimas semanas – e me daria boas-vindas verbalmente e, quem sabe depois fisicamente?

Porra. Depois daquele beijo na caminhonete, era exatamente o que eu esperava.

Imbecil.

Assentindo, mudei de direção e fui até a poltrona de couro no canto, sentando na beirada como se o assento estivesse cheio de piranhas.

— Você está bem?

Ela levantou um dedo no ar.

— Vamos ignorar o fato de que você deveria estar morto e pular direto para: por que a Savannah está com você?

— Eu fiz uma promessa.

Ela soltou uma risada curta.

— Acho que estou feliz por isso não ter sido uma mentira.

Merda. Ela estava oscilando entre ser doce, mergulhar em meus braços e ficar chateada. Mas eu estava realmente esperando que seu ioiô de emoções em algum momento virasse a meu favor.

De novo: imbecil.

— Será que Thomas...?

— Você — ela interrompeu, pegando o colar e arrastando-o para frente e para trás pela corrente. — Eu não quero falar sobre Thomas até que eu saiba o que diabos está acontecendo com *você*, Penn. — Lágrimas escorreram por seu queixo, e ela usou o ombro para secá-las.

Os músculos da minha mandíbula ficaram tensos. Ela tinha todo o direito de estar chateada. Droga, Cora tinha todo direito de nunca mais falar comigo. Mas eu não ia ceder sem lutar.

Eu respirei fundo e apoiei os cotovelos nos joelhos. Era agora ou nunca. E como eu aprendi nas últimas semanas, “nunca” não era uma opção quando se tratava de meus sentimentos pela Cora.

— Não podemos falar sobre mim sem falar sobre Thomas. Ele matou minha esposa.

Ela rapidamente voltou a cabeça em minha direção.

— O quê?

Estalei o pescoço. Aqueles vinte e nove minutos mudaram minha vida. Eu fiquei obcecado neles nos últimos anos, e só quando conheci Cora fui capaz de passar uma noite sem ficar preso na cena que ocorreu naquele maldito quarto de hotel.

Eu não queria que ela conhecesse o homem que me tornei depois que perdi Lisa.

Eu me sentia eu mesmo ao lado de Cora, mais do que me senti em anos, talvez mais do que tenha sentido a vida toda. Para mim, aqueles momentos com ela foram como um perdão de última hora no corredor da morte. Ela foi a primeira pessoa a me dar uma razão para querer viver novamente.

Mas se eu fosse honesto comigo mesmo, o homem superficial e sem coração movido pelo ódio e pela dor, o mentiroso que havia manipulado todos até cair na cama dela era o meu lado que ela conhecia.

E acabava comigo saber que eu precisava dizer isso a ela.

Eu devia isso a Cora.

E muito mais.

Então, enquanto olhava em seus olhos azuis profundos, eu finalmente disse a ela a verdade.

— Meu nome é Shane Pennington. Drew não é meu irmão. Na verdade, ele é meu cunhado, irmão gêmeo de Lisa, e não conseguimos o emprego no seu prédio por acaso.

Sua boca se abriu em puro espanto.

— Você é, tipo, um policial disfarçado?

Eu me inclinei para trás na cadeira, mas apenas para me impedir de alcançá-la.

— Longe disso. Drew e eu viemos aqui para encontrar e matar o homem responsável pela morte de Lisa.

Ela balançou a cabeça.

— Eu... eu não entendo. Você disse que a polícia atirou nos homens que a assassinaram.

— Eles atiraram mesmo. Mas aqueles homens não invadiram o quarto dela e a mataram só por causa de um assalto que deu errado, como a polícia tentou me enfiar goela abaixo. Eles a mataram por lazer. Eu passei

por investigadores particulares, mas nunca conseguimos ligar os homens que a mataram a Manuel, Dante ou Marcos. Então Drew e eu unimos forças e decidimos ir direto à fonte. Drew roubou dois carros para ficar preso com Manuel.

— Manuel? Por que ele faria isso?

— Porque Lisa estava bisbilhotando os negócios de Guerrero na época em que foi morta.

Ela tapou a boca com a mão.

— Ah, meu Deus.

Eu ansiava por abraçá-la, então esfreguei as mãos nas coxas para me conter. Mas se eu quisesse ir mais a fundo nisso, tinha de contar *tudo* para ela.

— Tivemos sorte que ele e Manuel se tornaram amigos rapidamente e depois colegas de cela, mas mesmo que Manuel o odiasse, estar do lado de dentro nos deu mais informações do que poderíamos encontrar do lado de fora.

Ela balançou a cabeça, fez uma pausa e depois balançou novamente. Cora parecia estar em um labirinto, mentalmente entrando em becos sem saída antes de voltar atrás e se mover em uma direção diferente.

— Espere... Então Manuel te disse que Thomas matou sua esposa?

Eu gemi, sabendo que essa era a parte que eu mais temia.

— Não. *Você* me disse isso.

Ela deu um salto repentino, se levantando da cama.

— Eu nunca disse isso!

— Relaxa. Venha aqui. — Estendi um braço para Cora, faminto para puxá-la para o meu colo, mas ela ignorou minha tentativa.

— Não me toque. Apenas *fale*.

Eu resmunguei, me remexendo no assento.

— Nós aparecemos no prédio procurando por Catalina. Manuel havia dito a Drew que sua neta havia participado de uma reunião em que um homem lhe pedira para ordenar um ataque a uma pessoa que era uma repórter intrometida. Nós não conseguimos descobrir quem era aquele homem. Manuel só tinha uma neta e sempre acreditou que você sabia onde estava a mãe dela. Na noite anterior ao incêndio, quando você estava me contando sobre o vínculo entre Manuel e Thomas estar desmoronando, todas as peças se encaixaram.

Ela virou para frente, como se eu tivesse dado um soco no estômago dela.

— Ah, meu Deus. Era a River, não era? Era ela que estava lá.

Eu não precisei responder.

Ela começou a andar de um lado para o outro.

— Ah, meu Deus. Isto é ruim. Muito, muito ruim. Ele vai descobrir que foi River quem te contou.

— Eu não vou deixar nada acontecer com ela. Eu prometo. Eu vou matar aquele homem, Cora.

— Ah, que ótimo — ela retrucou. — Isso torna tudo melhor. Funcionou muito quando você matou Marcos e Dante. — Ela acenou com a mão em minha direção. — Merda, talvez tenha funcionado sim, no final das contas.

Meus lábios se contraíram. Porra, Cora era adorável.

Eu me forcei a ficar sério quando ela parou e olhou para mim, seus olhos se estreitaram em perplexidade, não por orgulho nem nada.

— Espere. Se você está vivo, de quem é o corpo que Drew identificou no incêndio?

— Um capanga de Marcos. Eu os chamei. Provoquei dizendo que iria assumir o negócio. Disse a eles que você e todas as mulheres eram minhas. Eles mandaram dois homens primeiro, pensando que eu estaria morto antes que eles tivessem que calçar os sapatos. Não foi o que aconteceu. Eu os atraí pelas escadas dos fundos. Apaguei os trinta segundos de filmagem deles indo atrás de mim em seu apartamento e depois tirei as estrelas do seu teto enquanto esperava Dante e Marcos chegarem.

— Havia apenas três corpos no incêndio. O que aconteceu com o outro cara?

— Não importa.

— Importa, sim!

Eu cerrei meus dentes.

— Você está puta por eu ter livrado o mundo de dois bandidos? Confie em mim, Cora. Fizemos nossas pesquisas. Aqueles imbecis eram capangas de Marcos por uma razão. Eles colheram o que plantaram.

— Eu não me importo que você tenha matado os dois. Se eu tivesse sapatos de dança, estaria fazendo uma dancinha aqui mesmo. Porém eu estou cansada de ser enganada e de não saber de nada sempre que você e Drew acham conveniente. Então ou me diz a droga da verdade, Penn, ou você pode voltar a interpretar o papel do homem morto nesta história.

— Tá bom. Joguei o corpo pela porra da janela e o enterrei no quintal de Marcos.

Sua boca se abriu e fechou, mas fora algumas baforadas audíveis de ar, nada saiu. Ela me encarou por vários segundos, seus olhos alternando entre brilhar de surpresa e estreitar em descrença, até que finalmente ela perguntou:

— Quem é você?

Foi a pergunta mais fácil que eu recebi a noite toda.

— Sou o que for necessário para te manter em segurança. — Incapaz de me conter, eu me levantei, e dando alguns passos, me aproximei dela.

Cora imediatamente recuou, colidindo com a parede, e mesmo desejando ser homem o suficiente para dar a ela um pouco de espaço, eu não consegui. Naquele momento, estava me afogando de uma maneira diferente.

Com cuidado para não a tocar, coloquei as mãos na parede, nas laterais de sua cabeça, e me aproximei até que nossas bocas estivessem a poucos centímetros de distância.

— Eu te amo, Cora. E não me sinto mal com nada disso. Eu era seu homem. Cuidar de você e de suas garotas, esse era a porra do meu único trabalho.

Sua respiração estremeceu, mas suas costas se endireitaram quando me encarou bem nos olhos e cuspiu:

— Você *nunca* foi meu homem.

O sangue trovejava em meus ouvidos enquanto eu me aproximava, meu peito encontrando o dela, seus seios entre nós dois. Minha voz baixa e irregular enquanto eu murmurava:

— Isso é uma mentira da porra, e você sabe disso.

— Eu nem sabia seu nome — ela respondeu rapidamente. — Meu *homem* não teria mentido para mim em todos os minutos de cada dia. Nem teria fingido sua própria morte, me deixando afundada nas profundezas do luto novamente. Especialmente não depois que eu abri meu coração, contando a ele tudo que eu passei com Nic. Você pirou quando eu desapareci por algumas horas porque isso te lembrou Lisa. E então você sai da minha vida assim, torcendo meus parafusos todos no processo? Não. Nem pensar. — Ela me deu um empurrão forte no peito, me pegando desprevenido e me fazendo cambalear um passo para trás. — Eu não sou uma especialista em amor, Penn, Shane, qualquer que seja o seu nome, mas posso garantir que isso *não* é amor.

— Eu fiz isso tudo para *te proteger*.

— Eu não precisava de proteção! Eu precisava de você! — Ela pisou com força no chão. — Eu estava fazendo faculdade, Penn. Estou a *um*

semestre de me formar em contabilidade. Eu tinha dinheiro. Eu tinha planos para um futuro. Eu ia sair de lá. Eu não precisava de um homem vir correndo me resgatar. Eu precisava de um homem para ficar ao meu lado e me ajudar a construir uma vida fora daquele lugar. Eu precisava de um parceiro, não de outra porra de obstáculo.

Eu botei as mãos nos quadris e resfoleguei.

— Um obstáculo? Você está me zoando? Deixei tudo o que você poderia precisar.

Seu rosto vibrou enquanto ela rugia:

— Tudo menos você!

Minha paciência acabou. Ela não era a única que estava sofrendo.

— Não podia ficar. — Passei uma mão áspera pelo meu cabelo. — Acredite em mim, Cora. Eu tentei descobrir uma maneira de ficar com você. Eu não sei no que essa história vai resultar para mim. Mas eu sei que vai terminar com Thomas morto. Eu não queria você envolvida nisso. Eu não podia suportar a ideia de ser mais uma pessoa a te chafurdar na lama. Quando Nic morreu, ele te deixou sozinha e abandonada.

Seu olhar se tornou assassino.

— Não se atreva a dizer o nome dele.

— Me diz se sua vida inteira não teria sido melhor se ele tivesse se afastado de você algumas semanas antes de morrer.

— Isso *não é* sobre Nic — ela retrucou.

Eu avancei em sua direção, não parando até que nossos corpos estivessem nivelados. Botei uma mão aberta na parte inferior das suas costas, a outra pousou entre suas omoplatas. Seu peito arfava junto do meu, seus olhos pareciam selvagens, mas não havia medo neles.

Inclinei-me para perto, roçando meu nariz no dela antes de dizer:

— Ah, é, sim, querida. Veja, Nic era um garoto jovem e burro que pensou que poderia levar seu diamante para o lixão e sair de lá com ele no bolso. Só que ele morreu naquele lixão, e o diamante ficou preso lá até o dia em que *eu* o encontrei. Eu não faria isso com você novamente. Eu não ia te afundar na lama, te cobrir com toda essa sujeira e te deixar sozinha secando ao sol quando algo acontecesse comigo. Eu queria você fora de tudo aquilo, mesmo que eu tivesse de ficar. — Apontei o polegar no meu peito. — Eu te assisti dormindo todas as noites por dois meses, sentindo o pavor acumulando dentro de mim, sentindo como se meu coração estivesse sendo arrancado do peito com o mero pensamento de te perder. Mas não havia solução. Para você escapar dessa vida, os Guerrero precisavam morrer, e eu precisava ir embora.

— Mas você não tinha que me fazer pensar que você estava morto — ela retrucou. — Tudo bem, você quer os louros? Aqui estão. Você era meu cavaleiro salvador em um cavalo branco. Eu deveria estar de joelhos agradecendo agora. Mas você vai ter que me desculpar. Meus joelhos estão um pouco doloridos. Passei as últimas semanas ajoelhada chorando por *você*.

— Você acha que eu queria isso? Você acha que eu queria largar a mulher que me fez sentir mais vivo em dois meses do que em todos os trinta e sete anos da minha vida? Pelo amor de Deus, a ideia de você seguir em frente, construir uma vida com outro homem, arde em minhas veias até agora. Eu sei que te machuquei, Cora. Mas eu juro por Deus, fiz a única coisa em que consegui pensar para tornar sua vida melhor em vez de piorá-la.

Ela fechou os olhos, seu rosto inteiro se contorcendo de dor.

— Por que você não me contou? Eu poderia ter lidado com isso.

— Eu não queria te arrastar para este inferno.

— Eu já estava nele. Muito antes de você surgir.

— Mas eu não pude ver você queimar. Você pode não estar com medo das chamas dentro de mim — eu bati no peito, na altura do meu coração —, mas *eu estava*. Então essa conexão entre nós teve que ser cortada, não importa o quanto isso me destrísse.

— Destruísse você? — ela acusou. Seus olhos se abriram, e o sentimento de traição ardendo dentro deles me rasgou de ponta a ponta. — Então você decidiu me destruir em vez disso?

— Destruída não é o mesmo que morta.

— Pare de dizer isso — disse, irada. — É uma baboseira e tanto. Tudo isso. Isso nunca foi sobre mim. Do dia em que você entrou no meu apartamento, e todos os dias depois disso, você só contou mentiras. Você jurou que não estava procurando por Catalina.

— Eu não estava lá para fazer mal a ela.

— Não. Você deixou essa parte para mim, certo?

— Não — eu disse definitivamente.

Seus lábios tremiam enquanto olhava para mim.

— Você entrou na minha vida, deu uma olhada ao redor e sentiu pena de mim? É isso? Você não conseguiu salvar Lisa, então decidiu tentar de novo comigo

Senti o impacto disso dentro de mim. Eu queria gritar que estava errada. Queria a sacudir e a fazer entender. Mas, no fundo, eu só queria que isso parasse. Tudo isso.

— Não foi nada disso que aconteceu.

Seus braços pendiam ao lado do corpo, e o vazio nos olhos me tirou o fôlego.

— Você fez amor comigo todas a-as noites, olhou nos meus olhos e mentiu com seu corpo também.

— Cora, querida. Não. Eu nunca menti para você desse jeito. — Eu a estava perdendo. Ela estava em meus braços, eu ainda nem havia a recuperado. Mas eu a estava perdendo de novo. — Por favor. Só me escuta.

— O que mais há a dizer? No minuto em que você soube o que aconteceu com sua preciosa esposa, você jogou algum dinheiro em mim como se eu fosse uma prostituta e depois foi embora.

Meu corpo inteiro ficou tenso, os músculos do meu pescoço dolorosamente esticados contra a pele. Com cuidado para controlar meu tom, eu exclamei:

— Não foi assim. E você sabe disso, porra.

— Eu não sei de mais nada! Nada faz sentido. Alguma coisa foi real, *Shane*?

Eu odiava o jeito como ela dizia meu nome. Como se fosse um xingamento particular. De certa forma, porém, eu supunha que era mesmo.

Porque, não importa o quanto eu quisesse negar, Cora Guerrero não se apaixonou por Shane Pennington.

Ainda não.

Eu precisava que ela sentisse a honestidade martelando em meu peito, correndo em minhas veias e fluindo em meus pulmões.

Pegando em sua mão, eu a ergui ao meu peito, selando-a contra mim com as duas mãos em cima.

— *Nós dois somos a verdade nisso, Cora. Nós somos a única verdade em toda essa situação fodida.*

Seus ombros se curvaram para frente em derrota.

— Eu nem sei mais o que é a verdade.

— Não diga isso.

— Então o que você quer que eu diga, Penn? — Ela se encolheu. — Quero dizer... Shane.

— Penn. *Por favor*, me chame de Penn.

— Por quê? Para que possamos continuar com a mentira?

Minha mão estremeceu sobre a dela.

— Não parece mentira quando você diz. Cora, me desculpe. Por tudo isso. Não, eu não deveria ter me apaixonado por você quando isso tudo começou. Mas você praticamente não me deixou escolha. Você é uma mulher incrível. Eu soube disso desde o momento em que Lisa me contou sobre você. Mas quando finalmente te conheci...

Ela tirou a mão como se eu a tivesse eletrocutado.

— O que você quer dizer quando Lisa te contou sobre mim?

Engoli em seco e peguei meu telefone.

— Ela veio para Chicago depois de receber uma pista sobre algumas garotas se envolvendo com drogas e prostituição depois de responderem a anúncios em busca de modelos. Os policiais não estavam fazendo nada sobre o assunto, então ela decidiu que faria. Com isso, ela encontrou os Guerrero. — Passei o dedo na tela do celular até encontrar uma foto dela de pé com Drew em uma festa de Natal da família.

Ela estava sorrindo para a câmera, o braço de seu irmão em volta de seus ombros. Fotos dela costumavam me causar dor. Agora, eu estava preocupado que fossem machucar Cora também.

Virando a tela do celular em sua direção, concluí dizendo:

— E então ela te encontrou.

Eu vi o momento exato em que Cora reconheceu Lisa. Seu rosto empalideceu e então seu pequeno corpo se transformou em pedra.

— Não — ela declarou, se afastando de mim. — Não, isso não é possível. Essa é a Lexy. — E então, quando eu pensei que não poderia machucá-la mais, uma luz de compreensão atingiu seus olhos antes de destruí-la. — Ai, meu Deus. Ai, meu Deus, você é o Shane. Você é o *Shane da Lexy*.



CAPÍTULO 11

Cora

Quatro anos antes...

— Em uma escala de um a dez, quão ruim seria se passássemos em um drive-thru para jantar?

— Ruim? — River perguntou do banco traseiro. — Isso seria incrível.

Sorri para ela pelo espelho retrovisor. Ela estava crescendo muito, ficando cada vez mais parecida com o pai.

— Ok, mas só desta vez.

Ela deu um soquinho no ar.

Eu ri e liguei o pisca-alerta, cortando o tráfego para entrar na faixa de retorno.

— Você encontrou algum livro bom na biblioteca?

— Meh. Na verdade, não. Eles tinham tantas páginas.

— Ah, sim. Esses livros malvados são conhecidos por isso. Triste, hein?

— Totalmente. Como foi seu teste?

— Noventa e sete. — Limpei uma sujeira invisível do meu ombro.

Ela riu.

— Ei, bom trabalho!

— Obrigada. Eu dormi a mesma quantidade de minutos da noite passada, mas tanto faz. Posso dormir quando conseguirmos nossa mansão no céu.

— Ah, falando isso. Quando tivermos uma casa nova, quero pintar estrelas no teto.

Meu coração pulou uma batida.

— Eu posso conseguir algumas estrelas para você colar lá por enquanto, se quiser. Ou você pode tirar algumas das do seu pai do meu teto.

— Nah, elas são suas. Eu quero pintá-las eu mesma. Uma de cada vez.

O orgulho correu por minhas veias.

— Sim. É claro. Há alguma chance de você me deixar ajudar?

— Depende. Você vai me deixar tomar um milk-shake no jantar?

Meu sorriso se esticou, e estreitei os olhos para ela pelo retrovisor.

— Você vai realmente me chantagear assim?

Ela riu.

— Isso é o que acontece quando você nega açúcar a uma criança por anos a fio. Elas mergulham em uma vida de crime.

Jesus, ela era uma espertinha. Definitivamente a filha do pai dela.

Meu telefone começou a tocar quando entrei no estacionamento da nossa hamburgueria favorita.

— Tá bom. Chocolate ou baunilha?

— A gente nunca conversou sobre isso antes? — ela brincou.

— Uma vez ou duas. Mas continuo torcendo para te converter em uma amante de chocolate.

— Se fosse você, eu esperava sentada.

Eu mostrei a língua para ela enquanto entrava na fila do drive-thru e levei o telefone à orelha.

— Olá?

Era Brittany, e o pânico em sua voz me atingiu como uma caminhonete Mack.

— Dante está aqui.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram. Era engraçado como duas palavras podiam causar uma reação tão visceral, e elas foram suficientes para isso. Duas palavras, e o núcleo da minha alma estremeceu.

— Eu estou a caminho. — Deixei cair o telefone no colo sem sequer encerrar a ligação antes.

— Ei! — River reclamou quando eu saí da fila. — E o meu milk-shake?

— Dante está no prédio. — Acelerei o carro, meu coração entrando em guerra contra minhas costelas.

Eu mentalmente repassei a manhã na cabeça, revisando cada passo que havia dado. Eu guardei meu livro da faculdade. Meu dinheiro estava escondido. Os depósitos daquela semana estavam prontos. River estava comigo. E todas as garotas estavam lá. Ele não aparecia há algum tempo, mas estávamos sempre preparadas.

Deus, eu esperava que estivéssemos preparadas.

Olhei para River, e lágrimas já estavam caindo de seus olhos enquanto ela olhava silenciosamente pela janela.

— Vai ficar tudo bem. Tenho certeza que ele só foi deixar uma garota nova — eu menti. — Mas, quando chegarmos, quero que você suba direto e se tranque em seu quarto. Você sabe o que fazer.

Ela assentiu sem olhar para mim.

— Ei, querida, olhe para mim. Vai ficar tudo bem. Ele não tem nenhuma razão para te levar desta vez. — Ela havia voltado na noite anterior. Manuel ficou com ela por mais de uma semana naquela época. Meu sangue se transformou em lodo quando pensei nele a levando novamente. — Vai ficar tudo bem — eu repeti para o nosso bem. — Juro.

— Verdade? — Nem mesmo seu sussurro conseguiu esconder o tremor na voz.

Desviei o olhar para o espelho retrovisor. Eu não queria mentir para ela. Nem queria dizer a ela que era mentira. Eu queria que fosse a verdade com cada fibra do meu ser. Tanto que não hesitei quando respondi:

— Verdade. Eu não vou deixar te levar.

Levamos mais cinco minutos para chegar em casa. Assim que chegamos, vi uma congregação de mulheres amontoadas ao redor das escadas, espiando. Meu coração parou quando dez pares de olhos aterrorizados se voltaram em minha direção antes mesmo que eu estacionasse o carro. O som da porta de River batendo se fez presente ao mesmo tempo que desliguei o motor. Eu saí atrás dela, observando seu rabo de cavalo marrom balançando enquanto ela corria em direção aos degraus.

— Cora!

— Cora!

— Cora!

Eu levantei a mão para silenciá-las enquanto examinava o grupo em busca de alguém em quem confiasse.

— Angela — eu chamei. — Suba com ela. Tranque a porta.

Ela saiu do grupo, subindo dois degraus de cada vez para alcançar River.

Voltei minha atenção para Brittany.

— Onde ele está?

Seu rosto já pálido brilhou fantasmagoricamente.

— Ele está com a Lexy.

Meu pulso disparou quando o medo me fez retroceder um passo.

— Merda — eu soltei, subindo as escadas em uma corrida mortal.

Eu tinha acabado de levá-la para o terceiro andar. Ela não estava lá há muito tempo, mas já queria sair. Todas as garotas lá de cima a amavam. Na maioria das vezes, eu as encontrava sentadas, conversando de forma

quase romântica sobre o que queriam fazer com suas vidas. Isso me deu esperanças de um dia ajudá-las a tornar esses sonhos uma realidade. Lexy queria entrar no jornalismo. Ela tinha grandes sonhos de se tornar uma repórter investigativa de uma das principais redes de TV a cabo. Todo o seu rosto se iluminava como um nascer do sol quando falava sobre isso.

Mas eu tinha de tirá-la de lá primeiro.

Quando cheguei ao terceiro andar, encontrei Angela tentando convencer River a entrar em nosso apartamento. Mas ela estava congelada no meio da passagem, com a boca aberta, enquanto olhava para a porta entreaberta de Lexy.

E então eu entendi o porquê.

— Me larga! — Lexy gritou de dentro.

— Cala a boca — Dante rosnou.

Houve vários estrondos altos seguidos por outro grito que ecoou pela passagem, me cortando até os ossos a cada reverberação.

Minha mente começou a se agitar, tentando descobrir alguma forma de parar com isso. Eu poderia ter entrado lá, arrastando-o para longe dela. Dante adorava me bater. Droga, provavelmente teria sido um deleite para ele fazer essa troca.

Mas com um olhar para River, percebi que não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer por Lexy.

Ele a teria levado. Ele teria me batido loucamente e então a teria levado de volta para Manuel. E só Deus poderia saber por quanto tempo desta vez.

Eu não tinha saída. Estava presa entre permitir que uma boa mulher fosse estuprada e abusada e perder minha filha para aquele homem.

Meu corpo inteiro tremia e minha mente girava, tentando freneticamente encontrar uma solução.

— Sua puta do caralho — Dante gritava.

— Não! — Lexy chorava.

Levei a mão trêmula à boca enquanto as lágrimas arranhavam o fundo dos meus olhos como lâminas de barbear enferrujadas.

— Cora — Angela implorou.

Eu balancei a cabeça repetidamente.

— Leve River para dentro.

— Não — argumentou River. — Nós temos que ajudá-la.

Outro grito.

Outro grunhido.

Outro pedaço de mim sendo arrancado.

Minha cabeça latejava com uma dor aguda e penetrante – mais do que provavelmente minha consciência fazendo sua presença conhecida.

— Não posso. Ele vai te levar se eu me envolver. Não posso deixá-los fazer isso de novo. Eu não posso resolver isso, querida. Eu simplesmente não posso.

Outro grito.

Outro grunhido.

Outra facada no meu coração.

Como uma covarde, me desvencilhei e marchei até a porta do meu apartamento. Agarrei a mão de River, arrastando-a, e exclamei para Angela:

— Avise a todas que entrem em seus apartamentos e tranquem a porta. Não quero ver ninguém do lado de fora até que você saiba que a barra está limpa.

Lamentavelmente, ela olhou para a porta de Lexy. Ela queria ajudar tanto quanto eu, mas ninguém naquele prédio podia se dar ao luxo de enfrentar um Guerrero.

— Isso é tão escroto — ela sussurrou antes de sair.

Outro grito.

Outro grunhido.

Outra onda de culpa.

— Me dá sua chave — eu pedi para River quando percebi que tinha deixado a minha no carro.

Ela rapidamente o tirou do bolso e o colocou na palma da minha mão. Focando minhas atenções em diminuir o tremor em minhas mãos, fui abrir as fechaduras.

Outro grito.

Outro grunhido.

E então eu morri. Ou pelo menos, eu pensei que iria morrer.

— Dante — River chamou, e ela não estava mais atrás de mim.

Eu me virei e a encontrei abrindo a porta de Lexy.

— River! — sussurrei, me lançando em direção a ela, mas era tarde demais.

— Cai fora daqui, garota! — Dante explodiu.

Ela não se moveu, mas eu assisti com horror quando mergulhou,

pegando algo do chão antes de enfiar no bolso traseiro. Então ela disse:

— Manuel está procurando por você. Ele está tentando ligar para você. Aparentemente, algo está acontecendo no South Side. Ele quer que você o encontre em casa o mais rápido possível.

— Que porra? — Dante retumbou, mas ouvi seus passos pesados. — Onde diabos está meu telefone?

No bolso da River.

Merda. Eu ia matar aquela garota.

Com a respiração difícil e uma pulsação de quem correu uma maratona, eu atravessei o corredor e apoiei as costas na parede de tijolos ao lado da porta. Fora de vista, mas perto o suficiente para agarrá-la se eu precisasse.

— Pois é, não faço ideia — ela respondeu em um tom entediado. — Ele não me deu detalhes. Mas ele parecia irado.

— Filho da puta — ele resmungou.

Eu vacilei quando ele tropeçou na soleira, quase derrubando River, antes de sair correndo escada abaixo. Ele estava chapado, sem dúvida. Eu só podia rezar para que ele sofresse um acidente antes de descobrir que River havia mentido.

Depois de andar na ponta dos pés até o corrimão, espiei e o vi entrando em seu carro. Recusei botar ar nos pulmões até que ele acelerou o carro, fazendo voar cascalho e poeira enquanto acelerava rumo à estrada.

Corri de volta para o apartamento de Lexy. Ela estava sentada no chão, com as costas apoiadas na parede, seus olhos castanhos selvagens e distantes, sangue escorrendo do canto da boca.

— Está tudo bem agora. Ele foi embora — minha corajosa e estúpida filha de nove anos disse, agachando-se ao lado dela.

Seu apartamento estava uma bagunça só. Tudo, desde as almofadas do sofá até as mesinhas de canto, estava espalhado. Sua camisa estava rasgada e o sutiã estava torto, mal cobrindo os seios, mas soltei um longo suspiro de alívio quando vi que ela ainda estava vestindo o short.

Pelo menos isso.

Ajoelhei-me ao lado dela.

Ela pulou quando toquei em seu braço.

— Relaxa. Sou eu — eu a acalmei. — Você está bem?

Ela voltou seu olhar cansado para mim e sussurrou:

— Eu tenho que sair daqui. Eu tenho... eu tenho que ir para casa antes

que ele volte. — De repente, levantando-se, ela tentou ajeitar a camisa esfarrapada, tentando porcamente cobrir o peito. — Eu tenho que sair daqui.

Eu concordei com todo meu coração. Se Dante a quisesse, não havia dúvida de que voltaria. A menos que ela fosse embora, tudo que River fez foi prolongar o inevitável.

Passando a mão em seu braço, eu a ajudei a levantar.

— Tem algum lugar para onde possa ir? Talvez alguém para quem você possa ligar?

— Shane — ela sussurrou antes de explodir em lágrimas. — Ai, meu Deus. Eu não posso contar a ele sobre isso. Ele vai matá-lo.

— Quem é Shane? Um cliente? — perguntei, guiando-a em direção à porta, River vindo logo atrás de nós.

— Meu marido — ela resmungou.

O ar parou junto com meus pés.

Eu virei minha cabeça para o lado.

— Você é casada?

Ela assentiu e então limpou a garganta.

— Eu preciso que você me leve de volta para o hotel.

— Espere. Esse é o cara de quem você estava fugindo? Porque eu não quero que você tome uma decisão precipitada com base no que acabou de acontecer. Podemos arrumar outro jeito. Levá-la a algum lugar seguro.

— Não. Shane nunca... Eu só... — Ela se afastou de mim. Suas mãos tremiam enquanto alisava o cabelo. — Ouça, Cora. Eu preciso sair por um tempo. Mas eu volto, ok? Eu não vou esquecer de você. Juro.

Eu gostava de Lexy.

Ela era uma das garotas mais tranquilas do prédio. Ela era gentil e engraçada, sempre disposta a ajudar. Seu sorriso era contagiante, e sua postura positiva era difícil de ser ignorada.

Lexy era doce.

E quando a deixei no hotel naquela noite, olhei-a diretamente nos olhos e disse a verdade.

— Por favor, nunca mais volte.



CAPÍTULO 12

Cora

Que diabos estava acontecendo?

Eu conhecia a esposa de Penn.

Ela contou para ele quem eu era.

Seu nome era Shane.

Drew não era seu irmão.

Thomas havia matado Lexy.

Penn ia matá-lo.

Ele já tinha matado Dante e Marcos.

Savannah estava de volta.

Assim como Catalina.

Thomas tentou atirar nela.

Penn estava vivo.

E eu estava atualmente de joelhos, no meio do gigantesco banheiro de ricaço de Penn, vomitando em seu vaso sanitário.

— Eu não sou um ricaço — disse ele.

Eeeeeee aparentemente eu estava pensando em voz alta. *Que ótimo.*

Ele estava sentado no chão frio, as pernas dobradas, os pés no chão, os antebraços apoiados nos joelhos. Não muito perto. Não muito longe. Ele estava lá da maneira mais Penn Walker possível.

— Eu fiz de sua esposa uma prostituta — anunciei.

— Ela não era uma prostituta, Cora. Ela nunca dormiu com ninguém.

— Este talvez não seja o momento certo para lhe dizer isso, mas ela trouxe para casa muito dinheiro. Disse que ela tinha o contato de um cara rico.

Ele me deu um sorriso tenso.

— Prazer em conhecê-la. Eu sou o cara rico.

— Você estava lá? — Eu prendi o fôlego, porque, naquele momento, tudo era possível.

— Não. Mas ela costumava conversar por vídeo comigo algumas vezes por semana daquele hotel. Quando ela tinha que voltar no final da noite, tirava dinheiro do caixa eletrônico. De forma indireta, paguei pessoalmente algumas contas de Marcos e Dante lá por um tempo.

Deus. Minha cabeça estava doendo. Era muito para processar
Suspirei.

— Não, você não fez isso. Desviei dinheiro deles o suficiente para cobrir o que você deixou. Mas talvez você tenha pago minha conta de telefone uma ou duas vezes.

Ele sorriu.

— Eu sei lidar com isso.

— Eu a deixei no hotel naquela noite — eu soltei quando não consegui mais segurar.

Seus olhos escurecidos se ergueram para os meus.

— Eu sei.

— Ela... te disse por quê?

— Eu desloquei os dois ombros de Dante e depois os coloquei de volta no lugar antes de o enforcar e o deixar lá, para a fumaça e o fogo acabarem com ele.

Putá.

Merda.

Esse tal de Shane era assustador.

Mas eu não ia dizer que Dante não merecia.

A culpa se instalou como uma pedra pesada batendo forte no meu estômago.

— Achei que ela ia para casa. Dante veio procurá-la no dia seguinte, mas eu disse que ela tinha fugido. Eu nunca imaginei que algo realmente tinha acontecido com ela.

— Ela estava voltando para casa. Ela reservou um voo para a manhã seguinte.

— Ela não conseguiu pegar o voo... — eu sussurrei, a emoção subindo à superfície novamente.

A primeira vez que Penn me contou sobre a esposa, eu pensei que era uma loucura que ele se culpasse por ter falhado com ela quando obviamente não havia nada que pudesse ter feito. Mas, naquele momento, eu entendi. Quando eu a deixei naquele hotel, falhei com ela também.

Erguendo o braço acima da cabeça, peguei uma toalha floral decorativa que eu sabia sem sombra de dúvida que Penn não tinha comprado e usei para limpar minha boca.

— Eu tenho uma escova de dentes extra, se você quiser — disse ele.

Hálito fresco era a menor das minhas preocupações.

Ajeitando a bunda no chão, eu espelhei sua posição e me encostei na grande banheira. Meu corpo doía como se eu tivesse passado por um ciclo de lavagem, e minha mente estava uma bagunça, tentando encaixar todas as peças que Penn estava me dando ao longo de Deus sabe quanto tempo. Cada vez que eu pensava que estava sob controle, ele jogava outra bomba aos meus pés.

— Mais alguma coisa? — perguntei. — Você tem filhos ou algo que eu precise saber?

— Não — ele afirmou.

— Ok, você precisa de um rim e eu sou a única compatível?

Seus lábios se contraíram.

— Não, Cora. Todos os meus órgãos estão em boas condições.

— Sério, não aguento mais surpresas. Se você tem mais alguma carta escondida na manga tatuada, precisa me dizer agora. Você é secretamente o pai biológico de Savannah, que veio salvá-la das garras dos pais adotivos abusivos?

— O quê? Não. E não diga isso para ela. Ela está me chamando de papai há semanas.

Meu estômago se revirou.

Aparentemente, ele tinha mais surpresas.

— Você está com ela há semanas? — gritei.

Ele inclinou a cabeça para trás, contra a parede.

— Fui atrás dela assim que pude. Fiquei que nem um stalker no hospital por alguns dias, esperando vê-la receber alta. Quando ficar de tocaia não funcionou, fui a Cleveland e localizei os pais dela. Eu a encontrei parada na esquina, tentando ganhar algum dinheiro. Eu a peguei e a trouxe para casa.

— Casa — eu sussurrei tristemente. — Certo.

Ele xingou baixinho.

— Isso não foi o que eu quis dizer. Obviamente, a casa dela é com você.

Na falta de qualquer outra resposta, eu repeti:

— Certo.

— Verdade ou mentira?

Tirei fiapos invisíveis de toalha do rosto.

— Não. É por isso que estou sentada aqui agora, perdida e confusa, sentindo que fui transportada para a vida de outra pessoa. Eu deixei você mentir para mim por muito tempo.

— Ok... então verdade. Estou quase explodindo aqui. Alguma chance de você me deixar ir até aí e te abraçar?

Com a tristeza nublado minha visão, eu olhei para ele. Ele estava vestindo o uniforme de Penn Walker: botas, jeans esfarrapados e uma camiseta. Sua barba por fazer tinha crescido até estar quase no limite de virar uma barba cheia, e as tatuagens pretas em seus braços e mãos pareciam completamente fora de lugar naquele banheiro exuberante. Mas Penn sempre foi lindo – bruto e pouco ortodoxo –, e como se tivesse lançado um feitiço em mim, mesmo sabendo o que eu sabia agora, ainda ansiava por seu toque.

— Passei as últimas semanas desejando que você estivesse sentado na minha frente — confessei, parando quando minha voz falhou. — E aqui está você, mas é como se todos os meus sonhos e todos os meus pesadelos se fundissem para formar uma perfeita fodelança na minha cabeça. Eu adoraria mergulhar em seus braços e afundar a cabeça nas areias do conforto ao invés da confusão.

O alívio suavizou seu rosto quando começou a se levantar.

— Mas eu não posso, *Shane*. O homem por quem me apaixonei não passava de uma fachada cuidadosamente construída, feita sob medida, quem ele precisava ser para me seduzir.

— Isso não é verdade. Sempre fui eu.

— E quem é você exatamente? Por favor, estou morrendo de vontade de saber. Que partes de você eram meu Penn com o coração imenso e o toque gentil e que partes eram o Shane da Lisa querendo vingança?

Ele balançou a cabeça.

— Eu. Era tudo eu. Não te mostrei uma parte minha para te seduzir, Cora. Se você se lembra, a única sedução que fiz foi implorar para você ficar longe de mim por medo de nos encontrarmos em uma situação como essa aqui, agora.

— Então a culpa é minha.

— Não. De jeito nenhum. Só quero dizer que não tive que fingir com você. Sim, omiti muitas coisas sobre meu passado e até menti para você sobre meus motivos. Mas cada sorriso. Cada risada. Cada beijo. Cada toque. Era tudo *eu*. Tudo era *nós*. E essa é a *verdade*.

— Pode ser. Mas esse é o lance sobre mentiras, Penn. Elas mancham a verdade até que você não tenha ideia do que acreditar.

Meu peito se inchou enquanto eu respirava profundamente, até pensei que minhas costelas fossem se partir. Eu sabia que ir até seu colo e sentir suas mãos fortes alisando minhas costas me ajudaria. Mas o que eu queria e o que eu permitiria que me tragasse inteira novamente eram

duas coisas diferentes. Penn disse que queria me proteger. Mas, no processo, me quebrou de uma maneira que Dante, Marcos ou mesmo Thomas nunca conseguiram. Não restou muito de mim para que eu tentasse fazer isso de novo.

— Eu acredito em você. Eu acho que você estava pensando no meu bem-estar, mas também acho que você subestimou muito quem eu sou como pessoa. Tudo o que sei com certeza agora é que, apesar de seu coração estar batendo, Penn Walker morreu naquele incêndio. E você precisa aceitar que o que havia entre nós não vai acontecer de novo por isso. Eu tenho que descobrir por mim mesma o quanto do homem que eu amei resta dentro desse Shane, mas isso vai levar tempo. — Eu me levantei e caminhei até ele, estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar. — Você vai ter que esperar esse tempo. Depois do que houve esta noite, há um furacão se formando ao nosso redor. Todos nós precisamos sentar e descobrir o que fazer com Thomas. Há três garotas aqui que passaram por coisas bem traumáticas. Nossos problemas não são relevantes até que os delas desapareçam.

Ele olhou para mim, seus olhos azuis presos nos meus.

— Você não precisa se preocupar com Thomas.

Eu bufei.

— Essa pode ser a maior mentira que você já me contou.

Ele pegou minha mão e se levantou. Quando ficou de pé, me deu um puxão forte, me fazendo trombar contra seu peito. Eu não tive chance de reagir antes de seu braço surgir ao meu redor, me arrastando para mais perto até que nossos corpos se encostassem da cabeça aos pés.

Minha respiração acelerou quando seu calor me envolveu, expulsando o frio que havia se instalado em meus ossos desde o dia em que ele morrera. Seu peito se mexia junto do meu, subindo e descendo em uma dança sincronizada, como se até nossas respirações desejassem uma à outra. Penn abaixou a cabeça, a barba fazendo cócegas na minha bochecha, provocando inúmeras lembranças de seu rosto se esfregando no meu enquanto se movia dentro de mim, nossos corpos febris e frenéticos.

A razão me disse para recuar. Eu pedi um tempo. Trinta segundos não era bem o tempo o qual me referi.

Mas então sua respiração esvoaçou em minha pele, causando uma onda de calafrios, e ele disse:

— O que há entre nós nunca foi sobre verdades ou mentiras. Nós dois sentimos isso antes que a primeira palavra fosse dita. Naquele dia em seu banheiro, quando você agarrou meu braço, me implorando para não

expor Savannah, foi como se entrasse em meu sistema e recodificasse meu DNA, porque dois segundos depois, minha vida deu um restart. Você sentiu também. — Ele me apertou. — E eu sei que você sente isso agora. Então leve todo o tempo que precisar, baby. Mas considere esse aviso: Penn Walker não morreu. Estou muito vivo e vou atrás de você.

Engoli em seco quando seus lábios tocaram logo abaixo da minha orelha, acendendo faíscas dentro de mim.

E então, rápido demais, ele me soltou e foi em direção à porta do quarto.

— Eu preciso ver se Drew voltou.

Eu pisquei. Tipo um milhão de vezes.

O que diabos estava acontecendo?

Eu conhecia a esposa de Penn.

Ela contou a ele sobre mim.

Seu nome é Shane.

Drew não é seu irmão.

Thomas havia matado Lexy.

Penn ia matá-lo.

Ele já tinha matado Dante e Marcos.

Savannah estava de volta.

Assim como a Catalina.

Thomas tentou atirar nela.

E Penn estava vivo... *e veio atrás de mim.*

O que diabos estava acontecendo?

— Você já jantou? — Penn perguntou, abrindo a porta.

Eu iniciei outra rodada de piscadelas.

— Certo — ele murmurou. — Vou ver se encontro um delivery que ainda esteja aberto. Tem alguma preferência?

— Sim. Um que possa me entregar uma nova vida.

Ele deu uma piscadinha.

— Verei o que posso fazer. — Ele inclinou a cabeça em direção à porta. — Você vem?

Eu queria dizer que não. Queria trancar a porta e me jogar em sua cama, que provavelmente era uma cama confortável de ricos com seu cheiro. Eu queria dormir por um mês e, com sorte, acordar em um mundo que fizesse sentido. Mas River estava na sala, provavelmente passando mal de preocupação. E Savannah estava na sala, saudável e

sorridente. E se não me falha a memória, ela estava vestindo um pijama que realmente combinava com sua idade e não parecendo uma garota de vinte e seis anos. Isso por si só foi um milagre muito maior do que Penn voltando dos mortos.

E com tudo isso em mente, coloquei um pé na frente do outro e disse:

— Sim. Estou indo.

Ele ficou na porta, mantendo-a aberta, até que eu a atravessasse, e ali provou que não tinha noção alguma de tempo, já que colocou as mãos na parte inferior das minhas costas.

Ali, meu corpo seguiu o exemplo, provando que não desejava o tempo, arqueando-se nele. *Droga!*

— Ah, graças a Deus, você voltou — Penn disse enquanto me conduzia para a área de estar aberta.

Drew estava sentado em uma banqueta enquanto Catalina pairava sobre ele, colocando um curativo em seu olho esquerdo. Eu avistei Savannah, Isabel e River amontoadas em um dos sofás de couro marrom, e quando todas as cabeças viraram na nossa direção, eu abri um sorriso tranquilizador. Isabel e Savannah devolveram o gesto, mas River estava muito ocupada observando Penn como se estivesse esperando que ele desaparecesse. Deus, quanto tempo eu precisaria para contar a ela que Lexy era na verdade a esposa de Penn? Ela ficaria arrasada; depois das últimas semanas, tudo que eu não queria era acrescentar culpa à enxurrada de sentimentos que ela já estava enfrentando.

— Está... tudo bem? — Drew perguntou, alternando o olhar entre mim e Penn.

Penn foi direto para a geladeira.

— Sim. Cora precisa de tempo. Eu, não. Nós ficaremos bem.

Eu joguei nele um olhar que espero ter sido matador.

Sua resposta foi erguer uma cerveja na minha direção.

— Quer?

Eu adoraria uma bebida. *Mas que bosta.*

Depois de pisar forte, peguei a garrafa aberta de sua mão.

— O júri ainda está decidindo se ficaremos bem, *Shane*.

— Penn — ele corrigiu. — E nós ficaremos bem, *Cora*.

Ele tirou a tampa de sua garrafa, brindou com a minha e, em seguida, tomou um longo gole. O imbecil nem tentou esconder seu lindo sorriso.

Desesperada para ficar longe dele, por medo de que o próximo movimento do meu corpo fosse me trair, fazendo com que eu me jogasse

nos braços dele, dei a volta na ilha e parei ao lado de Catalina.

— Tá muito ruim esse machucado?

Ela me deu uma rápida olhada.

— É só um corte. Vai cicatrizar, ele não vai morrer.

— Bom. Bom — eu disse antes de cutucá-lo com força no curativo.

Drew pulou para longe, levando a mão ao olho.

— Que diabos foi isso, mulher?

Eu apontei o dedo para ele.

— Isso foi por mentir para mim.

Ele balançou a mão na direção de Penn.

— Foi ideia dele!

— Ei! — Penn se opôs. — Não me culpe por tudo isso. Foi você quem quis fingir que eu ia roubar o dinheiro dela.

Eu arregalei os olhos para Drew, botando a garrafa na outra mão antes de dar mais uma cutucada.

Ele se esquivou.

— Merda, para com isso.

— Ah, isso é só o começo, Drew. — Eu andei em direção a ele. Ele recuou, mas continuei avançando, até que de repente eu estava perseguindo-o pela cozinha. — Você me viu chorar por *dias a fio*. Você ficou só olhando, bem na primeira fila, enquanto eu desmoronava. É melhor você dormir com um olho aberto, porque quando eu terminar com você — apontei para seu curativo, me orgulhando bastante da forma como ele pulou para trás — a única cicatriz que você vai ter é minha digital na sua cara.

Catalina e as meninas deram risadinhas.

No entanto, a boca de Drew se abriu.

— Jesus, você é assustadora.

— Você não tem ideia — disse Catalina e, em seguida, estalou os dedos. — Senta. Ainda não terminei com você.

— Você vai ser capaz de me proteger dela enquanto termina? — ele perguntou a Catalina, mantendo seu olhar fixo no meu enquanto voltava a sentar na banquetta.

— Provavelmente não — ela respondeu, abrindo um sorriso provocante. — Mas se você se apressar, eu vou te dar uma camada extra de gaze para te acolchoar enquanto você dorme.

Assim que ele se sentou, eu cambaleei em direção a ele, meu dedo

posicionado.

Drew se levantou num pulo, erguendo as mãos para bloquear o rosto.

— Fala sério. Para com isso. Não tem graça.

A contração dos meus lábios, em uma noite em que parecia impossível sorrir, dizia o contrário.



CAPÍTULO 13

Cora

— Você pode se foder muito com essa merda toda — Catalina sussurrou enquanto andava de um lado para o outro, quase abrindo um buraco no piso de madeira de Penn. Seu cabelo liso, comprido e castanho ia de um lado para o outro a cada volta. — Você não viveu com aquele monstro.

As narinas de Drew se dilataram enquanto ele observava cada movimento dela, seus punhos abrindo e fechando. Ele passou a noite toda olhando para ela. Mas isso era diferente.

Incapaz de ficar parado, ele havia abandonado o sofá pelo menos vinte minutos antes e estava atualmente encostado na parede na entrada do corredor, constantemente apoiando o peso do corpo de um pé para o outro.

— Não. Eu não vivi. Mas eu prometo a você, se o homem ainda está desfrutando de uma horinha do meu sol e três refeições por dia, ainda é muito para mim.

Olhei para Penn, que estava sentado no sofá ao lado do que eu estava. Estávamos em lugares opostos, literalmente o mais distante que os assentos permitiam.

— Nada ainda? — perguntei a ele, incrédula.

Seu olhar azul encontrou o meu, mas ele não disse nada. Permaneceu em silêncio desde o começo daquela discussão.

Depois que Penn pediu comida chinesa suficiente para um exército, todos nós nos reunimos ao redor da ilha, garfos na mão, e comemos tudo, sem nem usar pratos.

Eu tinha recebido inúmeros abraços de Savannah e Isabel, enquanto River tinha se mantido quieta na dela, isto é, se a gente não contar o fato de que ela não desviou o olhar desconfiado de Penn. No começo, eu pensei que estava apenas chocada por vê-lo novamente, mas quanto mais eu a observava olhando para ele, tinha a sensação de que ela estava pautada na teoria de que é melhor manter seus inimigos por perto. Eu não podia culpá-la. Minha confiança implícita nele também havia desaparecido, mas, por causa dela, eu sorri enquanto nos jogávamos nos sofás de barriga cheia.

Não muito tempo depois, as meninas, uma a uma, caminharam pelo corredor até o quarto de Savannah e fecharam a porta. Elas ainda estavam acordadas, a julgar pelos gritinhos abafados. Mas a conversa “o

que fazer com Thomas Lyons” estava em pleno vigor.

Drew queria matá-lo.

Catalina queria mandá-lo para a cadeia pelo resto da vida.

Penn estava quieto, mas cerrava os dentes a ponto de eu querer pesquisar no Google números de dentistas que atendessem de emergência, apenas por precaução.

E eu... Bem, eu fiquei sentada, experimentando meu novo estado constante de ser: confusa.

— Sob *o seu* sol? — Catalina retrucou, cruzando os braços sobre o peito. — Quem morreu e deixou o universo para você?

— Minha *irmã* — ele rosnou.

Os olhos de Catalina se estreitaram nele.

— Então você sabe que a morte é boa demais para um pedaço de merda vil e egocêntrico como ele. Eu quero que ele apodreça em uma cela, com medo aterrorizando-o do jeito que fez questão de me aterrorizar. Eu quero que ele acorde todas as manhãs se perguntando se é a última vez que vai acordar. Eu quero que ele pare de andar, sentindo as palmas das mãos suando e o coração acelerado, antes de virar uma esquina. Toda vez que uma pessoa passar por ele, quero que seu estômago se contraia enquanto espera levar um soco. E se Deus quiser, quero que haja um homem que o ensine da mesma maneira que ele me ensinou que “*não*” *nem sempre* significa “*não*”. Muitas noites, fiquei deitada na cama até o sol nascer, minha mente me atormentando com todos os cenários possíveis do que aconteceria quando ele me encontrasse. Às vezes, eu até conseguia adormecer, apenas para acordar gritando a plenos pulmões quando o medo me seguia até o sono. Eu quero tudo isso para ele, porque por catorze malditos ano, catorze *anos*, Drew, eu vivi assim. Agora é a vez dele.

Ele estalou o pescoço e desencostou da parede.

— Não se preocupe. Vou me certificar de que ele vai estar com bastante medo antes de cortar sua garganta.

Estávamos todos desesperados, em um lugar sombrio. Nossas dores e angústias pessoais estavam guiando nosso caminho.

Catalina viveu com medo — então ela queria que Thomas sentisse medo também.

Drew havia perdido sua irmã — então ele queria que Thomas perdesse a vida.

E embora Penn ainda não tivesse declarado isso diretamente, presumi que seu reinado de terror contra seus molares cada vez que Catalina

falava significava que ele discordava dela. Ele viu a esposa ser assassinada — então queria torturar Thomas da mesma maneira.

Mas eu estava em uma situação interessante. Com exceção de Manuel Guerrero, eu odiava Thomas Lyons mais do que qualquer outra pessoa na Terra. Ele abusou da minha melhor amiga, matou uma mulher gentil e boa e, mais recentemente, me prendeu e colocou minha filha em um abrigo. Se ele acabasse na cadeia ou a sete palmos da terra, estava tudo bem para mim. No entanto, eu não era movida por uma perda indescritível nem estava cega pelo ódio. De onde eu estava, tudo que eu podia ver eram três pessoas inocentes, com quem eu me importava, permitindo que suas emoções nublassem a realidade.

Eu tinha feito isso muitas vezes enquanto tentava escapar dos Guerrero ao longo dos anos. Fiquei tão chateada e assustada, que pulei do avião sem verificar se estava com um paraquedas. A verdade era que derrubar Thomas não seria tão fácil quanto Catalina imaginava, não seria apenas voltar e ir à polícia. Ele provou isso quando, de alguma forma apareceu na porta de Catalina, apontou uma arma para o rosto de Drew, com dois de seus capangas na retaguarda.

Tampouco seria fácil para Drew e Penn o botarem em um túmulo. Thomas não tinha chegado onde estava sendo bobo. Penn tinha usado o elemento surpresa com Marcos e Dante, mas se o que Thomas havia dito antes sobre Drew perder a irmã era de fato a ameaça que eu achava que era, eles já estavam na mira dele também.

Batendo os dedos na palma da mão, eu me levantei.

— Podemos fazer uma pausa de um minuto?

Todas as caras feias da sala suavizaram quando se voltaram para mim.

— Eu odeio ser a portadora de más notícias, mas, depois desta noite, acho que precisamos bolar um plano C. Thomas sabe que você voltou, Cat. Aposto minha vida que, neste momento, esse homem já está bolando um ataque preventivo contra você. Não me surpreenderia nem um pouco se ele já tivesse uma lista de acusações e uma campanha de difamação pronta para o momento em que você ressurgir. — Eu me virei para olhar para Drew. — E você. Ele sabe quem você é e juntou as peças sobre sua relação com Lisa. — Eu me virei para Penn. — O que significa que ele provavelmente já fez a mesma coisa com você também. Ele não vai desistir sem lutar e, embora Thomas seja a própria lei, ele nunca a seguiu. Vai dar merda. Ele conhece os pontos fracos de cada pessoa nesta sala, e não tenho nenhuma dúvida de que vai em cima de cada um desses nos próximos dias. Então, se não conseguirmos parar de brigar entre nós, não seremos nada contra ele.

Catalina respirou fundo.

— Você tem razão.

Drew zombou.

— Não, ela não tem razão. Ela tem o oposto da razão. Ela está tão errada nisso, que o que é certo fugiria dela se a encontrasse. Ela está além...

— Chega — Penn rosnou. — Certo. Errado. Roxo. Banana. Nada dessa merda importa hoje à noite. Está tarde. Todos nós precisamos descansar um pouco. Logo pela manhã, podemos nos reunir e descobrir os detalhes. Mas, por enquanto, preciso dormir. Catalina, você vai para o quarto extra de hóspedes. Drew, você vai para o sofá. Cora, você vem comigo.

Eu ri alto, genuinamente, a ponto de cobrir a barriga com o braço e me curvar para a frente.

— Ai, meu Deus, isso foi engraçado. — Apontei para Penn. — Bela piada.

Ele arqueou uma sobrancelha, seu rosto estoico como sempre.

— Quem disse que foi uma piada? Fala sério. Você pode ficar chateada o quanto quiser, mas...

Todo o humor se dissipou.

— Melhor não terminar essa frase. Não pense *nem* por um segundo em me dizer o que vou fazer. Você vai perder a discussão. Sempre. Eu sou uma garota crescida, com sentimentos de garota crescida e um cérebro de garota crescida. Posso decidir onde quero dormir, e esta noite, depois do dia que tive, *não vai ser* com você.

Seus olhos escureceram, mas então, com a mesma rapidez, me encararam.

— O que eu quis dizer...

— Ah, eu sei o que você quis dizer. Não precisa explicar. Você não precisa de tempo, eu entendi. Mas eu *preciso*. E isso não envolve deitar na *sua* cama. Então, esta noite, Isabel pode dormir com a mãe dela, eu vou dormir com River e Savannah, e você e Drew podem jogar pedra-papel-tesoura pelo quarto principal ou algo do tipo.

Seus lábios se estreitaram.

— Só tem uma cama queen, Cora. Você vai acordar com hematomas se dormir lá com as duas.

Dei de ombros.

— Melhor hematomas no exterior do que permitir que você faça novas feridas no meu interior.

Ele franziu a testa – lindo e frustrado.

Eu sustentei seu olhar – com o rosto apertado e perturbado.

Em algum momento disso tudo, Penn desistiu, colocando a mão no quadril enquanto virava seu olhar para o chão.

— Jesus, você é teimosa.

— Sem novidades aqui. — Caminhei até Catalina e dei um aperto no braço dela. — Você vai conseguir dormir esta noite?

Ela sorriu, todo seu lindo rosto se aquecendo.

— Provavelmente não, mas estou exausta.

— Eu também.

Começamos a caminhar pelo corredor, deixando os caras sozinhos na sala. Nós não tínhamos oficialmente um lugar para dormir, mas tudo o que realmente precisávamos eram as três garotas no quarto e uma tranca na porta da frente.

História da minha vida.

Pouco antes de abrir a porta do quarto de Savannah, espiei por cima do ombro e olhei para Penn. Ele estava parado na entrada do corredor, seu olhar ardente travado nas minhas costas. Sim, eu tinha escapado de dormir em sua cama naquela noite, mas não tinha ideia de quanto tempo isso iria durar. Eu queria estar com ele — desesperada e profundamente. Mas também precisava de espaço para decidir se isso ainda era uma ideia plausível.

Ele mentiu para mim mais vezes do que eu poderia contar.

Mas mesmo com a sensação de ser traída me consumindo, eu entendia por que ele achou que aquela decisão era a melhor.

Ao contrário da maioria dos homens da minha vida, Penn fez isso para me ajudar. Para ajudar a River.

Até para ajudar a Savannah.

Mas qualquer que fosse sua explicação, ele ainda tinha feito aquilo tudo. Ainda havia me subestimado. Ainda tinha decidido o que *ele* achava que era melhor para mim, sem nem mesmo conversar comigo. E fez isso de tal maneira que me deixou ainda mais quebrada do que eu estava antes. Eu não sabia se algum dia seria capaz de escapar de toda essa amargura.

Eu finalmente tinha uma voz.

Finalmente tinha opiniões.

Finalmente tinha escolhas.

Eu seria amaldiçoada se permitisse que alguém tirasse isso tudo de mim novamente.

Drew caminhou até ele, estalando os dedos.

— Preciso descer e fumar. Vamos fazer um melhor de três?

Penn não desviou o olhar do meu quando respondeu:

— Sai daqui, caralho. Eu não vou fazer pedra-papel-tesoura com você.

Mordi o lábio para abafar um sorriso. No entanto, quando os olhos de Penn se iluminaram e seus lábios se inclinaram na direção do céu, presumi que havia falhado em minha tarefa.

Embora, depois de correr para o quarto de Savannah e entrar sem bater na porta, consegui esconder o suspiro de menininha apaixonada.



CAPÍTULO 14

Cora

Penn tinha razão. Nós três dormindo em uma cama era o mesmo que estar em uma zona de guerra. Eu ganhei uma contusão nas costelas por causa do cotovelo de River e uma na coxa pelo calcanhar de Savannah. Por que eu pensei que seria uma boa ideia dormir no meio, eu nunca saberia. Na época, eu queria estar perto de ambas. Pensando bem, a cama de Penn provavelmente teria sido mais segura, pelo menos fisicamente.

Mentalmente, eu não tinha sido capaz de desligar naquela noite. Havia muito em que pensar. Mas depois de passar o dia abastecida com uma dose cavalgar de adrenalina, meu corpo estava mortinho. Eu fiquei rolando de um lado para o outro, convencida de que não conseguiria adormecer, mesmo assim as horas passaram em minutos.

Por volta das seis, com pouco mais de quatro horas de inquietação nas costas, desisti e decidi fazer uma visita à cafeteira. A casa estava silenciosa, então andei na ponta dos pés pelo corredor. A porta de Catalina estava fechada, nenhuma luz aparecia pela fresta. O mesmo com o quarto de Penn, embora, soando como uma stalker maluca, eu tenha parado na frente de sua porta e encostado a orelha nela. Eu não sabia o que estava esperando. Talvez um ronco ou o som do chuveiro.

Ou talvez o som de suas súplicas ásperas e desesperadas enquanto estava de joelhos, confessando seus erros e orando ao Senhor por meu perdão, o tempo todo segurando uma foto minha com um sorriso amplo, despreocupado, cabelo despenteado pelo vento e uma camisa decotada que me faria parecer simultaneamente elegante e inteligente, além de fazer meus seios me deixarem com a aparência de uma garota de dezenove anos de novo.

Quero dizer, não que eu tenha pensado muito no assunto ou algo do tipo.

Em vez disso, um “Você está me procurando?” retumbou *atrás de* mim.

Eu dei um salto de pelo menos dois metros no ar — mais ou menos dois metros e meio — e agarrei meu coração.

— Jesus, não vem assim, de mansinho.

E então meu coração, que tinha acabado de entrar em arritmia, parou.

Porque Penn estava ali parado, parecendo ter vindo diretamente das minhas mais profundas fantasias. Sem camisa, suado, abdômen em

destaque, bíceps flexionados e segurando uma caneca quente de café como se fosse o deus da cafeína.

Eu levantei a mão como se estivesse bloqueando o sol.

— Alguma chance de você vestir algumas roupas?

— Não depois que você gemeu assim. — Ele sorriu antes de levar a caneca aos lábios.

Eeeee eu gemi. *Que belezinha da porra.*

Não era hora de ficar envergonhada.

Era a hora de engatinhar de volta para a cama e pedir a Deus que aquilo fosse um sonho e que o calor que atualmente me envolvia não fosse nada mais do que Savannah respirando pela boca bem na minha cara. Girei na ponta do pé, pronta para fugir, mas ele segurou meu braço.

— Espera, espera, espera. Ok, tudo bem. Vou vestir uma camisa. Acabei de voltar de uma corrida e estava prestes a tomar banho.

Abaixando a cabeça, lamentei momentaneamente o fato de que a frente dele não ficou nivelada com as minhas costas. Nem seus braços fortes envolveram meus quadris enquanto salpicava beijos pelo meu pescoço. Apenas algumas semanas antes, tudo isso mais um banho para dois estariam em nossos futuros.

O arrependimento não durou muito quando pensei na pura agonia de descobrir que ele havia morrido e depois na euforia trêmula – não importa quão breve tenha sido – de vê-lo pela primeira vez. Eu sabia que estava me apaixonando por Penn antes daquela noite, mas não havia nada melhor do que perder alguém para forçar sua mente a comandar o jogo no lugar do seu coração.

Sua caneca de café apareceu no meu campo de visão.

— Que tal eu temporariamente renunciar ao banho e você manter isso aquecido para mim enquanto eu preparo o café da manhã para você?

Pisquei enquanto olhava o líquido cremoso e marrom. Penn gostava de café puro. Aquele ali tinha creme e provavelmente açúcar também.

Do jeito que eu gostava.

Senti vontade de chorar.

— Há quanto tempo você está esperando que eu acorde?

Ele se aproximou, seu calor pairando ao meu redor sem que nem me tocasse.

— Desde o momento em que você foi para a cama. Eu até deixei Drew ficar com o quarto ontem à noite, caso você não conseguisse dormir. Só decidi ir dar uma corrida para não arrancar a porra das dobradiças da

porta. E agora estou aqui, bebendo leite açucarado disfarçado de café.

Eu sufoquei uma risada, mas isso só fez meus olhos lacrimejarem.

Meus ombros murcharam, e antes que eu pudesse me impedir, me inclinei para trás contra ele. Penn não perdeu tempo e logo passou o braço livre ao meu redor, mas não em meus quadris. Seu antebraço densamente tatuado surgiu sobre meu peito e me abraçou com força.

— Por que você não confiou em mim? — eu sussurrei, colocando a mão em seu braço, desejando poder fazê-lo sentir o vazio que a mentira deixou em mim. — Acho que isso é o que mais dói.

— Cora — ele soltou em uma respiração antes de dar um beijo na minha têmpora.

— Eu entendo. Sobre o que houve no começo, eu realmente entendo. Você não apareceu lá para me machucar. Mas depois que me conheceu... Depois que eu me abri sobre Nic e tudo mais. Eu só... eu não consigo entender o resto.

— Sinto muito — ele murmurou. — Sinto para caralho. Eu sabia que você ia se machucar, e tentei suavizar o golpe o melhor que pude. Nós dois tínhamos segredos, Cora. Você nem disse que River é sua filha até não haver mais opção.

Eu fiquei tensa. Deveria ter previsto que ele distorceria o assunto para poder me culpar. Deus era testemunha de que todo mundo sempre me culpava pela maneira como me tratavam.

Mas antes que eu tivesse a chance de ficar brava, ele rapidamente emendou sua declaração.

— E não estou dizendo que isso foi errado. — Deixando o café de lado, ele deu a volta e parou na minha frente, seus dedos passeando no meu pescoço e meu ombro, me arrepiando toda.

Minha respiração ficou presa na garganta quando Penn apoiou a testa contra a minha, sua mão repousando na curva do meu quadril.

— Você acreditava que era melhor para ela se as pessoas não soubessem de sua relação. E você estava disposta a sacrificar o que fosse necessário, incluindo ouvi-la te chamar de mãe, para ter certeza de que River ficaria bem. Eu respeito isso, Cora. E juro por Deus, confio em você. Você é a mulher mais forte que eu já conheci. Mas eu estou implorando para você baixar a guarda e olhar objetivamente para o que eu fiz. Lisa era louca por você. Ela me disse várias vezes o quanto você era altruísta e gentil e o quanto ajudou as meninas e as encorajou a lutar por mais na vida. Mas eu não tinha ideia de onde estava me metendo quando te conheci. Você foi muito mais do que tudo isso. A única coisa que eu sempre quis para você foi tornar sua vida mais fácil. Não importava se

isso significava consertar o encanamento ou aparafusar os ventiladores de teto ou trocar as luzes do corredor. Eu queria te dar uma folga suficiente para que pudesse respirar novamente. Eu admito que estraguei tudo. Mas só porque me apaixonei por você.

Eu engoli em seco. O que ele dizia fazia sentido.

Eu *odiava* quando o que Penn dizia fazia sentido.

Odiava. Odiava. *Odiava*. Porque eu sabia que não estava exagerando, mas ainda me sentia culpada.

Por um lado: sim, eu guardei meus segredos. Mas não havia nenhuma regra sobre expor seus podres para um cara logo no primeiro encontro. No entanto, ele não estava errado. À sua maneira, estava tentando me poupar. E, honestamente, com qualquer outro homem, em qualquer outra situação, eu teria aceitado a deixa e me mandado com prazer.

Mas, por outro lado, ele só precisava ter dito “Você conheceu minha esposa como Lexy Palmer”, e eu toparia tudo. Ela era uma das minhas garotas, independentemente de ser sua esposa. Se ela dissesse a ele o quanto eu me importava com as mulheres que moravam naquele prédio e tudo o que eu tentei fazer por cada uma delas, então ele deveria ter um pouco mais de fé em mim.

Mas ficar remoendo o passado é uma merda. Saber de algo não significa que se possa mudar o que de fato aconteceu.

Eu não podia viajar no tempo e meter um pouco de juízo na cabeça de Penn antes que ele partisse.

E chegamos àquele momento específico.

Ele sem camisa segurando uma caneca de café frio depois de passar horas esperando que eu acordasse.

Eu olhando para os olhos azuis que uma vez me capturaram em suas profundezas – e se fosse honesta comigo mesma, eu ainda não tinha escapado delas. Se ao menos pudesse descobrir por quem eu me perdi, se por Penn ou por Shane...

— Verdade ou mentira — sussurrei. — Qual você quer?

Ele fez uma careta como se não quisesse ouvir nenhuma das duas.

— Verdade.

— Estou realmente brava com você. E não porque necessariamente você fez algo errado.

Seus olhos se fecharam.

— Eu sei.

— Ainda não entendo muito do que aconteceu entre nós. Ou como me

sinto sobre isso. Ou como eu vou me sentir sobre isso amanhã. Mas agora... — Eu peguei o café de sua mão. — Supondo que isso aqui ainda esteja quente, estou disposta a te ouvir me contar sobre quem você realmente é enquanto prepara o café da manhã para mim.

Seus olhos se abriram, e uma doce mistura de surpresa e alívio se fez presente. Sua boca se abriu em um sorriso gigante que devia ser de Shane, porque eu nunca tinha visto um tão grande no repertório de contrações labiais de Penn.

Em um movimento rápido, ele passou o braço em volta da minha cintura, me esmagando contra seu peito, e então me levantou do chão. Eu ri enquanto derrubávamos o café em tudo quanto é canto. E então eu ri mais ainda em seus braços enquanto ele me carregava para a cozinha, dizendo:

— Mulher, eu tenho um micro-ondas. Eu posso manter essa coisa quente pelo resto da sua vida.

*

Enquanto misturava claras de ovos e fritava bacon, Penn começou do começo – Lisa. Onde eles se conheceram. Por quanto tempo namoraram. Isso me transformou em uma masoquista, considerando que ela tinha sido a esposa do homem por quem eu estava apaixonada, mas ela também era Lexy. Parte de mim se alegrou por descobrir que, independentemente de como tinha terminado, sua vida tinha sido linda. Ele me contou tudo sobre ela entrando sorrateiramente no meu quarto e plantando aquela câmera escondida nas minhas estrelas. Fiquei chocada e me senti um pouco violada, para ser honesta. Quero dizer, sério, quem faz esse tipo de coisa? Mas a maneira como Penn parecia mais leve a cada detalhe que me dava tornava impossível reclamar do assunto. Eu nunca o tinha visto falar tanto ou tão rápido, mesmo sobre coisas dolorosas.

Algumas curiosidades que aprendi:

Penn tinha ido para a MIT — puta merda, *aquele* MIT.

De acordo com seu diploma, ele era um arquiteto. *Piscadela. Piscadela. Piscadela.*

De acordo com sua conta bancária, ele era uma espécie de magnata imobiliário. O único status de magnata que cheguei perto foi no campo do extermínio de percevejos na minha cama.

Ele ainda era dono da casa à beira-mar que dividia com Lisa na Flórida, o que era meio triste e bastante intimidador.

Ele pagou a um cara centenas de milhares de dólares para comprar a

identidade de Penn Walker. Considerando que me pagou um milhão de dólares para escapar, imaginei que ele tinha conseguido um bom negócio.

Eu tinha entrado naquela conversa desesperada para saber quem ele era, mas não estava pronta para a resposta.

Sua cor favorita era, na verdade, azul mesmo.

Mas foi aí que as semelhanças terminaram.

No entanto, com o coração partido e um sorriso forçado, dei a ele o benefício da dúvida e continuei ouvindo.

Depois que conversamos sobre todas as coisas de Lisa, ele começou a me contar sobre nossas primeiras semanas juntos. Foi uma loucura ouvir minhas memórias pela perspectiva de outra pessoa. Algumas partes eram engraçadas. Como quando ele me contou como deixou cair no chão o primeiro lote de cupcakes Maury Poppins e teve que voltar todo o caminho até a padaria para comprar mais.

Outras partes eram mortificantes. Se não houvesse bacon envolvido, eu teria me escondido debaixo da mesa quando ele começou a listar todas as vezes que me pegou olhando para ele. Aparentemente, eu não era tão discreta quanto achava.

E então eu pensei que meu coração ia bater tanto, que ia pular do peito – e não porque eu estava na minha terceira caneca de café – quando ele me disse por que nunca tocou no meu colar de estrelas.

— Cada momento com você era um grande alívio. Quando eu olhei para você, quando eu te toquei, quando você me tocou... A culpa não estava me devorando. O fracasso não estava me consumindo. O ódio não estava me sufocando. E se fosse o caso, eu queria devolver isso tudo para você. Eu nunca serei capaz de esquecer Lisa, e eu não espero que você esqueça Nic. Mas eu não queria te fazer lembrar dele. E no minuto em que tocasse aquele colar, sua mente teria se voltado para a perda, a dor e o passado. Eu queria você comigo no presente, onde eu poderia protegê-la de tudo isso. — Ele fez uma pausa, espátula na mão, um lado de sua boca curvando adoravelmente, e então finalizou: — E apenas cerca de zero vírgula zero zero *zero* cinco por cento disso tinha alguma coisa a ver com estar com ciúmes por ele ter se aproximado de você primeiro.

Eu ri e joguei um pedaço de bacon nele. (Foi um pedaço um pouco queimado. Eu não sou um animal irracional.)

E aí o lembrei que eu era mais jovem que Savannah quando conheci Nic.

E aí ele esfregou o rosto com tanta força, que parecia que estava fazendo um tratamento facial.

Depois de cobrirmos todos os fatos básicos envolvendo o “como chegamos aqui”, Penn me contou sua história.

Ele era filho único, cresceu cheio do dinheiro e frequentou escolas particulares.

Sua mãe havia morrido de câncer. Seu pai teve um derrame alguns anos depois.

Adorava surfar, esquiar — água e neve.

Sabia espanhol o suficiente para se virar.

Ele viajou para cinco dos seis continentes.

E eu ainda era eu mesma.

Cora Guerrero. Mãe solteira, criminosa e parte da escória da sociedade.

Eu não queria sentir essas coisas. Não com ele. Mas a inadequação estava gritando dentro de mim a cada palavra que ele falava.

Penn me deixou por um motivo. Ele alegou que era para me manter fora da linha de fogo. Proteção, segurança, blá blá blá. Mas depois de ouvir todas as suas histórias, de aprender quem Shane Pennington realmente era, estando sentada em seu apartamento chique, olhando para o homem lindo e bem-sucedido, eu tive de me lembrar que Penn nunca teve a intenção de ficar comigo.

E isso não era drama nem nada. Era a verdade. Ele mesmo disse isso.

Não me entenda mal. Eu era um partidão. Talvez não tendo dois homens controlando minha vida e um prédio cheio de garotas trabalhadoras dependendo de mim vinte e quatro horas por dia – isso era um pouquinho de bagagem. Mas eu era uma boa pessoa. Eu era gentil, inteligente e engraçada. Tinha uma bela bunda e peitos bacaninhas, até. Mas um homem como aquele na minha frente era de um ambiente completamente diferente.

Ele não tinha a intenção de se apaixonar por mim. Suas palavras. Não minhas.

E ele também não permaneceria apaixonado por mim. Minhas palavras. Não dele.

De muitas maneiras, essa percepção me atingiu em cheio.

Mas, de outras, me libertou, minha raiva e frustração por sua traição meio que evaporaram.

A verdade é uma merda.

Mas aquilo tudo era como saber que alguém estava mentindo para você. Você fica sem a expectativa de que qualquer coisa que eles digam

realmente se concretize. E porque não havia expectativa de verdade, não poderia haver dor causada pela mentira.

Por mais que eu odiasse admitir:

Shane era a verdade.

E meu Penn – o homem mais incrível que eu já conheci – era a mentira.

Eu não poderia culpá-lo. Eu não podia culpá-lo. Não podia nem ficar com raiva dele mais.

Usando suas palavras infames ditas semanas antes, nem todas as mentiras eram ruins.

O moreno alto e de tirar o fôlego de pé do outro lado da cozinha era, na verdade, um cara incrível.

E no meu mundo, a gente se agarra a qualquer coisa boa que se possa encontrar.

Mesmo que isso te mate.

Eu poderia fingir.

Não era a mesma coisa, mas ele era a coisa mais próxima de Penn que eu poderia ter.

Eu poderia aceitar esse cara novo.

Abraçá-lo pelo tempo que ele decidisse ficar por perto.

Era mentira. Mas eu sabia disso e poderia me preparar para o momento.

E talvez eu estivesse pronta para terminar tudo quando chegasse a hora.

Eu poderia usá-lo como ele me usou.

Qualquer coisa era melhor do que a dor de aceitar que Penn realmente se foi.

Ou foi o que eu disse a mim mesma — por, oh, cerca de sessenta segundos.



CAPÍTULO 15

Penn

— O que houve? — perguntei quando seu rosto empalideceu.

Ela abriu um sorriso — brilhante, largo e falso.

— Nada, por quê?

— Você está olhando para mim como se seu namorado tivesse acabado de entrar e você estivesse tentando ficar de boas para que ele não te notasse, tentando se concentrar em mim para que eu também não notasse o cara que entrou.

Ela piscou, e a pressão no meu peito diminuiu quando seu rosto se iluminou em diversão genuína.

— Uau, isso foi estranhamente específico e ainda assim não fez o menor sentido.

Eu ri.

— Resumo: você parece desconfortável e pronta para sair correndo.

Ela se virou no banheiro.

— Não estou desconfortável. Gostei da conversa. Ajudou a lançar alguma luz sobre o que está acontecendo entre nós nos últimos meses.

Não soou bem. E eu notei que ela não havia negado a parte do “pronta para sair correndo”.

Minhas suspeitas foram comprovadas quando ela se levantou do banco, afirmando:

— Preciso tomar um banho.

Meu intestino se retorceu.

Merda. Talvez eu tivesse falado demais sobre Lisa. Ninguém queria saber da ex do seu atual. Mas ela parecia interessada e até sorriu algumas vezes enquanto eu contava. Eu vasculhei em minhas memórias, tentando identificar o momento em que Cora começou a mudar. Droga, talvez ela estivesse cansada. Deus era testemunha de que nenhum de nós tinha dormido. E então me lembrei da metade do bule de café que ela tomou. Ela teria sorte se ficasse cansada novamente na semana seguinte.

Eu xinguei baixinho quando Cora começou a caminhar pelo corredor. Eu me ergui com as mãos apoiadas no balcão e fui atrás dela.

— Cora, por favor.

Ela olhou para mim por cima do ombro.

— Você vem?

Minhas costas ficaram retas, meus ossos se transformaram em pedra, e eu parei no meio do caminho.

E, crianças, foi assim que eu me tornei uma escultura.

— Perdão, é o quê?

Ela abriu um sorriso ainda mais brilhante, mais amplo e mais falso.

— Ninguém está acordado ainda. Notei que havia um chuveiro no banheiro do corredor. Pode ser nossa única chance.

Tudo abaixo da cintura respondeu com um *“Aí, sim, caralho”*. Da cintura para cima, a resposta foi um pouco mais cautelosa.

— Nossa única chance de quê?

Ela franziu os lábios.

— Não vem pagar de tímido comigo, Shane.

Ela poderia muito bem ter jogado um balde de água gelada em mim.

— Não me chame assim.

— É o seu nome. Eu me sinto uma estúpida chamando você de Penn.

Ela inclinou a cabeça para o lado, mas eu conhecia Cora.

Algo estava acontecendo em sua cabeça. Era feio e sujo, e eu não queria nada com isso.

Mas acima de tudo, eu queria que ela não tivesse nada a ver com isso também.

— Meu sobrenome é Pennington, Cora. As pessoas me chamam de Penn desde o ensino médio. E você me chama de Penn desde o dia em que me conheceu. Não faz sentido parar agora.

Foi uma declaração simples e honesta. Quando Drew e eu decidimos procurar o assassino de Lisa, pensamos que o melhor plano de ação era eu não aparecer usando o nome de seu parente mais próximo. Penn foi a escolha lógica.

Mas algo sobre a minha correção a deixou em chamas.

Seus olhos se arregalaram, e eu pude ver o sentimento borbulhando, vindo à tona. Eu não sabia o que era ou quando iria se libertar, mas estava chegando e viria com tudo.

— Não faz sentido parar agora — ela murmurou para si mesma.

— Não — eu respondi.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Não faz sentido, hein? Nenhum. Nem um pouco.

Eu espelhei sua posição, abrindo minhas pernas na largura dos

ombros, preparando-me para o impacto.

— Não.

Seus ombros e pescoço ficaram tensos. Juro por Deus, acho que seu rosto vibrou por um segundo e, de repente, a bomba-relógio dentro dela explodiu.

— É a porra do seu nome! Você *não* é Penn Walker. Você *não* é meu namorado. Você não passa de uma fraude. — Ela tapou a boca com a mão.

Não era assim que essa conversa deveria terminar. No chuveiro, com certeza. Mas não com ela estourando novamente. Eu só tive Cora ao meu lado novamente por um dia, e ela passou a maior parte do tempo chorando. Talvez eu não devesse ter voltado.

Mas, porra. Ela era minha.

Shane.

Penn.

Seja lá quem eu venha a ser na próxima vida. Cora sempre foi minha.

Minha raiva borbulhou também.

— Como eu sou uma fraude?

— Oh, me deixa contar de que maneira. Esquiar, MIT... — Ela abriu bem os braços e deu um giro de 360 graus. — Esse apartamento. Meu Penn ficava contente sentado em um sofá surrado comigo. Meu Penn gastou cerca de nove por cento de sua renda semanal em cupcakes para mim e minhas meninas. Meu Penn usava jeans esfarrapados e botas.

Eu fiz uma cena olhando para minhas roupas de treino.

— Isso não me parece um terno.

— Quanto custou esse short, Shane?

— Pare de me chamar de Shane, porra.

— É o seu nome! Se você quer que eu aceite esse novo você, então tem que aceitar também.

Eu botei para dentro uma lufada de oxigênio esperando me acalmar. Não deu certo. Nem um pouco. Se houve algum resultado, foi que aqueles poucos segundos me deram uma pausa para pensar.

— Então vamos ver se entendi. Você está chateada por eu ter um hobby, um diploma universitário e dinheiro?

— Estou chateada porque os últimos meses não foram nada além de um ardil, e me apaixonei por um homem que não existe.

Eu botei as mãos em meus quadris e então sussurrei ameaçadoramente:

— Ah, eu existo, Cora. — Dei um longo passo em direção a ela, esperando que Cora recuasse, mas ela se manteve firme. E com mais alguns passos, a alcancei. Com uma mão, encontrei seu quadril. A outra foi para sua nuca, inclinando a cabeça para forçar seu olhar a encontrar o meu.

Minha frustração diminuiu quando observei suas bochechas rosadas e úmidas de lágrimas, mas no momento em que seus olhos azuis pousaram nos meus, ela me roubou toda a raiva.

Deslizando a mão até sua bochecha, usei meu polegar para limpar a umidade sob seus olhos.

— Eu sei que existo porque nos quatro anos antes de te conhecer e nas semanas desde que te perdi, eu não queria existir. Meu único propósito nos últimos anos foi fazer com que Thomas pagasse pelo que fez com Lisa, mesmo antes de saber quem ele era. Respirei porque precisava. Meu coração batia porque tinha que bater. Eu coloquei comida para dentro do meu corpo porque eu tinha que fazer. Mas tudo era apenas um meio para um fim. E então eu te conheci. Cora, querida, um minuto naquele banheiro minúsculo com você, e eu fiz mais do que apenas existir. Eu fiquei vivo novamente.

Eu não esperei. Eu não pedi permissão. Eu apenas a beijei.

Com força, demorado.. Lento e reverente.

Minha boca não abriu.

E nem a dela.

Mas foi de longe o beijo mais profundo que eu já lhe ofereci.

Estava cheio de desculpas.

De esperança.

Gratidão.

Arrependimento.

De palavras não ditas.

Mentiras desvendadas.

Nele, nos perdemos e nos encontramos.

Eu beijei Cora com a verdade — *toda a verdade possível* — pela primeira vez.

Ela se afastou primeiro, mas não foi muito longe.

— Penn — ela sussurrou, lágrimas enchendo seus olhos novamente.

Alívio inundou minhas veias.

— Eu estou bem aqui. — Peguei seu pulso e guiei sua mão até meu coração. — Sou eu. Ainda sou eu.

— Eu quero ir para casa — ela chorou. — Algo tem que fazer sentido novamente. Eu só quero ir para casa.

Eu a pressionei demais. Muito rápido. Com muita força. Cora pediu um tempo, mas eu estava tão determinado a recuperá-la, que não considerei adequadamente o custo emocional e físico que tudo isso teria sobre ela.

Mentiras eram leves como nuvens. Eram do tamanho certo. Fáceis de digerir. Impossíveis de segurar.

Mas a verdade era densa. Uma montanha feita de ímãs do tamanho da Terra. A verdade poderia esmagar uma pessoa com nada além da realidade.

E então, quando ela enfiou o rosto no peito, a verdade estava esmagando nós dois ao mesmo tempo.

Um movimento chamou minha atenção, me fazendo erguer o rosto. Nossa pequena discussão atraiu uma multidão. Drew, Savannah, River, Isabel e Catalina estavam todos de pé no corredor, a preocupação brilhando em seus olhos.

Olhei para Drew primeiro.

— Eu preciso do quarto.

— Sim. Claro. Vá em frente — disse ele, saindo do caminho.

Ela queria Penn. Ela queria conforto. Ela queria que algo parecesse normal novamente.

Eu poderia fazer isso.

— Feche os olhos — eu sussurrei.

Quando ela não se opôs, a peguei no colo.

Os olhos de River estavam arregalados me olhando carregar sua mãe destruída em direção ao meu quarto.

— *Está tudo bem* — eu murmurei para ela.

Ela assentiu, não convencida.

Pouco antes de eu fechar a porta do quarto, Savannah – Deus abençoe aquela criança – agarrou seu braço e cantarolou:

— Sinto cheiro de bacon. Vamos conferir.

Quando a porta se fechou, coloquei Cora em pé e beijei sua testa.

— Fique aí. Eu volto já.

Depois de empurrar a mesa de cabeceira e a poltrona para um canto, peguei todos os cobertores da cama e arrastei o colchão para o chão. Antes de ir para o armário de roupa de cama no banheiro, fechei as cortinas, bloqueando o máximo que pude do sol da manhã. Eu não tinha uma colcha como a que Cora usava em sua cama, mas havia um cobertor

fino que era parecido o suficiente.

Eu o estendi no colchão e então caí de joelhos.

— Eu não tenho estrelas. Mas estou aqui, Cora. *Estamos* aqui. Eu e você.

Ela abriu os olhos, o queixo tremendo enquanto tentava sorrir.

— Penn.

Suave como uma pena, aquela sílaba me invadiu.

— Vem cá, Cor.

Em um instante, ela estava em meus braços, seu rosto enterrado no meu pescoço.

Eu a coloquei em nossa posição de conversa: eu com as costas no colchão, a cabeça dela apoiada no meu ombro, sua coxa sobre meus quadris, a mão dela descansando na minha barriga.

E só então eu exalei.

Toda essa simulação do passado deveria ser para ela. Mas o suave aroma floral de seu xampu encheu meus sentidos e me levou de volta ao apartamento de antes. Meu corpo cedeu, relaxando de verdade pela primeira vez em semanas.

— Verdade ou mentira? — murmurei contra sua cabeça.

— Não quero mais jogar.

— Certo. Então me escuta. Eu te contei todas aquelas coisas na cozinha porque pensei que você queria que eu te contasse sobre o homem que eu costumava ser. Eu estava tentando ser o mais honesto possível, sem deixar nada de fora. Mas, claramente, deixei de fora as partes que você mais precisava ouvir. As partes onde eu sempre fui Penn. E sempre serei.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Mentirada da porra, Penn jamais esquiaria.

Sim. Ela disse isso.

Ela estava tendo um colapso nervoso porque eu gostava de esquiar.

Eu fui um cuzão, mas acabei rindo.

— Ah, mas ele esquiaria para caralho, Cora. Ele alugaria uma cabana com seu melhor amigo, Drew. Beberia uísque, perderia uma aposta, desceria a pista de iniciantes em um trenó só de cueca e acordaria na manhã seguinte para pegar o elevador até a corrida mais alta, na esperança de conseguir uma dose alta de adrenalina na descida.

Sua cabeça se ergueu como se eu a tivesse ofendido.

— Ah, meu Deus, Shane usa cueca?

Eu ri de novo, mesmo quando a senti me fuzilando com o olhar.

— *Shane* tinha 24 anos nessa história. Sua mãe morava na esquina e ainda lavava suas roupas duas vezes por semana. Confie em mim, se você tivesse que ouvir minha mãe falar sobre os benefícios escrotais de homens usarem cuecas toda vez que ela não encontrasse nenhuma no cesto, você as usaria também.

Ela olhou para mim, não mais com raiva, mas estranhamente confusa.

— Existem benefícios escrotais em usar cuecas?

Eu sorri.

— Nenhum que eu tenha percebido. No entanto, se você quiser passar esse tempo procurando informações na internet para garantir que meu pau esteja em ótimas condições, ficarei feliz em esperar.

Sua expressão confusa se metamorfoseou em uma encarada. E eu amei para caralho isso.

Porque Cora não parecia mais triste.

— Ok, então essa foi a sua pergunta, e antes que você discuta, eu deixei você fazer duas. Então é minha vez. Verdade ou mentira: por que você quer ser contadora?

— Eu disse que não vou jogar. — Ela se sentou, cruzando as pernas na frente, como se formassem uma barreira. Uma que eu ignorei enquanto me abaixava até seus joelhos baterem na lateral do meu corpo.

Coloquei um braço sobre suas pernas e dei um aperto em sua coxa.

— Sim, mas então você fez uma pergunta e eu respondi, então, conforme declarado no livro de regras de Verdade ou Mentira, isso significa que você é obrigada a participar de pelo menos uma rodada de dez perguntas.

Ela olhou para mim como se tivesse brotado uma segunda cabeça no meu pescoço, mas, por mim, tudo bem.

Porque Cora continuava não parecendo estar mais triste.

— Não existe um livro de regras de Verdade ou Mentira. *Eu* inventei as regras. E em nenhum lugar diz que perguntar sobre benefícios escrotais prende você em uma rodada de dez perguntas.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Uau, você está realmente obcecada com o meu pau.

Sua boca se abriu, e dei tudo de mim para não a deitar no colchão e beijá-la até que perdêssemos o fôlego por completo.

Porque não só Cora não parecia mais estar triste – suas bochechas se coloriram de um rosa sexy.

Ela desviou o olhar.

— Se você está tentando provar para mim que você ainda é Penn, você talvez devesse parar de sorrir e fazer piadas e fazer mais caras feias.

— É um capítulo novo na minha vida. Não há motivos para fazer cara feia quando eu tenho você.

Desta vez, não só ela não estava mais triste.

Seus lábios realmente começaram a se curvar nos cantos.

— Oh, o outro capítulo desse livro é cheio de frases bregas?

Estendi a mão e puxei as pontas de seu cabelo loiro.

— Talvez. Está funcionando?

E então aconteceu.

Ela riu.

E foi tão inebriante, que eu ri também.

A piada não era tão engraçada.

Na verdade, era bem estúpida. Mas foi um breve momento de felicidade no meio de um pesadelo. Eu me agarraria a isso enquanto pudesse.

Ela ainda estava rindo quando deitou ao meu lado de costas, olhando para o teto.

— Você é ridículo.

Virando de lado para encará-la, eu apoiei a cabeça na mão e o cotovelo na cama.

— Você tem razão. Eu sou mesmo. E não porque eu sou Penn *ou* Shane. Eles são a mesma pessoa, Cora. Sou só *eu*. Todos nós temos facetas diferentes em nossas personalidades. — Eu me aproximei e rocei em seus lábios. — E cada uma das minhas está *apaixonada* por você. Cora, a mãe coruja das meninas. Cora, a futura contadora. Cora, a mãe. Cora, a viciada em chocolate. Cora, a um-gole-de-cerveja-e-está-bêbada. Cora, a linda. Cora, a estressada. Cora, a triste. Cora, a feliz. Eu amo absolutamente todas elas.

Ela piscou para mim, seu rosto ilegível.

Tanta coisa tinha acontecido no último dia, que eu sabia que ela devia estar sobrecarregada.

Mas eu não aguentava mais ficar no limbo.

Nossa jornada pelo inferno estava longe de terminar. Thomas ainda estava vivo. Drew estava louco para ir atrás dele. E Catalina estava decidida a ir à polícia. Ter algum tipo de resolução entre nós dois faria milagres para aliviar a pressão no peito.

— Diga alguma coisa — eu sussurrei, meu coração batendo tão forte, que temi que ela pudesse ouvir. — Arranca o Band-Aid de uma vez. Seja o que for, diga logo.

Seus olhos ficaram suaves, e mesmo que ficasse em silêncio, eu vi seu corpo inteiro suspirar.

A esperança correu por minhas veias.

E então o mais ínfimo dos pequenos sorrisos inclinou seus lábios.

— Eu tinha razão. Seu capítulo novo está cheio de frases bregas.

Eu estreitei os olhos, mas ainda que eu nunca tenha sorrido tanto em toda a minha vida, senti que dessa vez foi um sorriso morno.

— Você sempre foi tão espertinha assim?

Cora, balançando a cabeça, avançou na minha direção, até que seu peito ficou nivelado com o meu, seu corpo macio se moldando ao meu redor.

— Sim. É uma das minhas melhores facetas.

— Qual é uma das piores, então?

Ela deu de ombros.

— Meu gosto por homens.

— Ai.

Ela riu, aconchegando-se.

— Você não respondeu minha pergunta sobre por que escolheu contabilidade.

— Sou boa com números. É um trabalho honesto. E é entediante pra caramba.

— Sim. Eu adoraria uma vida entediante agora.

Ela murmurou um “hmmm”, mas não disse mais nada.

Olhei para o teto naquele quarto, contando suas respirações.

Uma respiração de cada vez.

À medida que o ponteiro dos minutos tiquetaqueava, seu corpo ficou mole e sua respiração se acalmou.

Eu queria falar mais. Nada havia sido resolvido.

Mas Cora não estava mais triste.

Ela estava aconchegada ao meu lado, confortável o suficiente para finalmente cochilar. Confiando em mim o suficiente para abraçá-la enquanto fazia isso.

Isso por si só era mais do que qualquer conversa que conseguiríamos ter naquele momento.

E ela estava aconchegada ao meu lado, então isso me deixou confortável o suficiente para finalmente cochilar também.



CAPÍTULO 16

Cora

O som de seu rosnado raivoso me arrancou do sono. Eu me levantei, e Penn ficou de pé antes mesmo de seus olhos se abrirem.

— Me solta, caralho! — Catalina gritou do outro lado da porta do nosso quarto.

Eu não processei completamente quando, onde ou o que estava acontecendo lá fora. Mas eu sabia quem estava envolvido e corri em direção à sua voz.

Penn agarrou meu braço, me puxando para baixo, sussurrando grosseiramente:

— O que você está fazendo? Alguém pode estar lá fora.

Abri a boca para dizer: *Sim, Catalina.*

Mas ele levou um dedo aos lábios e ordenou:

— Shhh... Fique aqui.

Isso teria sido algo normal de se ouvir, se Penn não tivesse magicamente produzido uma arma.

Que diabos...?

— Penn, espera.

Ele olhou para mim com impaciência e estalou o dedo antes de apontar mais para dentro do quarto.

— Volta. *Pra lá.*

Eu não gostava de toda aquela coisa de “estalar os dedos e me dizer o que fazer”, mas eu gostava muito de estar viva. Se ele tinha razão sobre alguém estar lá fora, ao menos Penn tinha uma arma, enquanto eu tinha mau hálito matinal.

Eu era teimosa, não estúpida.

Afastando-me, prometi discutir o lance de estalar os dedos com ele mais tarde, por exemplo, quando eu estivesse cortando legumes com uma faca muito grande – supondo que eu conseguisse me manter viva até esse momento.

Girando silenciosamente a maçaneta, ele abriu a porta e espiou.

Prendi a respiração, minha mão presa à estrela enquanto comecei a repassar mentalmente onde River poderia estar no apartamento. Eu lembrava vagamente de vê-la com Savannah no corredor pouco antes do

meu colapso emocional do dia.

Então endireitei imediatamente as costas quando o rosnado de Drew se fez ouvido na sala.

— Você precisa se acalmar, cacete.

Os ombros de Penn murcharam, e ele soltou um suspiro irregular, abrindo a porta.

— Puta que pariu. Por que diabos vocês dois estão brigando?

O alívio me atravessou em ondas – prematuramente.

— Ah, que bom. Acordaram — Cat retrucou, empurrando Penn. Seus olhos castanhos pousaram em mim, a luz do corredor revelando uma quantidade alarmante de ansiedade. — Pegue seus sapatos. Estamos indo embora.

— O cacete que estão — Penn retrucou.

— Vocês podem ficar com Thomas — ela disse a Penn. — Mate o cara. Esfole-o vivo. Pendure-o nos degraus do tribunal, não dou a mínima. — Ela apontou para mim. — Mas ela e eu, e todas as crianças, estamos indo embora. *Agora*.

Meu estômago revirou. Catalina não era conhecida por ser dramática. Ela foi ferida, ela chorou, mas não era uma diva do teatro. Então, o que quer que a tenha provocado era algo grande, e isso me deixou nauseada antes mesmo de saber o que era.

— O que está acontecendo? — perguntei. Penn veio para o meu lado, seu braço envolvendo meus ombros rígidos, mas eu só tinha olhos para Catalina. — Me diz.

Ela olhou para o poder possessivo de Penn sobre mim e lançou um olhar aguçado para Drew antes de começar.

— No início desta manhã, um juiz concedeu a meu pai uma saída temporária para que ele pudesse comparecer ao funeral de seus filhos. Há vinte minutos, o agente penitenciário que o acompanhava foi encontrado morto, e não há sinal de Manuel em lugar nenhum. Está em todos os noticiários. Uma caçada completa está acontecendo agora.

Minha cabeça girou quando o sangue foi drenado do meu rosto. Penn estava lá para me manter de pé, mas quem impediria o mundo de sair de órbita abaixo de todos nós?

— Isso não significa nada — disse Drew, apoiando o ombro contra o batente da porta, mas ele estava tudo menos relaxado. Seu olhar estava fixo em seu amigo, uma conversa silenciosa acontecendo entre eles.

Catalina se virou.

— Você está brincando comigo? Nas primeiras horas da manhã,

depois que meu marido me encontra pela primeira vez em quatro anos e não me mata, um juiz autoriza a libertação temporária de meu pai da prisão? Por favor, me diga que você não é estúpido o suficiente para pensar que isso é uma coincidência.

Ele revirou os olhos.

— Thomas prendeu Manuel. Por que diabos ele o deixaria sair agora?

— Merda, você é muito estúpido. — Ela inclinou a cabeça. — Como você chegou tão longe sem um cérebro?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Boa aparência e pau grande. E você?

Penn e eu assistimos a conversa deles como uma partida de tênis. Eles se conheciam há menos de um dia e já era seguro dizer que não morriam de amores um pelo outro.

— Jesus Cristo — Penn murmurou. — Vocês dois podem parar por um minuto? Catalina, fala.

Ela deu o dedo do meio para Drew antes de se virar para Penn.

— Desvenda essa charada. Se meu corpo fosse encontrado boiando em um rio, quem a polícia presumiria que me matou? O promotor distrital de coração partido e uma reputação de ouro ou meu pai criminoso contra quem testemunhei e que, desde então, matou um guarda e escapou da custódia? — O pânico se instalou no meu estômago enquanto ela olhava incisivamente para cada um de nós. — Alguém chuta?

— Ele virou bode expiatório — eu respondi, voltando a me sustentar em meus pés. — Puta merda. Ele não apenas pintou um alvo ainda maior nas suas costas, mas de alguma forma tirou qualquer suspeita de cima de si mesmo.

— Bingo! — Catalina retrucou, batendo na ponta do nariz.

Meu coração acelerou em um ritmo de maratona quando todas as peças começaram a se encaixar.

— Oh. Meu. Deus. — Direcionei meu pânico para Catalina. — Você acha que...

— Sim. Meu querido papai está com sessenta e cinco anos agora, mesmo aos sessenta e um, ele estava com a saúde toda fodida. Artrite, muitos anos de drogas, o que ele passou para Dante, muitos quilos extras pressionando seus joelhos. Sua mente é afiada, mas fisicamente, ele tem noventa anos e está com o pé na cova. Nem ferrando ele conseguiu dominar um guarda e o matar sozinho.

A sala inteira ficou imóvel.

Penn ficou mais alto.

Drew se afastou do batente.

Os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

E Catalina olhou para mim, esperando que eu chegasse à mesma conclusão que ela já havia concluído.

— Eles estão trabalhando juntos novamente — soltei em um fôlego só. — Thomas e Manuel. A fuga encenada e o assassinato mantêm as mãos de Thomas limpas, mas colocam um Guerrero de volta no jogo. — Nem mesmo o calor de Penn poderia bloquear o frio em minhas veias. — Oh, Deus, ele sabe quem você é. — Eu me afastei dele. — Oh, Deus, ele sabe quem vocês dois são. Temos que sair daqui. Temos que sair *agora*. — Eu corri em direção à porta, gritando: — Preparem as meninas! — Eu dei exatamente dois passos antes que um antebraço tatuado passasse por meus quadris e me puxasse para trás.

— Que porra você está fazendo? — ele rosnou.

Com mãos frenéticas, eu empurrei seu braço.

— Eu tenho que tirá-las daqui! — Olhei para Catalina. — Precisamos tirar o dinheiro da unidade de armazenamento e correr.

— Concordo — ela respondeu com um aceno curto.

Ouvimos imediatamente um grito estrondoso:

— Nem fodendo! — Penn parou na minha frente. — Você não vai a *lugar nenhum*.

— Sai da frente — eu rebati, fazendo o meu melhor para afastá-lo, mas sem conseguir.

— Você enlouqueceu se pensa que vou ficar aqui e assistir você partir. Eu acabei de te reconquistar.

A frustração tomou conta de mim.

— E quem disse que você me reconquistou, Shane?

Seu rosto ficou duro enquanto seu corpo inteiro pareceu inchar de raiva.

— Você. No minuto em que adormeceu no meu peito, sua mão agarrada à minha camisa como se estivesse com medo que eu fosse desaparecer, seu corpo se aproximando até que estivesse em cima de mim, e arquejando meu nome, não a porra do Shane, mas meu verdadeiro nome.

— Não é seu nome verdadeiro!

— É, porque *você* me chamou por ele. Eu não era ninguém antes de entrar no seu apartamento. Você me fez Penn. E por causa disso, sou seu,

caralho. Então não se atreva a me dizer que você não voltou para mim. Você pode estar puta da vida, magoada, amarga, mas você sentiu isso, Cora. Da mesma forma que eu senti. Da mesma forma que *sempre* sentimos.

Ele estava certo. Eu sempre senti aquilo com ele, mesmo antes de saber o que aquilo *era*. Mas os sentimentos não mudavam nossas circunstâncias. A verdade não faria as mentiras desaparecerem. E por mais que eu tivesse dado qualquer coisa para acreditar no contrário, o amor nem sempre resolvia tudo.

— Você tomou todas as decisões por mim nos últimos meses, e mesmo que algumas delas tenham sido ótimas, outras *não foram*. Estou cansada de deixar todo mundo ditar minha vida. Thomas está fazendo isso. Manuel agora também. E o cacete que vou deixar você se juntar a esse time.

— Eu não estou tentando dirigir sua vida. Estou tentando evitar que você fuja da *minha* vida. — Ele passou a mão pelo seu cabelo. — Nós podemos dar um jeito nisso. Manuel não é o centro do mundo. Não há necessidade de fugir. Não quando estamos juntos.

— Seja agora ou mais tarde, vai acontecer de uma forma ou de outra.

— Não. Não vai. Eu não vou deixar. Sinto muito, ok? Já lhe disse isso de todas as maneiras que sei, mas me deixa tentar novamente. Eu fodi tudo, Cora. Eu admito isso. Mas não posso deixar você ir agora. E não sou eu tentando comandar sua vida ou tomar decisões por você. Esse sou eu tentando ser seu parceiro.

Eu pensei nos motivos para estar com raiva de Penn.

Primeiro, foi por causa de todas as mentiras. Porque... bem, dã. Isso nunca foi legal.

Então eu pensei que era por causa de mais mentiras, especificamente aquelas em que ele não era Penn, mas na verdade esse cara rico e justiceiro chamado Shane.

Mas, naquele momento, a verdadeira razão pela qual meu coração foi quebrado em um milhão de pedaços escapou de minha boca na velocidade de uma ogiva nuclear.

— Até você ir embora de novo!

Ele ergueu a cabeça rapidamente.

— O quê?

— Okaaay — Drew falou lentamente. — Acho que Cat e eu vamos dar a vocês um pouco de privacidade. — Ele a conduziu para fora, inclinando-se para trás para dizer: — Penn, cara, pense na casa na

Flórida. — Ele bateu no batente da porta duas vezes, me deu uma piscadela e depois fechou a porta.

Mesmo assim, Penn não desviou o olhar irado de mim.

— O que você quer dizer com “até eu ir embora de novo”? Eu não vou a lugar nenhum.

Soltei um suspiro resignado.

— Fala sério. Vamos ser honestos aqui. Quando tudo isso tiver acabado, você não estará aqui.

— Ah, é mesmo? — ele perguntou. — E onde diabos eu vou estar?

Ergui os braços, batendo as mãos contra as coxas quando os deixei cair.

— Não sei. Esquiando?

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Qual é o seu problema com esquiar?

— Eu não gosto de esquiar. Esse é meu problema.

— Você já fez isso alguma vez?

— Não.

— Então como você sabe que não gosta?

— Porque é caro.

— Então é sobre dinheiro?

— Não, é sobre pessoas!

Ele coçou a nuca.

— Tá, tudo bem, eu não tenho ideia do que estamos falando agora.

Eu gemi com sua incapacidade de compreender algo tão óbvio.

— Você já viu *Uma Linda Mulher*?

Suas sobrancelhas saltaram tão alto, que quase atingiram a linha do cabelo.

— A menos que esta seja a sua maneira de me dizer que você tem trabalhado na rua com as meninas nos últimos meses, isso não me ajuda em nada a entender o que está acontecendo.

— Eu não sou como você, ok? Não temos os mesmos interesses. Nós não viemos do mesmo mundo. Quando tudo isso acabar, você vai perceber como somos diferentes.

Eu estava à beira de mais lágrimas.

Mas Penn... Bem, ele sorriu, todo moreno e sexy.

— Meu Deus, Cora. Com *isso* eu sei lidar.

— Ah, que fantástico. Lide, então.

Ele sorriu.

— Há alguma chance de você vir deitar comigo para que eu possa explicar adequadamente todas as maneiras diferentes de como lidar com tudo sem que você tente me vestir um cinto de castidade?

O que meu corpo disse: sim. Absolutamente sim.

O que minha mente e, portanto, minha boca disseram:

— Não tenho certeza se é uma boa ideia.

Seus olhos brilharam com malícia. Pegando minha mão, ele deu alguns passos para trás, me puxando.

— Ok, bem, então discordamos nisso. Porque acho que pode ser a melhor ideia que tive nos últimos tempos.

— Sem ofensa, Penn. Mas sua última ideia foi fingir a própria morte. Não acho que você tenha bons critérios de avaliação na categoria ótimas-ideias-que-teve.

Seu sorrisinho se abriu amplamente, e ele continuou recuando.

— Então você admite que é uma ótima ideia.

— Na verdade, tenho certeza de que eu disse o oposto disso.

Minha pulsação acelerou quando seus calcanhares se chocaram com o colchão.

Seu olhar provocante se aqueceu, o que me deixou toda acelerada. Deus, eu tinha sentido falta desse sentimento. Era como sair da sombra e entrar no sol. Eu pensei que tinha perdido a capacidade de sentir isso quando o perdi.

Mas Penn não se foi.

Ele estava bem ali na minha frente.

Sua mão foi para a parte de trás de sua camisa, e, de repente, ele estava bem na minha frente *sem camisa*.

— Pessoalmente, acho que precisamos nos despir de preconceitos a um *nível muito básico*.



CAPÍTULO 17

Cora

Minha respiração ficou presa na garganta quando sua mão calejada agarrou a bainha da minha camisa.

— Você pode me mandar parar, Cora. E você sabe que eu vou parar. Mas estou implorando para que você não faça isso.

Ele estava tão perto, que eu soube de pronto que meu corpo ia reagir de alguma forma. A sensação me atingiu com uma força avassaladora, formigando minha pele como se o ar entre nós estivesse eletrificado.

Observei os olhos azuis semicerrados.

— Eu não acho que isso vá resolver nada, Penn. Temos coisas demais com que nos preocupar.

Ok, não era totalmente verdade. Pular no colo dele naquele momento teria feito maravilhas para resolver a quentura entre as minhas pernas, mas não teria mudado o que éramos.

Ou o que não éramos.

— Isso é porque não há nada para resolver. E pare de se preocupar. Eu estou bem aqui. — Ele ergueu minha regata alguns centímetros, revelando minha barriga. — Então eu vou repetir: você pode me mandar parar, Cora. E você sabe que eu vou parar. Mas estou implorando para que você não o faça.

— Eu não quero que você pare, Penn. Eu nunca quis que você parasse. Mesmo quando você foi lá e parou.

Seus olhos se tornaram suaves.

E então eu os perdi de vista completamente.

Seus lábios colaram nos meus, desmoronando a resistência que eu nunca tive, na verdade.

Ele me beijou até me deixar sem fôlego, ainda mais do que da primeira vez que o provei. Sua boca se abriu, nossas línguas se uniram, roubando meus pensamentos e medos.

Apoiando-me na ponta dos pés, passei meus braços ao redor de seu pescoço, aprofundando o beijo, até que senti não estar perto o suficiente e comecei a subir em seu corpo.

Ele espalmou minha bunda, me levantando do chão. Minhas pernas enrolaram em torno de seus quadris, um gemido escapando quando

encontrei uma fricção gloriosa contra seu abdômen.

Esperei que Penn tombasse para trás, me levasse para o nosso colchão no chão e apagasse as últimas semanas de dor lancinante com somente seu corpo.

Em vez disso, ele murmurou um xingamento e começou a andar comigo apertada em seus braços.

— Aonde você está indo? — murmurei, direcionando minhas afeições ao seu pescoço.

— Eu ouvi Drew roncando por aquela porta ontem à noite. Não vou ficar quieto, Cora. E eu com certeza não quero que você fique também.

Sorri quando percebi que estávamos no banheiro. Ele chutou a porta e me colocou de pé. Foi direto para a banheira de hidromassagem gigante e abriu a torneira. Senti um frio no estômago só de pensar em cavalgar nele com a água se movendo ao nosso redor. No entanto, como um tornado, ele girou ao redor do local, abrindo o chuveiro — e o chuveirinho — e as torneiras na pia dupla até que eu não tinha mais certeza se iríamos fazer sexo ou inundar o prédio.

— O que você está fazendo? — Eu ri.

Ele colocou a mão na orelha e então me deu uma piscadela.

— Deve ser suficiente. — Curvando um dedo para mim, disse: — Venha aqui, querida. Eu quero te mostrar algo.

Minhas bochechas se aqueceram enquanto eu ia em direção a ele.

Penn me deu um beijo nos lábios e mais uma vez pegou a barra da minha camisa.

— Posso?

Eu levantei os braços.

— Que cavalheiro.

— Por enquanto. — Ele sorriu, tirando a peça e jogando-a distraidamente no chão. Passando os dentes sobre o lábio inferior, ele olhou para o dedo enquanto traçava as curvas dos meus seios.

Arrepios atingiram minha pele, e um calafrio ricocheteou em mim. Eu soltei o ar entre os dentes, minhas pálpebras se fechando, quando seu dedo calejado mergulhou dentro do bojo do meu sutiã e roçou meu mamilo intumescido, enviando faíscas diretamente para o meu clitóris.

— Oh, Deus — eu soltei.

Ele se moveu para o meu outro seio, repetindo o processo de entorpecimento mental enquanto provava que era multitarefa ao desabotoar meu sutiã ao mesmo tempo.

— Que exibido — eu murmurei, permitindo que a peça caísse dos meus braços e fosse parar no chão.

Eu senti seu sorriso enquanto Penn beijava meu pescoço, indo até a orelha, onde sussurrou:

— Me dê sua mão. — Eu ofereci a palma da mão, e ele a colocou em seu peito antes de ordenar: — Agora, me dê sua outra mão.

Eu obedeci, e ele a pousou no meu peito nu.

Ele cobriu minhas mãos com as suas, usando nossa conexão para me estimular.

— Como é a sensação, querida?

Eu arqueei minhas costas e tentei deslizar para fora de seu aperto.

— Melhor quando você faz isso.

— Não. Como é a *sensação*? Dois peitos, mas são *diferentes*, certo?

Meus olhos se abriram, e eu engoli em seco.

— Penn... eu...

— Shhh. — Ele tirou as mãos que estavam sobre seu coração e beijou as pontas dos meus dedos, esfregando a última em seu lábio inferior. — O que é isso, querida?

— Sua boca.

Ele sorriu, tirou minha mão do meu seio e agarrou meu mamilo – de forma áspera e inebriante.

— E isso?

— Meu mamilo — eu respondi sem fôlego.

— Então temos minha boca e seu mamilo. Duas coisas *muito diferentes*. Vamos ver como isso funciona para os dois.

Meus pulmões arderam de antecipação quando ele afundou lentamente, seus olhos azuis apontados para mim, e pegou meu mamilo entre seus lábios.

— Oh, Deus. — Usei seus ombros para me equilibrar enquanto oscilava sobre as pernas amolecidas.

Perdida no meio das sensações, fechei os olhos, mas Penn desviou sua atenção muito rapidamente.

— Não, Cora. Eu quero que você olhe para mim. Eu quero que você veja exatamente quão bonito o *diferente* pode ser.

Eu choraminguei ao sentir uma incrível mistura de dor e prazer quando seus dentes raspavam em minha pele sensível, de modo que Penn prosseguiu com ousadas carícias usando a língua para acalmar a ardência.

Seus olhos estavam presos nos meus, lindos, hipnóticos e poderosos, e ele avidamente mudou seu foco para o meu outro seio. O primeiro beliscão fez arder uma febre na minha pele, me aquecendo da cabeça aos pés.

Mamilos ao clitóris.

— Penn — eu implorei, vendo suas intenções claras quando ele felizmente começou a abrir o botão do meu jeans. Eu o ajudei, deslizando-a pelas coxas o melhor que pude, sem interromper o contato de sua boca no meu peito.

Eu tinha acabado de tirar o jeans quando ele puxou minha calcinha de lado e passou o dedo ágil sobre minha fenda, mergulhando na umidade sem pressionar nada lá dentro.

— Sim — sibilei, abrindo as pernas, silenciosamente pedindo mais.

Foi uma oferta que ele aceitou com entusiasmo, deslizando dois dedos para dentro de mim.

— Ah, Deus, baby, sim, por favor, sim — escapou de minha boca em uma série de divagações incoerentes.

— Meus dedos e seu calor, Cora — Penn murmurou contra meu peito.
— Você sente isso?

— Sim.

Ele curvou os dedos, acariciando, atraindo meu êxtase.

— Diferente é bom, baby?

— Sim — eu respondi desenfreadamente, capaz apenas de dizer uma única sílaba.

— Diferente é gostoso, hm?

Botei a mão na sua nuca, pedindo a ele que pegasse mais do meu seio. Sua boca se abriu mais, e ele me chupou profundamente. Seu gemido de aprovação vibrou em meu mamilo, disparando uma carga elétrica pecaminosa através do meu corpo já em chamas.

— Muito — eu respondi.

Silenciosamente lamentei ter respondido quando ele de repente se levantou e se afastou.

Seu olhar ardente passou por mim, um sorriso arrogante esticando seus lábios.

— Ela tem essa aparência e ainda consegue agir como se eu é que fosse o prêmio.

Minhas bochechas aqueceram sob seu elogio.

— E ela é adorável. — Ele enganchou os polegares no cós do seu short

e o puxou para baixo, sua ereção longa e grossa saltando. — Mmmm — ele chamou minha atenção de volta para seu rosto sorridente. — E ela me olha assim. Jesus, mulher. Você vai me matar.

— Bem, tecnicamente...

— Faça qualquer piada agora sobre eu já estar morto, e visto meu short.

Foi minha vez de abrir um sorriso arrogante e dar de ombros.

— Bem, Penn já está morto, então...

Ele balançou a cabeça e murmurou:

— E ela manda seu blefe.

Eu ri quando, de repente, ele me levantou do chão e me carregou para a área do chuveiro. Era tão grande, que não havia porta nem cortina. Havia um chuveiro em cada extremidade, fazendo chover água do teto. Mas eu estava olhando para o banco comprido que corria ao longo da parede.

Penn me colocou de pé, sob o jato, e pegou um frasco de sabonete líquido da prateleira de pedra no canto.

— Eu preciso de um banho. E te foder com fúria, mas, primeiro, precisamos terminar a discussão sobre sermos diferentes.

Meu estômago se remexeu, e os mamilos atingiram o máximo de rigidez.

— Acho que gosto mais do seu jogo de diferenças do que de Verdade ou Mentira.

— Eu também, e como — ele respondeu, se esfregando rapidamente antes de virar as mãos ensaboadas em mim.

Sorri, dando-lhe as costas, mas suas mãos voltaram para os meus seios.

— Eu senti falta de tomar banho com você. Fico sempre muito mais limpa quando você faz isso — eu disse.

Seu peito se chocou contra as minhas costas, e a barba em seu queixo fez cócegas enquanto Penn salpicava beijos no meu pescoço.

— Eu não sei se vou dar banho no seu corpo inteiro, mas estes aqui — ele apertou meu mamilo entre o polegar e o indicador — vão ficar impecáveis.

— Mmm — eu gemi, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos. A água caiu sobre nós, enxaguando o sabão, enquanto a pressão entre minhas coxas aumentava como uma onda pronta para arrebentar.

— Me dê sua mão, Cor.

Obedeci imediatamente, ansiosa para saber onde ela ia pousar agora. Ele deu a volta, parando ao meu lado, e guiou meus dedos entre as minhas pernas. O ar escapou dos meus pulmões quando encontrei meu clitóris, aquela pressão crescendo em meu abdômen.

— O que você sente? — ele sussurrou, beliscando minha orelha.

— Eu — respondi, apoiando minha cabeça em seu ombro.

Seus dedos se juntaram aos meus, provocando e brincando antes de entrar em mim lentamente, me abrindo com intenção deliberada.

Minha mão parou enquanto eu me dobrava para frente, ofegando por ar — e alívio.

— Não pare — ele exigiu.

Eu estava ofegante, perto, mas muito longe de qualquer tipo de alívio, quando Penn guiou minha mão livre para o seu comprimento, colocando minha palma em seu membro.

Um gemido sexy escapou de sua boca enquanto eu o manipulava. Os músculos de seu peito se esticaram contra o meu braço enquanto cuidávamos juntos de sua ereção.

— O que você sente? — ele perguntou com uma voz rouca.

— Eu mesma — respondi, inclinando minha cabeça para trás, pedindo um beijo.

Seus lábios vieram de encontro aos meus, mas não para um beijo. Ele enfiou o dedo dentro de mim, incitando uma explosão de prazer que sacudiu a Terra inteira. Soltando sua ereção, passou o braço em volta de mim para me manter de pé e sussurrou em minha boca aberta:

— Diferente pode ser algo bonito. Nós viemos de mundos diferentes, concordo com você. Mas eu vivi no seu mundo, e agora você vai morar no meu. Porque *pertencemos* um ao outro.

— Penn! — choraminguei, meu orgasmo aumentando.

Seu dedo bombeou dentro de mim, torcendo e girando, enquanto ele me levava ao limite. Penn mordiscou meu lábio inferior.

— Nós merecemos viver isso. Você e eu. Nós merecemos esse sentimento, aqui e agora. E nós merecemos isso por tudo que nos aconteceu. Não foi fácil, e eu suspeito que nunca será, mas, caramba, nós vamos ficar juntos.

Engoli cada uma de suas palavras.

Elas tinham gosto de esperança — minha maior inimiga.

— Por favor, Penn — eu implorei, a ânsia da necessidade pulsando a ponto de me levar à beira da insanidade. Eu precisava dele. Eu precisava

dele de muitas maneiras. O vazio que só Penn poderia preencher não estava apenas no campo sexual.

Estava no meu coração.

Estava na minha alma.

Estava no meu ser como um todo.

Era só ele.

É tudo o que sempre foi desde o dia em que nos conhecemos.

Shane. Penn. Eu não me importava. Era só *ele*.

Penn continuou, a emoção o dominando, preenchendo não apenas suas palavras, mas seus movimentos com uma urgência desesperada.

— Nós éramos a única verdade que importava em tudo isso. Nós ganhamos isso. Eu não vou perder. Eu não vou *te perder*.

— Não! — reclamei quando Penn de repente retirou os dedos bem quando eu estava à beira do orgasmo. Mas eu não tive tempo para reclamar porque, em um movimento fluido, ele deu a volta de novo, sentou no banco, me puxou para seu colo, de frente para as minhas costas, e me penetrou, construindo a experiência mais erótica da minha vida.

— Penn — eu ofeguei quando o orgasmo surgiu por meu corpo como se tivesse sido arrancado da minha alma.

Ele rudemente fechou minhas pernas, mantendo as coxas unidas. Então, com os braços em volta da minha cintura, usou a força da parte superior do corpo para me foder por baixo, com um ritmo intenso, rápido e determinado. Meu clitóris sofreu a fricção entre minhas coxas apertadas, me jogando do alto dos maiores picos do êxtase.

— Eu te amo — ele rosnou, as pontas dos dedos apertando meus quadris enquanto mergulhava em mim. — Eu te amo tanto. Eu não vou desistir de nós dois novamente. Me prometa que você também não vai. *Prometa, Cora*.

Eu estava me recuperando de um orgasmo e podia senti-lo incrivelmente inchando quando Penn começou sua própria escalada até o topo. A última coisa que eu queria era que seu desespero permanecesse quando ele chegasse lá.

Eu me sentia linda com ele.

Eu me sentia segura com ele.

Eu me sentia amada com ele.

Eu sempre me senti assim.

E o sangue zumbiu em minhas veias de uma forma que eu sabia que

nunca pararia.

Não com ele.

— Pare — eu soltei em um fôlego, e foi como se eu tivesse ligado um interruptor.

Suas pernas se abriram, seus braços murcharam, e ele se inclinou para trás, de modo que nem mesmo seu peito estava encostando em mim.

Deus. Este homem.

Este doce, doce homem quebrado e lindo.

Este homem que me amava e só estava tentando cuidar de mim, embora de uma forma um pouco equivocada às vezes. E, sim, qual é o problema? Ele era rico e gostava de esquiar. Eu gostava de dinheiro, e embora provavelmente fosse quebrar a cara em uma colina, ficaria mais do que feliz em beber chocolate quente e observá-lo esquiar.

Não havia como negar que viemos de mundos diferentes. Mas Penn nunca me julgou ou me fez sentir mal ou imprópria por ter vindo de onde eu vim. E eu tinha uma leve suspeita de que não importava em que mundo nos instalássemos, contanto que estivéssemos juntos.

— Sinto muito — ele disse enquanto eu saía de seu colo, o vapor do chuveiro fazendo minha pele arder.

Eu me virei, encontrando seu rosto forte e bonito repleto de arrependimento.

— Você...?

— Estou bem. — Eu sorri, colocando um joelho em cada lado dele e sentando novamente em seu colo.

Ele afastou meu cabelo molhado do pescoço e fez um carinho na minha bochecha.

— Jesus Cristo, você me assustou.

Inclinei-me para beijar seus lábios e murmurei:

— Volte para dentro de mim, baby. Eu só queria ter essa conversa cara a cara.

Seus olhos escureceram, e Penn não demorou em guiar seu comprimento em minha abertura. Segurando seu olhar, eu afundei, lenta e firmemente.

Ele soltou um palavrão quando eu o recebi completamente – da base à cabeça.

— Porra, Cor — ele murmurou, inclinando-se para receber um beijo que eu neguei a ele.

— Prometa que nunca mais vai mentir para mim.

Penn olhou para mim, os olhos repletos de esperança.

— Juro.

Essa foi fácil. Eu temia que a próxima pudesse ser uma fonte de problemas.

— E me prometa que você não vai matar Thomas.

Seu corpo inteiro estremeceu.

— Cora, eu...

— Eu não posso arriscar te perder novamente. Eu não consigo. — Lágrimas brotaram em meus olhos. — Você prometeu que não mentiria para mim. Então, se é isso que você está planejando...

— Ei, ei, ei. Shhh... Relaxe. Não vou atrás de Thomas novamente. Não vale a pena. *Ele* não vale a pena. Mas *nós* valemos, ok? Nós vamos dar um jeito nisso. Contanto que ele não possa tocar em você, aprenderei a aceitar seja lá o que aconteça com ele.

Foi a minha vez de afastar o rosto.

— Fácil assim?

Ele soltou rapidamente o ar por entre os lábios.

— *Não*. Não teve nada de fácil nessa decisão. Mas viver sem você nas últimas semanas, e depois a ter de volta... Bem, isso mudou minha perspectiva sobre algumas merdas bem sérias.

— Eu era a merda séria ou a perspectiva?

Seus lábios se contraíram.

— Ambos, espertinha.

Eu sorri e isso fez com que uma lágrima caísse de cada olho.

Penn gemeu e levantou a mão para limpar meu rosto.

— Alguma chance de parar de chorar e falar de Thomas enquanto meu pau está dentro de você? Há uma chance sólida de eu dar uma senhora brochada.

Rindo, eu me inclinei e o beijei profundamente e com reverência.

— E mais uma coisa — eu murmurei.

Ele mexeu os quadris, provando que não havia nada brocha ali.

— Diga rápido, querida.

— Quando tudo isso acabar, e você nos comprar uma casa completamente ostensiva, eu quero um chuveiro como este. E... ok, então, mais duas coisas: você tem que prometer que a River vai poder pintar estrelas no teto do quarto dela.

Penn era robusto e bonito – a imagem da pura masculinidade. Mas,

naquele momento, um enorme sorriso juvenil iluminou seu rosto.

— Você vai morar comigo?

Dei de ombros.

— Você meio que incendiou meu apartamento.

— Foi mesmo — disse ele com orgulho. — Incendiei aquela porra toda.

Eu senti falta de sua ereção quando ele se levantou e saiu de dentro de mim, mas ganhei muito mais quando Shane Pennington – meu Penn – me deitou no chão de cerâmica do seu chuveiro, a água quente fluindo por nós, levando as mentiras pelo ralo, e fez amor comigo pela primeira vez.



CAPÍTULO 18

Penn

— Relaxa. Eu não vou te levar para um buraco. Eu não tenho certeza se alguém já te disse isso, mas há humanidade fora de Chicago — eu disse a Cora quando saímos da garagem.

Não convencida, ela balançou a cabeça, quase aparafusou a mão na minha coxa e começou a mexer em seu colar como se estivesse o punindo por algo.

Vinte horas depois, enquanto o portão se abria, revelando a casa alta de três andares que eu dividia com Lisa, era *ela* quem estava *me* tranquilizando.

— Relaxa. Eu estou bem aqui.

Saímos de Chicago no mesmo dia em que surgiram as notícias sobre Manuel.

Ele ainda estava solto. Mas, independentemente de quão pequeno o mundo às vezes pudesse parecer, na verdade era um lugar muito grande. Então, em vez de ficarmos sentado esperando Thomas fazer sua jogada, decidimos pegar as meninas e dar o fora. Se Thomas quisesse nos encontrar, ele daria um jeito. O mesmo com Manuel. Mas eu ia obrigar qualquer um a vir para o meu território — em um estado onde eles tinham pouca ou nenhuma conexão.

Nada como mais de dois mil quilômetros para trazer um pouco de justiça ao jogo.

Ir para a Flórida tinha sido ideia de Drew. Inicialmente, eu recusei a ideia de voltar. Eu não estava muito ansioso para trazer Cora para a casa que eu dividia com Lisa. Mas ela era grande o suficiente para todos, mobiliada e longe o suficiente para nos dar tempo de pensar em nosso próximo passo.

Ele ainda não havia dito nada, mas eu conhecia Drew o suficiente para ver que ele não tinha intenção de ficar na Flórida. Enquanto Cora e a promessa de um futuro juntos tinham reorganizado minhas prioridades pessoais, Drew ainda tinha seu coração voltado para a vingança. Eu não tinha a menor dúvida de que, um dia, todos nós iríamos acordar e descobrir que ele tinha partido. Isso significava que, se eu desejava convencê-lo a não ir atrás de Thomas sozinho, precisava agir rápido.

Ainda não sabíamos o que fazer com as informações de Catalina. Se Manuel estava livre, reunindo as tropas, derrubar Thomas aos olhos da

lei só iria colocar um holofote maior em Catalina. A imprensa ia fazer a festa com essa história.

Nossa melhor aposta era ficar quieto por alguns dias, talvez uma semana, e ver se os policiais poderiam fazer a droga de seu trabalho pelo menos uma vez na vida. Se pudéssemos tirar Manuel de cena novamente, eu estava disposto a fazer o que fosse necessário – incluindo quebrar a cara dele – para evitar que Drew fosse atrás de Thomas antes que Catalina tivesse a chance de fazer qualquer coisa.

Drew não era meu irmão de sangue, mas era da minha família mesmo assim. Eu não podia suportar a ideia de perdê-lo. Essa foi parte da razão pela qual, durante todos aqueles anos, quando decidimos encontrar o assassino de Lisa, eu declarei que seria eu quem iria matá-lo.

Sim, eu, absolutamente, com todo o meu coração, queria aquele idiota morto.

Mas eu não queria que Drew se prejudicasse por isso.

Dei a Cora um sorriso agradecido, levei nossas mãos unidas aos meus lábios e beijei seus dedos.

Ela realmente estava lá comigo.

Alguns dias antes, tê-la ao meu lado novamente era mais do que eu esperava.

Embora eu nunca tenha nem considerado trazê-la para esta casa. Muito menos trazer *todas* elas.

— Puta merda — River soltou no banco traseiro.

O que foi seguido por Savannah dizendo:

— Papai, vou precisar de um biquíni. Fato.

Isabel deu uma risadinha, mas assim como durante toda a viagem, ela não disse nada. A garota estava quieta. Estranhamente quieta. Mas é aquilo, quando você precisa conviver diariamente com River e Savannah, é impressionante que se consiga respirar ao lado das duas e dar uma risadinha.

Drew apareceu de repente na minha janela, fazendo o gesto universal de desça-sua-janela. Ele e Catalina nos seguiram no meu Audi. Eu assumi que apenas um dos dois sobreviveria à viagem, mas vi Catalina se inclinando também.

— O quê? — resmunguei quando abaixei a janela.

— Nós vamos acampar aqui ou você está planejando realmente entrar?

Olhei de volta para a casa. Eu não ia lá havia anos. No dia em que parti, jurei que nunca mais voltaria. Havia muitos fantasmas.

Lisa e eu estávamos casados há alguns anos quando reformamos a casa. Nós a compramos em uma execução hipotecária, quando o mercado despencou, e depois a depenamos toda. Personalizamos cada centímetro desses mais de quinhentos metros quadrados, das janelas às paredes, incluindo uma enorme sala de cinema acima da garagem. Não havia como passar por aquelas portas sem ver Lisa em todos os lugares.

Mas, graças a Cora, essa parte se tornou administrável. Depois de tantos anos sem ser capaz de pronunciar seu nome, eu sorri mais de uma vez quando Cora contou uma história sobre sua velha amiga Lexy.

Os fantasmas esperando por mim dentro daquelas paredes eram as memórias de estar de joelhos em nosso quarto, observando-a dar seu último suspiro pela tela do meu telefone. Lembrei daqueles vinte e nove minutos com muita clareza. Lisa não estava naquela casa quando morreu. Mas eu estava. E eu odiava aquilo, porque era tudo em que eu conseguia pensar depois que a perdi.

Essas memórias arruinaram qualquer felicidade que eu senti naquela casa. Como a forma como Lisa decorava a porra toda, de cima a baixo, todos os cantos e recantos, todo ano no Natal. Ou como, na Páscoa, ela me forçava a ficar com ela a noite toda enchendo um milhão de ovos de plástico com doces e depois me fazia esconder na praia para os turistas e moradores encontrarem.

Não, essas não foram as memórias que atingiram meu estômago no minuto em que a casa apareceu no horizonte.

Sangue.

Carpete.

Gritos.

Mas não consegui vendê-la. Era tudo o que restava de Lisa.

Mas eu também não poderia viver lá. Eu tinha caseiros que se certificavam de que tudo ficasse limpo e os reparos fossem feitos a tempo. Eu liguei e avisei que estávamos indo para a cidade. Acho que eles ficaram tão chocados com o telefonema quanto eu.

Mas lá estava eu. Com Cora ao meu lado. Meu coração estava entalado na garganta enquanto estava sentado na garagem, incapaz de passar pelo portão.

Olhei para Drew.

— Com sinceridade, ainda não tenho certeza.

— Ok, bem, você se importa se entrarmos? A Cat precisa usar o banheiro. Eu estou ouvindo essa mulher reclamar sobre isso tem uma hora.

— Ah, eu também! — Savannah disse, batendo no meu assento. — Me deixa sair daqui.

— É uma ótima ideia — disse Cora, saindo para abrir a porta dos fundos. — Todas vocês, vão com Drew. Penn e eu vamos subir daqui a pouco.

— Podemos ir até a praia? — River perguntou animadamente.

Nenhuma delas jamais tinha visto o mar. Era a única parte daquela viagem que eu não temia. Eu só faltava tontear de felicidade quando pensava na expressão de Cora ao ver a água. Das meninas também.

— Eu vou com vocês depois — eu respondi. — Há uma piscina nos fundos que vocês podem usar enquanto me esperam. — Estendi a mão para trás e peguei o braço de Savannah antes que ela tivesse a chance de sair do carro. — Use short e uma regata até conseguirmos um maiô, nada dessa merda de ir de calcinha e sutiã.

Ela sorriu, seus olhos verdes brilhando travessos.

— Compre duas roupas de banho e eu topo.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Um maiô de *minha escolha*. Nada dessa merda de ir de calcinha e sutiã. E vinte e quatro horas sem televisão.

Sua boca se abriu.

— Isso não é um acordo melhor!

— Então talvez você devesse parar de tentar fazer acordos comigo e fazer o que eu digo.

— Penn, um maiô de sua escolha será um roupão de banho.

— É, não é? Imagine como você vai ficar estilosa na praia neste verão.

Ela curvou o lábio.

— Você disse “estilosa”? Ninguém mais diz “estilosa”.

Minha boca se contraiu enquanto reprimi um sorriso improvável. Eu amava aquela garota. Ela era uma dor de cabeça vinte e quatro horas por dia. Se não estava discutindo comigo ou me provocando, ela não estaria respirando. Mas ela era uma boa criança. Com um bom coração, e eu tinha certeza de que ela teria um bom futuro pela frente.

— Eles vão dizer isso quando virem você em seu roupão de banho.

— Cora — ela choramingou, implorando por apoio.

— Ok, ok, vocês dois. Acalmem-se — disse Cora, entrando na conversa. — *Eu* vou te levar para comprar roupas de banho.

— Quem te disse que você não vai usar um roupão de banho também? — perguntei a ela, meu peito se enchendo de calor.

Eu também amava aquela mulher louca. No caminho até a casa, jogamos um jogo de Verdade ou Mentira de sete horas de duração. O que, para nós, foi realmente um jogo de Verdade. Trocamos histórias, estrategicamente tentando ficar longe das coisas pesadas.

Quando Cora finalmente adormeceu, River assumiu o lugar da mãe.

Antes de partirmos, Cora tomou a difícil decisão de contarmos a River sobre Lisa ser Lexy. Eu teria dado qualquer coisa para poupar aquela garotinha de mais dor. Mas como estávamos indo para a casa de praia, onde fotos dela ainda estariam penduradas nas paredes, não havia como esconder isso. River aceitou a notícia com calma, fazendo cara de brava e dizendo que entendia.

Mas no minuto em que ficamos meio que sozinhos naquela caminhonete, enquanto todo mundo dormia, ela começou um interrogatório. Era óbvio que ela se importava com Lisa mais do que eu imaginava, porque a maioria de suas perguntas eram declarações disfarçadas me culpando pelo que tinha acontecido com ela. Mas não havia culpa no mundo que River pudesse colocar em mim que eu já não tivesse assumido.

Então eu disse a ela:

— River, o que você precisa entender é que eu não *deixei* Lisa fazer nada. Eu era o marido dela. Não cabia a mim decidir como ela viveria a própria vida. A única coisa que aquele papel me garantia era a chance de viver ao lado dela. Lisa sabia exatamente o que eu achava daquela história de fazer esse tipo de trabalho investigativo. E adivinha só? Ela fez o trabalho de qualquer maneira porque isso era importante para ela. Se você entra em um casamento pensando que pode mudar a outra pessoa, posso te garantir que a única coisa que vai mudar é o seu registro de casado para divorciado. Ela era quem ela queria ser. Há um monte de coisas pelas quais eu me culpo diariamente. Mas o fato de que eu a *deixei* ir atrás de seus sonhos não é um deles. Isso nunca dependeu de mim.

Ela ficou quieta por um tempo depois disso, até que suavemente perguntou:

— Você vai deixar Cora ir atrás dos sonhos dela também?

Olhei para Cora enquanto ela dormia pacificamente com a cabeça encostada na porta e respondi:

— Não. Sua mãe já foi atrás das coisas o suficiente para uma vida inteira. Daqui em diante, seja lá com o que quer que ela sonhe, eu vou descobrir uma maneira de dar a ela.

— Meu pai deu as estrelas para ela — respondeu River.

Nic Guerrero tinha era dado um monte de merda para Cora, mas eu

não ia dizer isso a sua filha.

Em vez disso, dei de ombros:

— Acho que isso significa que tudo o que me resta é a lua.

Ela sorriu e então olhou pela janela nos oitenta quilômetros seguintes. Eu notei isso porque sorri e olhei para ela pelo espelho retrovisor.

Silenciosamente, observei todas as garotas saindo da minha caminhonete e seguindo pela entrada da casa, Drew e Catalina indo na frente do grupo.

Cora voltou rapidamente para a caminhonete, sua mão sobre a minha, entrelaçando nossos dedos como se nunca tivesse saído dali.

— Você quer conversar ou apenas ficar sentado aqui por um tempo? — ela perguntou.

Eu não – de forma, modo ou maneira alguma – merecia essa mulher.

Mas eu ia mantê-la por perto enquanto ela me quisesse.

Com um suspiro, apoiei a cabeça contra o encosto do banco e me virei para encará-la.

— Isso deve ser estranho para você. Estar aqui. As coisas dela ainda estão no armário, sabe? Nunca fiz nada com este lugar desde que Lisa morreu. Não sei por que te trouxe aqui. Devíamos alugar um apartamento ou algo assim.

Ela sorriu.

— Você quer que eu diga que estou desconfortável para que você não precise entrar lá?

Ela me conhecia muito bem.

Rindo, eu levantei meu dedo no ar e fiz um gesto com o indicador e o polegar.

— Um pouco.

— Ok. Mas, Penn, você dormiu sob as estrelas de Nic por meses. Você fez amor comigo enquanto eu usava o colar dele. E você cuidou da filha dele sem hesitar por um segundo sequer. Você acha que roupas femininas em um armário vão me incomodar?

Eu sorri.

— Tem algumas fotos também. Tem uma do nosso casamento na lareira.

— Você me disse em nosso primeiro encontro que já tinha se casado antes. Prometo que não ficarei chocada ao ver que um fotógrafo capturou imagens daquela ocasião importante. No entanto, como eu disse, se você quer que eu *diga* que estou desconfortável para fazer você *se sentir*

confortável, eu aceito. Mas passei vinte horas nesta caminhonete, então vou precisar ir para algum lugar bem perto daqui.

Rindo, voltei meu olhar para a casa. Era uma bela casa. Uma casa *muito* agradável, bem na praia. Mas não era minha casa há anos. Para ser honesto, o único lugar em que senti algo remotamente parecido com uma casa foi no antigo apartamento de Cora. Mas isso tinha menos a ver com a estrutura e mais a ver com a mulher e as crianças que estavam lá dentro.

Eu vivi o luto.

Eu segui em frente.

Eu conheci a única mulher que poderia me salvar.

Mas a dor é algo engraçado. Mancha sua alma muito tempo depois de você ter se curado.

E, estando ali, uma parte de mim esperava que aquela dor reaparecesse e me consumisse novamente.

Mas então eu olhei para Cora.

Seu rosto parecia suave quando voltado para mim.

Seus lábios estavam inclinados para cima, gentis, mas provocantes.

Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo bagunçado, e ela provavelmente brigaria comigo por não ter avisado quão bagunçado estava.

Como eu encontrei algo tão bom no meio de algo tão, tão ruim?

Dando um puxão em sua mão, eu a puxei por cima do console. Eu a peguei pela nuca, encontrando-a no meio do caminho para dar um beijo muito breve, antes de murmurar contra seus lábios:

— Eu te amo. E se você está confortável por estar aqui, eu estou confortável em estar onde quer que você esteja.

Ela murmurou:

— Oh, meu doce Penn. Suas frases cafonas estão ficando melhores. Estou impressionada.

Eu mordi seu lábio inferior.

— Suas piadas não estão.

— Então o que você quer fazer? Eu fico de boas se você não quiser ficar aqui. As meninas vão ficar arrasadas, Drew vai reclamar e Catalina vai fazer beicinho. — Ela colocou a mão no peito. — Mas, *eu*, Penn Pennington, ficarei bem.

Aquilo foi o suficiente para mim.

Eu ri, dando partida na caminhonete.

Eu poderia fazer isso.

Eu poderia criar novas memórias.

Com Cora.

Com River.

Com Savannah.

Talvez até algumas com Penn.

— Meu nome *não é* Penn Pennington. — Pisei no acelerador até passarmos pelo portão.

Ela riu, alto e despreocupadamente.

E depois que estacionamos, subimos os degraus dos fundos e entramos juntos pela porta, aqueles 29 minutos de memórias não me atacaram.

Não com Cora sorrindo para mim.



— Ai, meu Deus! Você sentiu isso? — ela gritou, balançando em meus braços quando outra onda passou por nós. Suas pernas estavam enroladas em meus quadris, dois pedaços de tecido nos dividindo, meu pau dolorosamente duro. Mas tendo River e Isabel por perto, perseguindo Savannah pela praia com um pedaço de alga molhada, não havia bosta nenhuma que eu pudesse fazer sobre isso.

— Você tinha que comprar uma porra de um biquíni, não é? — resmunguei pela vigésima vez desde que voltamos da loja de roupas de praia.

— Você poderia parar de se preocupar com o que estou vestindo e mais com o tubarão que está prestes a arrancar minhas pernas?

— Que tubarão? — Olhei para trás e fiz cócegas na sola de seu pé.

Cora gritou a plenos pulmões, lutando para fugir, mas eu me recusei a deixá-la ir.

Acontece que Cora não sabia nadar.

Nem River.

Ou Savannah.

Tendo crescido na água, onde as pessoas ensinavam seus bebês a nadar antes que eles pudessem falar, eu nunca pensei que elas não saberiam se virar na água.

Mas aí pensei que, em Chicago, saber nadar não era tão imperativo.

— Não teve graça — ela repreendeu.

— Ah, vai. Teve um pouquinho.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Por que não consigo ver o fundo? A gente não deveria ver o fundo?

Eu soltei uma risada, deslizando as mãos por sua pele para poder segurar sua bunda.

— Talvez se estivéssemos em Keys.

— Ok, então vamos para lá. Aqui é assustador.

Dei uma volta rápida, a areia formando um túnel sob meus pés, Cora agarrada ao meu pescoço.

— É uma viagem de duas horas, querida.

— Penn, pare!

Ela odiou cada minuto desde que eu a arrastei para a água.

Para ela, cada concha que pisava era um caranguejo e cada movimento da água era uma água-viva.

Eu a mantive presa na água por trinta minutos, rindo o tempo todo.

Não perdia a graça. No entanto, estava ficando claro que uma vida na praia não fazia parte de nosso futuro. Talvez uma casa de inverno, onde pudéssemos escapar do frio, e ela pudesse se sentar no deque, tomando uma xícara de café e observando o clima mudando.

Mas se não fosse em Chicago.

E não fosse na Flórida.

Onde seria?

— Onde você quer viver? — perguntei, voltando para o raso.

Ela continuou procurando na água turva um tubarão invisível.

— O que você quer dizer?

— Quando tudo isso acabar, Thomas e Manuel estiverem compartilhando uma cela ou um túmulo, e finalmente começarmos uma vida juntos, onde você quer morar?

Suas sobrancelhas se juntaram quando me olhou nos olhos.

— Quais são minhas escolhas?

— Ummm... planeta Terra. Eu tenho dinheiro, mas não dinheiro de Marte. E no ritmo que estou indo, não terei nem dinheiro da Terra daqui a alguns anos, então provavelmente precisarei encontrar um emprego em algum momento, então vamos tentar ficar em algum lugar que tenha o inglês como língua nativa.

Quando chegamos ao nível da água na cintura — para ela — eu a coloquei de pé.

Cora se encolheu quando os dedos dos pés encostaram na areia, mas

se eu tivesse alguma esperança de murchar minha ereção nos próximos, uh, milhões de anos, eu precisava parar de me esfregar em Cora. Eu me ajoelhei na areia para não escandalizar os banhistas naquela praia pública.

— Você está bem? — perguntei.

Ela endireitou as costas.

— Sim. Eu provavelmente poderia fugir de um tubarão se ele tentasse vir atrás de mim. Aqui parece ser mais sólido do que líquido.

Debaixo d'água, eu apertei sua panturrilha, e ela deu um pulo, soltando um grito ensurdecedor.

Eu caí na gargalhada, e Cora jogou água no meu rosto.

— Droga, Penn.

— Ok. Ok. Ok. — Eu ergui as mãos em rendição. — Eu prometo: chega de te sacanear. — Levantei quando a região do meu calção de banho me disse que era seguro e abracei Cora pelos ombros. — Então, sério, onde você quer morar?

Ela pegou minha mão pendurada em seu ombro e entrelaçou nossos dedos. Juntos, partimos em direção à costa. Catalina e Drew estavam relaxando e bebendo cerveja sob um guarda-sol. Oh, tão casual para um homem em uma missão suicida e uma mulher destrocada e com aptidão para iniciar guerras psicológicas.

— Eu não sei — disse Cora. — Cat e eu conversamos sobre ir para Seattle quando terminar meu curso.

Minhas sobrançelas se ergueram. Seattle era incrível, mas não me pareceu combinar com Cora. Mas, de qualquer forma, eu não tinha certeza sobre o que combinaria com ela. Ela sempre foi caseira por obrigação.

Eu abruptamente parei de andar, puxando-a para perto de mim.

— Seattle?

Ela deu de ombros.

— Lá tem muito café. É como meu Bat-Sinal pessoal.

— Há café em todos os lugares, querida. Não sei se esse deve ser seu único pré-requisito para escolher um lugar para morar. Mas se Seattle é o que você quer, eu topo. — Inclinei a cabeça quando um pensamento me ocorreu. — Espera... Você quer se casar?

Todo o seu corpo estremeceu, incluindo os olhos, que se arregalaram comicamente.

— Espera. Espera. Espera. Isso não foi um pedido — eu esclareci. —

Eu não estou perguntando se *você* quer se casar *comigo*.

A única coisa mais engraçada do que seus olhos arregalados foi ver sua decepção palpável.

Meu peito não apenas se aqueceu. Pegou fogo por completo. E não o fogo que estava rugindo dentro de mim nos últimos quatro anos. Esse foi uma queima controlada, destruindo todos os detritos, abrindo espaço para um novo crescimento.

Cora queria ficar comigo.

E, porra, eu queria ficar com ela mais do que qualquer coisa em toda a minha vida: Cora, comida, água, um teto. Nessa ordem.

Mas eu não precisava de uma certidão de casamento ou um anel em seu dedo para que isso se concretizasse.

Eu só precisava dela.

Eu a puxei para mais perto e beijei sua cabeça.

— Relaxa. Não foi um pedido *ainda*, ok? É que me veio à mente que passamos tanto tempo discutindo o passado que nunca descobri o que *você* quer da vida. Já falamos sobre *você* terminar a faculdade e se formar, mas e depois? *Você* gostaria de se casar, no geral? Não só comigo.

Ela me deu um olhar de lado.

— Eu não topo poligamia, Penn Pennington.

Eu ri.

Esticando a cabeça para trás, Cora olhou nos meus olhos.

— Sim. Eu me casaria de novo. — Ela me cutucou com o cotovelo. — Se o cara certo me pedisse.

Eu sorri para ela e comecei a andar novamente.

— *Você* quer ter filhos?

Ela soltou um ruído pelos lábios.

— Uau. Eu honestamente não sei. Nunca pensei que teria essa opção novamente. — Seu nariz se franziu, e ela balançou a cabeça de um lado para o outro pensando na ideia. — Eu amo crianças, mas do jeito que as coisas aconteceram na primeira vez, eu teria que me sentir... *segura* antes de dar esse passo novamente.

Segurança. Ter crianças ou não. Eu poderia dar isso a ela.

Eu *daria* isso a Cora. Eu poderia dar a ela a vida mais chata, monótona e simples do mundo. Normalmente não é muito bom dizer isso sobre um casamento, mas, para nós, uma vida tranquila era exatamente o que precisávamos.

— E *você*? — Cora perguntou, sua voz sumindo no final, como se ela

estivesse se preparando para a resposta.

— Eu adoraria começar uma família. Lisa nunca se interessou por isso. Não encaixava no seu estilo de vida. Eu aceitei na época. Mas se dependesse de mim, eu gostaria de ter dois .

— Sério? — ela sussurrou.

Eu a cutuquei do jeito que ela tinha feito comigo.

— Se a garota certa me pedisse.

Seus pés continuaram caminhando, mas Cora se derreteu toda ao meu lado, me fazendo pensar que talvez ela tivesse tomado uma decisão sobre ter mais crianças também.

— Meninos ou meninas? — ela perguntou.

— Meninos. Acho que acompanhar Savannah e River rumo à idade adulta será suficiente para mim.

— Ah. — Ela me deu um sorriso.

— Obrigada por sempre as incluir. Desde o primeiro dia. Eu nem sei te dizer o quanto isso significa para mim.

— Você não precisa me agradecer por isso, Cora. Passar tempo com elas não é algo difícil de se fazer.

— Para outros homens, talvez seja.

Eu dei uma piscadela.

— Então vamos esperar que nenhum desses *outros homens* faça o pedido antes de mim.

Suas bochechas ficaram rosadas, e ela voltou sua atenção para seus pés cheios de areia, murmurando:

— Vou cruzar os dedos.

Quando nos aproximamos de Drew e Catalina, apertei os olhos, tentando forçar meu cérebro a entender o que eu estava vendo. Ele estava deitado de lado, de frente para ela, ostentando um sorriso enorme enquanto deixava areia molhada pingar na palma da mão dela. Ela estava rindo, seu cabelo escuro esvoaçando ao vento, sentada com as pernas esticadas ao lado dele, usando um biquíni muito parecido com o de Cora.

E embora ambos estivessem usando óculos escuros, era mais do que óbvio que havia uma troca de olhares sexuais intensa ali, pelo menos da parte de Drew.

Eu não tinha ideia do que tinha acontecido no meu Audi durante a viagem de carro de vinte horas. Mas se o pesadelo na minha frente era uma pista, o escapamento deu um jeito de entrar no carro, e a fumaça devia ter afetado os dois cérebros.

— Ei — Catalina nos cumprimentou, afastando a mão de Drew e desviando o olhar dele por tempo suficiente para perceber que outras pessoas existiam.

Porra. Eu não queria imaginar a bagunça gigantesca que aconteceria se aqueles dois começassem alguma coisa.

Drew era um cara legal, e cortejar mulheres era definitivamente sua especialidade, mas ficar com elas *não era*.

— Ei — eu respondi rispidamente, dando para ele um olhar silencioso que dizia claramente um que-porra-você-está-fazendo.

Ele nem notou.

— Ei, então, o que você acha de Cat e eu levarmos as meninas para um filme hoje à noite?

— Eu não acho nada. E não vai rolar — eu murmurei, soltando Cora para pegar duas cervejas no cooler. Abri ambas e dei uma para ela.

— E por que não? — ele perguntou defensivamente.

Sentei-me em cima do cooler, dando um tapinha na minha coxa em um convite que Cora rapidamente aceitou. Quando ela se acomodou no meu colo, eu respondi:

— Porque não estamos de férias. Não tenho ideia do que Thomas e Manuel estão fazendo agora, mas é melhor para todos nós se ficarmos quietos, mantermos a cabeça erguida e tentarmos descobrir o que vem a seguir.

— Certo — ele murmurou de uma forma que soou mais como *vai se foder* do que como se estivesse concordando.

— Ah, já sei! — exclamou Catalina. — E se alugarmos um filme e assistirmos naquela sala de cinema em cima da garagem? — Ela balançou as sobancelhas. — Talvez possamos dar a vocês dois algum tempo sozinhos em casa.

Agora essa é uma ideia que eu poderia topa. Se isso me fizesse ficar sozinho com Cora, o que eu estava precisando muito no momento, Drew e Catalina poderiam ficar se comendo com os olhos a droga da noite toda.

— Qual filme? — perguntou Cora.

Eu rocei meus dentes no ombro dela.

— Não importa. Você não vai assistir.

Drew sorriu e, em seguida, empurrou os óculos escuros para baixo do nariz, estreitando o olhar nos pés de Cora.

— Puta merda, isso é um tubarão-tigre-de-areia?

E foi assim que fiquei surdo.

Ela deu um salto imenso, mas não antes de gritar no meu ouvido. Eu quase deixei cair minha cerveja, e a dela veio parar em cima de nós dois. Mas Drew e Catalina riram tanto, que quase fez valer a pena.

— Querida, relaxa. — Eu ri, a puxando de volta para o meu colo. — Os tubarões-tigre-de-areia têm areia no nome, mas vivem no oceano mesmo.

— Ai, meu Deus! Eu odeio vocês, todos vocês.

— Ei, o que eu fiz? — Catalina choramingou.

— Você está rindo — ela respondeu com rispidez. E estava mesmo.

E Drew também.

E aí eu entrei para o grupo.

E apenas alguns segundos depois, Cora se juntou a nós também.

Ao que parece, éramos uma família grande e feliz.

Só algumas horas depois, quando um rio de sangue abriu caminho pelo chão da minha sala, que percebi que tudo tinha sido uma porra de uma imensa *mentira*.



CAPÍTULO 19

Cora

Eu menti. Ficar na casa de Lisa era um pouco estranho.

Depois que voltamos da praia, todos se espalharam pelos vários banheiros da casa — todos os cinco.

Meu cabelo ainda estava molhado enquanto eu caminhava pelo labirinto com piso de madeira em busca do meu homem.

— Penn? — chamei.

— Estou aqui, baby.

Segui sua voz até o final de um corredor diferente e o encontrei olhando para uma porta fechada que deveria dar no quarto principal. Ele evitou aquela como se estivesse contaminada durante o tour que fez mais cedo. E mesmo que o quarto em que Penn deixou nossas malas fosse grande com banheiro privativo, não tinha como ser o principal em um lugar tão luxuoso.

— O que você está fazendo? — perguntei. Eu não tinha muito orgulho de admitir que uma pontada de ciúme me atingiu quando imaginei o que ele estava pensando.

Todas as noites em que ele fez amor com ela naquele quarto.

Todas as noites em que ela adormeceu ao lado dele.

Todas as manhãs em que ele a beijava antes de sair para correr.

Ele a amava. E tudo bem. Mas isso não significava que eu gostasse de pensar neles juntos, o que estava provando ser um pouquinho difícil, porque havia muito mais do que apenas uma foto de casamento na lareira. Antes de descermos para a praia, Penn havia removido a maioria delas. E ele fez isso sorrindo, e não com uma dor agonizante, do jeito que eu esperava depois de seu pequeno ataque de pânico na caminhonete.

Mas ela ainda estava lá naquela casa conosco.

E eu odiava a ideia de que talvez ele estivesse perdido em suas memórias com ela.

Seus olhos azuis se voltaram para meus, o peso de seu olhar roubando minha respiração.

— Debatendo internamente se algum dia vou conseguir entrar ali de novo.

Eu engoli em seco.

— São apenas paredes e memórias. Ela não está atrás daquela porta.

— Não. Mas eu estou. Naquela noite, quando a vi morrer, eu estava naquele quarto. E por vinte e nove minutos, Thomas Lyons e aqueles homens me mataram também. Às vezes, parece uma memória distante e embaçada. Em outros momentos, é tão nítida e fresca, que posso ver a cena quando fecho os olhos.

Deus, eu era uma idiota. Enquanto estava com ciúmes de uma mulher que não estava mais viva, Penn estava afundado nas memórias dos maus momentos, não dos bons.

— Oh, Penn — eu soltei, correndo para abraçá-lo. — Eu sinto muito.

Ele beijou minha cabeça e inalou profundamente.

— Acho que ela teria gostado disso.

Eu apoiei meu queixo em seu peito e olhei para ele.

— Do quê?

— Você e eu.

Eu sorri.

— Você era o marido dela. Posso falar com absoluta certeza que ela teria *odiado* sua nova namorada.

Ele sorriu, mirando minha boca para um beijo rápido.

— Não sou do tipo que acredita que tudo acontece por uma razão. Eu nunca vou dizer que havia uma razão para a morte dela. — Penn me beijou novamente, lentamente, e respirou com reverência. — Mas talvez você seja o motivo de eu ter assistido a tudo aquilo.

Minha pele se arrepiou toda, e eu senti vontade de chorar.

— Não, amor. Não. Aquilo foi...

— A única razão pela qual estou com você agora — ele terminou. — Experimentar essa raiva, dor e impotência, isso tudo acendeu o fogo, Cora. E ele ardeu mais a cada dia até eu te conhecer. Perdê-la teria me tirado do eixo, não importa como aconteceu. Mas testemunhar tudo fez com que eu nunca pudesse superar o ocorrido. Fez com que tudo começasse. Deu à luz a raiva que exigia vingança. E então essa mesma vingança me guiou direto para sua porta.

Meu coração doeu. Eu não queria ser o lado bom do pesadelo dele. Ele sempre veria isso em mim, e eu queria ser algo diferente para Penn. Algo *bom*.

— Eu não sei se concordo, Penn. Drew não testemunhou nada, e ele parece ter a mesma raiva crescendo por dentro.

Sua testa se franziu quando a confusão atingiu seu rosto.

— Drew? — Ele fez uma pausa. — Eu já te disse onde ele estava na noite em que Lisa morreu?

Eu balancei a cabeça, uma estranha sensação de desconforto criando raízes em meu estômago.

Ele fechou os olhos brevemente.

— A menos de um quilômetro de distância dela.

Eu estremeci como se seus braços tivessem me dado um choque.

— O quê? Eu achei...

— Drew e eu tivemos o pior dos dois mundos. Eu tive de assistir a mais de dois mil quilômetros de distância, enquanto ele estava em um bar no final da rua, esperando que ela aparecesse, sem saber que ela estava morrendo a apenas alguns quarteirões de distância.

A respiração rasgou da minha garganta como se ele tivesse me dado um soco.

— Como?

— Ele *odiava* quando ela ia fazer essas coisas. A maneira de Drew de lidar com esse medo era fingir que nada estava acontecendo, então ele ignorou as ligações dela por mais de um mês. Eles eram muito próximos, e ela estava chateada por ele a ignorar. Então, uma noite, ele e eu saímos para beber, e eu enchi tanto o saco dele, que Drew finalmente cedeu. Ele ligou para ela, e ela contou tudo sobre os Guerrero, Thomas e *você*. Para Drew, saber de tudo só piorou a situação. Então, alguns dias depois, ele pegou um avião, foi até lá, determinado a arrastá-la para casa. E se alguém podia fazer isso, esse alguém era o irmão dela.

Ele abriu um sorriso tenso e triste.

— Eu estava animado para caralho, tanto que fui eu quem comprou a passagem de avião. Ela ficou puta quando descobriu que ele estava lá, se recusou a dizer onde estava hospedada, provavelmente porque era no seu prédio, Cora, naquela noite em particular, mas ela disse a Drew que fosse encontrá-la no bar na noite seguinte. Mas ela não apareceu.

Eu me lembrei dele vindo apressado em minha direção na casa de acolhimento de menores, depois que ouviu Thomas mencionar sua irmã. Eu pensei que ele estava puto, mas só naquele momento eu entendi que a emoção em seu rosto era medo. Meu estômago se revirou.

— Ah, meu Deus. Pobre Drew. Ele estava tão perto dela.

Penn assentiu dolorosamente.

— Sim. Ele foi a única razão pela qual os policiais a encontraram. Ele mencionou o nome do bar para mim de passagem, e quando eu *finalmente* me lembrei, disse para a pessoa que estava ao telefone

comigo, e eles mandaram viaturas para os dois hotéis próximos. Então quando eu te digo que Drew tem essa mesma raiva dentro dele, eu quero dizer que ele tem *a mesma. Porra. De raiva.*

— Ah, meu Deus. Você deveria ter me contado isso antes de eu começar a cutucar o olho dele. Ele não conseguiu salvar a irmã, e eu fiquei tentando gravar minha digital na cara dele.

Pen sorriu.

— Não se preocupe com isso. Em algum momento Drew vai tirar esse seu arrependimento de você rapidinho.

Fazendo um carinho em sua nuca, eu fiquei na ponta dos pés e rocei meus lábios nos dele, oferecendo o único conforto possível.

— Sinto muito que vocês tiveram que lidar com tudo isso.

— Eu também. Mas ficar aqui com você agora torna aquele quarto muito menos assustador.

Meu estômago vibrou. Ok, então talvez ser o lado bom do pesadelo de Penn não seria tão ruim assim. Pelo menos ele *tinha* um agora.

Movendo seu peso para frente e para trás, Penn me balançou em seus braços.

— Seria estranho se eu te pedisse para ir lá comigo?

Meus lábios se apertaram.

— Sim. Totalmente estranho. Mas se você está me perguntando se eu vou, então, sim. Absolutamente.

Ele me beijou, desta vez abrindo a boca, sua língua roçando na minha. Era sensual, mas não sexual. Era doce e cheio de gratidão. Era a maneira de Penn dizer obrigado sem usar palavras.

E mesmo que eu não precisasse de agradecimentos por amá-lo, peguei o que ele estava disposto a dar, me perdendo na beleza de algo tão simples.

Mas quando o som do grito de uma mulher ecoou pelo corredor, percebi que nada em nossa vida jamais seria simples.



CAPÍTULO 20

Cora

Meu corpo entrou em alerta no segundo seguinte, a adrenalina subindo pelas veias como um tsunami.

— Fique aqui — Penn rosnou, correndo para longe e me deixando sozinha no corredor, a voz de Catalina ainda ecoando em meus ouvidos.

Era o tipo de grito que fazia as pessoas agirem primeiro e pensarem depois, porque não havia como confundi-lo com nada além de terror. E, por causa disso, *não* prestei atenção às instruções de Penn e fui atrás dele.

Enquanto corria, vasculhei minha mente em busca de memórias de onde as meninas estavam. A última vez que as vi, elas estavam indo para a sala de cinema acima da garagem. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, mas senti um pouco de alívio por saber que não estavam na casa principal.

Quando virei a esquina para a sala de estar, quase bati em Penn. Ele estava congelado na entrada do corredor, seu peito arfando, mas não tinha nada a ver com a breve corrida.

Fazia anos desde que eu tinha visto seu rosto, mas ainda me deu um arrepio na espinha.

O cabelo escuro de Marcos.

O olhar malévolo de Dante.

A mandíbula forte de Nic.

Manuel Guerreiro. O patriarca do clã Guerrero. O homem que pegou minha filha, me manipulou e me aprisionou em seu mundo por mais de uma década. E ele estava atualmente de pé na sala de Penn, seu braço em volta da garganta de sua filha, com a ponta de uma arma cravada em sua têmpora.

— Seu filho da puta — Penn rosnou, avançando.

Ele recuou com movimentos desajeitados, a arma tremendo em sua mão enquanto arrastava Catalina com ele.

— Para trás, porra. Vou meter uma porra de uma bala na cabeça dela agora mesmo.

— É melhor você saber correr. Se algo acontecer com ela, em três segundos você vai seguir o mesmo caminho.

Manuel riu, rouco, e o som arrepiou minha pele.

— Eu já sou um homem morto, seu imbecil do caralho.

Prendi a respiração quando seu dedo se aproximou demais do gatilho.

Agarrando o braço de Penn, tentei puxá-lo para trás enquanto implorava:

— Por favor, pare. Você está piorando as coisas.

Ele sacudiu o braço, me fazendo o soltar, rosnando sem nunca tirar o olhar de Manuel.

— Saia daqui, Cor.

Com o coração na garganta, olhei para Catalina.

Seus olhos estavam arregalados, voltados para mim.

— *Vai* — ela murmurou.

Eu balancei a cabeça, sentindo o pânico crescendo em meu peito. Tinha de haver uma saída.

Tinha de haver uma solução que fizesse isso finalmente acabar de uma vez por todas.

Eu estava completamente farta de conviver com esse pêndulo de emoções.

Em um minuto, eu estava nas nuvens beijando Penn.

No próximo, o rei dos demônios estava na minha frente.

Aquilo tinha de parar.

Eu simplesmente não tinha ideia de como, e esperava que não custasse a vida de Catalina.

Cruzei minhas mãos em oração.

— Manny, por favor. Não faça isso. Ela é a única família que te restou.

Seu rosto ficou duro, e suas sobrancelhas grossas e peludas se uniram.

— E de quem é a porra da culpa? Não foi suficiente você ter tirado Nic de mim. Você tinha de ir atrás de Marcos e Dante também?

Eu endureci, rezando para todo e qualquer deus que ele não soubesse que Penn era responsável por isso. Não havia como discutir com ele sobre Nic. Eu era culpada por tudo desde o primeiro dia em que ele me viu. Mas se eu pudesse mantê-lo falando, focar sua raiva em mim, talvez Catalina pudesse fazer algo. Ele era mais velho e estava com um bom sobrepeso. Se não fosse pela arma em sua cabeça, ela poderia facilmente ter escapado dele. E então Penn, que estava fumegando ao meu lado, poderia tê-lo rendido – e mais do que provavelmente o matado.

Mas precisávamos daquela oportunidade, de um momento de

distração.

Mantendo minha voz calma e baixa, para não igualar sua intensidade, eu contei uma meia mentira.

— Eu não tive nada a ver com o incêndio. Nem a Cat. Então solta ela.

— Você tem sido uma maldição para todos em que encostou. Meus filhos, o irmão dele, e agora, você cravou os dentes no cunhado dele. Não é à toa que Drew foi tão rápido em me dizer onde você estava.

O ar na sala ficou imóvel.

Qualquer som cessou.

Que. Caralho. Foi. Esse.

Com o canto do olho, vi Penn em choque.

Mas eu encarei Manuel, tentando disfarçar. Drew?

Drew tinha dito a ele onde estávamos?

Onde diabos estava Drew?

Manuel continuou seu discurso.

— Você é uma porra de uma viúva negra. Medusa disfarçada. — De repente, sua arma virou na minha direção. — Eu deveria ter te estripado no dia em que você matou Nic.

Meu pulso disparou quando o caos estourou. Penn pulou na minha frente, me protegendo e gritando com Manuel.

Mas antes de perder Catalina de vista, notei algo.

Ela não estava lutando.

Seus olhos estavam arregalados, lágrimas escorriam pelo seu rosto, mas ela não tentou fugir.

Esse deveria ter sido o momento dela. O braço em volta do pescoço dela afrouxou quando a arma saiu de sua cabeça. E ela ficou ali parada.

— Cora — Penn rosnou. — Saia daqui. *Agora*.

Minha vida nunca foi ótima. Não até recentemente, na verdade, e mesmo assim decididamente não tinha sido fácil.

Mas com Penn de volta, falando sobre Seattle, bebês e alianças de casamento, eu estava chegando lá.

No entanto, naquele momento, quando Drew surgiu no cômodo, com as mãos para cima, a arma de Thomas nas costas, comecei a pensar que Manuel estava certo.

Talvez eu fosse uma maldição.

Penn

— Não. Não. Por favor, fique, Cora — Thomas disse com falsa gentileza, entrando na sala com uma arma apontada para as costas de Drew.

Lava derretida substituiu o sangue em minhas veias.

Que porra estava acontecendo?

De jeito nenhum Drew disse a Manuel onde estávamos. Sim, eles tinham se aproximado na prisão, mas nada disso era real. Ele era meu irmão, apesar de nossas certidões de nascimento listarem pais diferentes. Desde o primeiro dia, ele e eu estávamos nisso juntos. A cada passo. A cada respiração. A cada minuto de cada dia, compartilhávamos a mesma sede voraz de vingança.

A Terra ser plana era mais crível do que ele se voltando contra mim.

Mas o que diabos ele estava fazendo ali, e por que me manteve no escuro?

Catalina lutou nos braços do pai quando viu o ex-marido.

— Querida, cheguei — ele cantarolou com um sorriso largo.

Retrocedendo, eu puxei Cora para mais perto de mim e tentei fazer com que meu irmão me olhasse.

Seus olhos estavam fixos nos de Catalina.

— Mas olha só isso — disse Thomas alegremente. — É uma reunião de família. Bem, só falta nossa querida amiga Lisa. — Ele inclinou a cabeça na minha direção. — Minhas sinceras condolências. Ela era uma mulher adorável. Mas, como ela pôde aprender, eu não sou um homem que aceita ser desafiado. Eu dei a ela todas as oportunidades para sair da minha cidade, Shane. Eu juro que dei. Pessoalmente, admirei sua tenacidade, até o momento em que ordenei que cortassem sua garganta. — Ele sorriu.

Minha visão ficou vermelha, e eu cerrei os dentes. Teria sido muito fácil permitir que aquela raiva reprimida borbulhando me guiasse. Mas isso teria deixado Cora exposta, e esse não seria um risco que eu poderia correr, nem mesmo se finalmente me trouxesse a satisfação de arrancar a cabeça de Thomas Lyons de seu pescoço.

Era uma verdadeira prova de autocontrole não mover um músculo.

Ele se inclinou para o lado, tentando dar uma olhada em Cora, mas eu me mexi para que ele não pudesse vê-la.

Eu não queria que nem seu olhar a tocasse.

Ele inclinou a cabeça arrogantemente.

— Sua esposa sabia que você gosta de prostitutas, ou essa é uma nova predileção?

Meu corpo inteiro ficou tenso, se projetando de tal forma que temi por minha pele. Minhas mãos doíam, e a mesma queimação que Cora havia domado dentro de mim estava de volta e vibrando pela necessidade de...

— Chega — Drew rosnou, juntando-se à conversa.

Meu olhar saltou para ele, procurando por uma pista – qualquer pista – do que realmente estava acontecendo, mas seu rosto era um poço vazio e sem emoção.

Ele empurrou o braço de Thomas.

— Tire essa porra de arma da minha cara. Eu fiz o que tinha que fazer, ok? Você quer Catalina? Lá está ela. Mas acabou, você me entendeu? Me esquece. Vocês dois. Não quero mais fazer parte disso. — Ele botou as mãos nos quadris e olhou para o chão. — Sinto muito, Shane. Mas eu não posso viver assim. Não vale essa merda. Eu tenho que sair dessa vida. Essas fugas, esse esconde-esconde. Ficar sempre em alerta. Eu poderia muito bem voltar para a prisão, se é assim que eu tenho que viver minha vida. Eu só quero que isso acabe. Eu *preciso* que acabe.

E então ele finalmente olhou para mim, seu olhar escuro me atingindo com a gentileza de uma marreta.

Ah, sim. Eu conhecia Drew Walker.

Nós nos conhecemos na faculdade, no MIT. Ele era dois anos mais novo do que eu e estudava engenharia mecânica. O garoto era tão esperto, que, nos cinco anos que levei para me formar, ele me alcançou e nós atravessamos aquele palco juntos na formatura. Ele ficou lívido quando me encontrou na cama com sua irmã e se recusou a falar comigo por seis dias. Mas quando nos formamos, e eu a trouxe de volta para a Flórida, ele comprou uma casa a dois quarteirões de distância. E no dia em que coloquei um anel em seu dedo, prometendo até que a morte nos separasse, ele não era apenas meu padrinho, mas também o dela.

Drew Walker havia sido costurado no tecido da minha vida.

Eu nunca, pelo restante da minha vida, esqueceria o olhar em seu rosto na noite em que firmamos nosso compromisso de encontrar e matar o homem responsável pela morte de Lisa.

Enquanto eu sustentava seu olhar do outro lado da sala, notei que ali tinha a mesma determinação implacável – e desta vez, ele realmente tinha acabado.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram, e eu soltei o ar de uma vez, mas antes que pudesse pronunciar uma única sílaba, Drew girou, puxou uma faca da parte traseira da calça e, em um movimento fluido, abriu um

talho no pescoço de Thomas.

O sangue explodiu em sua pele. O choque se espalhou em seu rosto, e suas mãos subiram para a garganta como se pudesse deter o fluxo.

Eu queria ficar só observando quando ele caiu de joelhos, saboreando sua dor.

Eu queria ver o sangue vermelho escorrer da garganta de Thomas enquanto ele tossia e gorgolejava, sem saber se iria se afogar ou sangrar até a morte primeiro.

Eu queria me agachar na frente dele e olhar em seus olhos enquanto a vida escapava de seu corpo.

Eu queria vinte e nove minutos do seu sofrimento.

Mas eu estava disposto a me contentar com vinte e nove segundos de sua morte.

Infelizmente, eu também não poderia ter isso.

Cora estava lá, seu corpo doce e macio tremendo nas minhas costas. E eu estava mais preocupado com a reação de Manuel e as balas que estavam prestes a voar pelo ar do que com me regozijar com a vingança.

Desviei meu olhar para Manuel. Aguardando minha oportunidade para derrubá-lo.

Manuel estava sorrindo largamente.

— Jesus Cristo, Walker, tinha como ter demorado mais?

Drew respondeu:

— Nem vem, velhote. Não tenho paciência com suas besteiras. Você apareceu quinze minutos mais cedo, caralho. Eu mal voltei do cinema a tempo. Eu disse ontem à noite para você trazer seu rabo para cá às oito. — Tranquila e casualmente, Drew virou os olhos na minha direção. — Ah, ei, Shane. Para sua informação, eu levei as crianças ao cinema. Eu sei que você disse que não queria ninguém fora de vista, mas eu não queria que elas estivessem aqui para ver isso tudo.

Eu pisquei e então resmunguei:

— E que porra seria *isso* exatamente?

Catalina chamou minha atenção quando se afastou de seu pai.

— Cora, você está bem?

— Um... não. Não, tipo, não... nada. Eu não faço ideia — ela divagou, permanecendo firme nas minhas costas.

Limpando o cabo da faca na camisa, Drew caminhou até Manuel e então trocou as armas com ele.

— Talvez, da próxima vez, você possa me dar uma porra de uma arma

que realmente tenha balas — Manuel resmungou.

— Nunca confie em um criminoso, Manny. Acredito que foi você quem me ensinou isso. — Drew piscou, puxando Catalina contra si.

Eu apenas fiquei parado, piscando, minha cabeça latejando enquanto tentava descobrir o que diabos estava acontecendo.

— O que está acontecendo? — sussurrou Cora.

Eu não fazia a menor ideia.

Havia sangue por toda parte.

Thomas tinha tombado de bruços, largado em uma poça.

Manuel gemia de dor enquanto caminhava até o sofá e se sentava, respirando como se tivesse corrido uma maratona, não dado seis passos.

E Drew... bem, ele estava dando beijos na cabeça de Catalina como se fossem amantes há muitos anos e não estivessem ao lado do corpo de seu ex-marido.

— Catalina, querida — Manuel chamou. — Eu não quero ver essa merda. Passei as últimas vinte e quatro horas com aquele idiota. Estou cansado. Pegue o telefone e ligue para a polícia e avise que seu pai acabou de matar seu marido.

Mas que porra de caralho fodido dos infernos estava acontecendo naquela desgraça do cacete?!



CAPÍTULO 21

Drew

Eu provavelmente deveria começar do começo.

Então lá estávamos nós, dois dos meus dedos enfiados em sua boceta apertada. Seus seios redondos e mamilos escuros se movendo enquanto ela arqueava as costas no assento de couro preto do meu carro alugado.

Ok, espera, isso não é realmente o começo. Mas essas foram as partes que fizeram meu pau se contorcer no minuto em que ela abriu a porta naquele dia que Cora, River e eu chegamos em sua casa.

O começo realmente seria naquela mesma noite, quatro anos antes, quando ela entrou no bar. Eu a notei imediatamente. Honestamente, acho que todas as pessoas no bar notaram. E não porque ela era linda, o que ela era para caralho. Mas sim porque o bar era um buraco imundo, e Catalina mais parecia a esposa de um senador.

Ela estava vestindo uma saia preta que parava na altura do joelho e se agarrava à sua bunda de todas as maneiras certas e uma blusa de seda creme que oscilava entre uma roupa de bibliotecária sexy e de avó de oitenta anos. Mas com peitos como aqueles, a inclinação era muito forte para o lance da bibliotecária. Suas pernas longas e tonificadas se equilibravam em scarpins pretos, e suas unhas estavam perfeitamente feitas, com pontas brancas. Mas, mesmo sem tudo isso, seus lábios carnudos foram o suficiente para chamar minha atenção.

Eu a observei pela primeira hora enquanto ela brincava com as pontas de seus longos cabelos castanhos. Ela bebeu três martinis enquanto alternava entre checar nervosamente o celular e olhar para a porta.

Na segunda hora, eu decidi fazer uma abordagem enquanto declarava silenciosamente que qualquer babaca estúpido o suficiente para convidar uma mulher como aquela para um lugar como *aquela* e depois dar um pé nela era um imbecil de marca maior.

Eu estava pirando no hotel, e ainda tinha mais algumas horas para gastar antes que Lisa fosse me encontrar. E que melhor maneira de matar o tempo do que com uma bela mulher.

Eu nem tinha dado oi, ela já tinha me dispensado.

Eu tinha dado espaço a ela, mas apenas fisicamente.

Puxei assunto, e com a mesma rapidez, ela me cortou.

Mas então isso só se tornou um desafio para mim, e considerando que

falar era o meu forte, não demorou mais de trinta minutos antes que eu a amolecesse.

Bem, quase a amolecesse.

Ainda tinha uma vibe “me deixe em paz, caralho” rolando.

Ela me disse que estava esperando por um amigo. E toda vez que a porta daquele bar se abria, eu rezava para cacete que aquele amigo *não* passasse por ela.

Demorei um pouco, mas finalmente consegui fazê-la falar – mais dois martinis me ajudaram nessa tarefa.

E então eu me fodi todo.

Ela era tão engraçada – tinha tiradas geniais. Eu amei cada uma de suas respostas sarcásticas e provocantes. Juro por Deus que ri mais com aquela mulher nas três horas seguintes do que em toda a minha vida.

E quando ela começou a procurar em seu celular o número de uma empresa de táxi, o pensamento de ela indo embora me atingiu muito mais fundo do que deveria.

Eu pedi para ela ficar.

Ela me disse que não.

Pedi a ela que me deixasse levá-la para casa.

Ela disse que não.

Pedi para ir comigo ao meu quarto de hotel.

Ela me disse que não.

Pedi o número dela.

Ela me disse... *não*.

Mas, enquanto esperávamos juntos do lado de fora no estacionamento escuro, não pedi permissão antes de me inclinar e roubar um beijo que mudou toda a minha vida.

Porque aconteceu no exato momento em que *falhei* com a única mulher que importava na minha vida.

Nós vimos seu táxi entrar e sair, rindo e se beijando como colegas no banco da frente antes de passar para o banco traseiro.

Penn me ligou desesperado durante todo o tempo em que eu estive dentro dela.

E quando eu finalmente atendi, eu a chutei para fora do meu carro tão rápido, que nem me lembrava se ela estava vestida ou não.

O nome dela era Cat, e ela foi o maior arrependimento da minha vida.

Eu nunca fui corajoso o suficiente para admitir que eu era um homem

de trinta e um anos transando com uma mulher qualquer no banco traseiro do meu carro na noite em que minha irmã foi assassinada a um quilômetro de distância de mim – nem mesmo para Penn.

Em algum lugar na minha autoaversão e necessidade desesperada de colocar a culpa em alguém pelo que aconteceu, tudo se tornou culpa dela.

Cat era linda, engraçada e inteligente – a mistura perfeita de mulher que o próprio diabo deve ter posto naquele bar para me distrair.

Eu não sabia em que hotel Lisa estava hospedada, mas no jogo do “E se?”, a lógica não importava.

Se Cat não estivesse lá, talvez eu tivesse saído mais cedo.

Talvez eu tivesse passado pelo hotel e visto uma comoção.

Talvez naqueles 29 malditos minutos, eu pudesse tê-la encontrado e salvo.

Mas não, eu estava comendo uma mulher chamada Cat enquanto minha irmã estava sendo espancada, torturada e esfaqueada.

A porra da Cat.

Então imagine minha surpresa quando, alguns meses depois, comecei a investigar a família Guerrero e seu rosto apareceu nas descobertas do investigador particular.

Ela era casada. Havia muito mais do que quatro anos. E ela e sua filha tinham desaparecido. Presumivelmente mortas. Mas parecia muito conveniente para mim que ela estivesse lá comigo naquela noite. Isso solidificou minhas suspeitas de que os Guerrero estavam envolvidos. Esse foi o momento em que me ofereci para ir preso. Minha vida acabou, eu perdi meu emprego depois que fiquei tão focado em minha própria dor, simplesmente parei de ir trabalhar. Eu acabaria ficando sem dinheiro. A única coisa que eu perderia era Shane. E ele estava um caos do caralho. Toda vez que ele olhava para mim, achava que ele podia ver o que eu tinha feito, até que comecei a evitá-lo completamente.

Mas aí eu sentiria falta de Lisa, e Shane era tudo o que restava dela.

Dois anos em uma cela com Manuel Guerrero, e a única informação que realmente consegui foi que a mesma mulher que eu odiava irracionalmente mais do que qualquer outra pessoa no mundo era a mulher que eu tinha de encontrar para finalmente escapar da dor por completo.

Eu esperava que ela não me reconhecesse quando Cora me deu as direções para sua casa naquele dia. Fazia quatro anos, então talvez ela tivesse me esquecido na mesma proporção que nunca fui capaz de me livrar dela.

Um olhar, e eu estava de volta naquele bar. Catalina continuava linda. Mas seus olhos não eram os mesmos.

Ou talvez fossem *meus olhos*.

Eu sabia mais sobre ela agora. Como e por que estava fugindo. Como ela tinha conseguido ficar com sua filha. E quem era seu marido. E então outras coisas, como o fato de que ela era a única pessoa que já tinha sido boa com a Cora. E Deus sabia que eu cairia de quatro por aquela mulher. Não do mesmo jeito que Shane, é claro, mas não havia nada que eu não faria por Cora ou aquelas crianças.

Então, quando Catalina me encurralou em sua casa naquela primeira noite, exigindo saber quem diabos eu era e o que diabos eu estava fazendo, meu ódio equivocado por ela desapareceu.

Eu a beijei.

Ela me deu um tapa.

E então, horas depois, quando ouviu o tiro de Thomas do quarto em que eu as coloquei antes de abrir a porta da frente, ela gritou meu nome em um tom tão aterrorizado, que eu nunca serei capaz de apagar a marca que deixou na minha alma.

Quando Shane me disse que a encontrou no corredor, sendo estrangulada por um homem que eu nem sabia que estava na casa naquele momento, o peso do fracasso amoleceu minhas pernas.

Cat e eu não nos demos bem em nada, mas havia algo sobre aquela mulher espertinha. E quando ela entrou no meu quarto naquela manhã no apartamento de Shane em Chicago, enquanto ele estava dormindo no sofá e Cora estava com River e Savannah, nós finalmente tivemos a chance de conversar.

E eu disse a ela a verdade. Toda a verdade.

Mas eu não queria ouvir suas verdades, porque embora eu a achasse linda e incrível, suas verdades nos uniam de uma maneira que me fazia desejar ouvir só mentiras.

Ela estava no bar naquela noite para conhecer Lisa, às sete.

Eu deveria encontrá-la às nove.

A porra da minha irmã Sherlock Holmes estava seguindo Catalina e implorando para ela ajudar a derrubar Thomas. Sério, minha irmã era insana.

Mas, aparentemente, funcionou, porque na bolsa de Catalina naquela noite estava toda a documentação necessária que ela planejava entregar.

E eu a fodi.

Lisa estava morrendo, e a vida de Catalina era aterrorizante, e mesmo assim eu transei com ela no banco traseiro de um carro como se ela fosse uma prostituta.

Ela me disse que, naquele momento em que estava dando os primeiros passos para recuperar sua vida e descobrir quem ela era como mulher, o fato de alguém genuinamente a desejar e ainda ser gentil com ela tinha sido o maior tesão da vida.

Ela também me disse que, quando eu a expulsei do carro seminua e sozinha em um estacionamento vazio por motivos que não expliquei, mudei sua vida também.

E não para melhor.

Ela foi para casa desanimada e se sentindo mais usada do que nunca, e cedeu às exigências de Thomas para testemunhar contra o pai. E então passou quatro anos vivendo na solidão com Isabel, por medo de algum dia dar outra chance a um homem.

Para minha surpresa, ela me deixou abraçá-la naquela noite, na cama de Shane. E quando acordamos com ele e Cora discutindo na cozinha, ela saiu da minha vida, pelo que eu temia ser a última vez.

Isso até que Manuel ligou para o meu telefone mais tarde, naquela mesma manhã, enquanto estávamos fazendo ovos e bacon para as meninas, antes que a notícia de sua fuga chegasse ao noticiário local.

Apesar de ter concordado em ajudar Thomas a rastrear Catalina em troca de sua liberdade, a única coisa que Manuel realmente queria era ver Thomas morto. E ele queria que eu fizesse isso.

Isso eu poderia fazer.

Isso eu poderia fazer para caralho.

Manuel não tinha ilusões sobre o fato de voltar para a cadeia. Ele estava morrendo e disse que poderia partir pacificamente, desde que Thomas Lyons chegasse ao inferno antes dele.

E então ele me deixou em total choque ao me dizer exatamente onde Catalina estava escondida e me pediu para ir buscá-la, para que ele pudesse vê-la uma última vez antes de morrer. Parece que perder três de seus quatro filhos e se preparar para conhecer nosso criador amoleceu o homem.

E ela estava bem ao meu lado, lágrimas rolando pelo rosto ao saber que ele sabia onde ela esteve o tempo todo, sem nunca a denunciar para Thomas ou Marcos ou Dante, então Cat pegou o telefone. Eles conversaram por mais de uma hora. E deu para ver que o bate-papo foi terapêutico para Catalina, mas nada foi esquecido durante essa conversa. Ela o odiava. Mas ela finalmente conseguiu algum tipo de fechamento.

Quando nós três traçamos o plano de ir para a Flórida – um território neutro, para que Thomas não pudesse armar qualquer merda sobre a gente – decidi fornecer as armas – vazias.

Com razão, Thomas decidiu que não confiava em mim. Quando ele e Manuel apareceram para matar a esposa de Thomas, ele confiscou minha arma. Mas tudo bem — meu plano sempre foi drenar aquele filho da puta.

E bem, enquanto eu pegava Catalina em meus braços, do outro lado da sala o corpo morto de seu marido abusivo, com Manuel voltando para a prisão onde ele pertencia e Penn e Cora agarrados, oferecendo amor e segurança um ao outro, eu finalmente senti o peso esmagador de perder Lisa sair dos meus ombros.

Tinha acabado.

Tinha acabado para caralho.



CAPÍTULO 22

Penn

Outra porra de hotel.

Mas dessa vez era uma suíte de dois quartos à beira-mar, e eu nunca estive tão animado em toda a minha porra de vida.

Cora estava lá.

Eles estavam lá.

E, em breve, eu estaria lá com eles.

Para todo sempre.

No início da noite, Manuel tinha sentado no *meu* sofá, bebido em uma garrafa da *minha* água, e olhado de cara feia para a *minha* mulher enquanto Catalina e Drew nos davam os detalhes de tudo que tinha acontecido. Depois de tudo que Manuel fez Cora passar, foi preciso todo o autocontrole que eu possuía para não o deixar no chão ao lado de Thomas. Ou, pelo menos, dizer a ele que eu era Penn Walker e depois dar a ele um olho por olho, dente por dente e contar todos os detalhes excruciantes de como matei seus filhos. A *única* coisa que me impediu foi o fato de que Manuel estava assumindo a culpa pelo morto na minha sala e a tirando de Drew.

Seguindo o plano estúpido de Drew, Cora pegou a caminhonete e saiu antes que Catalina chamasse a polícia.

Não havia razão para ela estar envolvida em nada disso. Com a ficha dela e o fato de estarmos abrigando uma adolescente fugitiva, era melhor para todos os envolvidos que ela pegasse todas as crianças no cinema e as levasse para algum lugar seguro. Cora deixou Isabel algumas ruas acima, e assim que os policiais chegaram, ela veio correndo pela praia para os braços de sua mãe.

Os policiais estavam na minha casa há horas, fazendo perguntas, tirando fotos e vasculhando o local. Eu tive de admitir que Drew deixou tudo preparado.

As mentiras com as quais todos concordamos foram as seguintes: Lisa foi deixada de fora completamente. Catalina e Drew começaram a namorar depois que ele foi mandado por seu antigo companheiro de prisão para encontrar sua filha. Ela estava se escondendo do marido e irmãos e não confiava na polícia. Então, seu novo namorado, Drew, a trouxe para minha casa – o único lugar que ele pensou que poderia

deixá-la segura.

Thomas e Manuel os localizaram.

Manuel pensou que eles iriam manter Catalina em segurança, e Thomas o traiu e tentou matá-la. Manuel passou na frente e meteu uma faca na garganta de Thomas.

Fim.

Com a captura e confissão de Manuel, não havia muito trabalho policial a ser feito. Os porquês, no entanto, estavam definitivamente em jogo, especialmente quando eles perceberam que Catalina e sua filha haviam sido declaradas desaparecidas havia quatro anos.

Mas, como havia prometido, ela tinha informações mais do que suficientes sobre toda a sujeira de Thomas, o suficiente para prendê-lo por toda a vida. Neste caso, elas vieram à tona depois que ele morreu, mas foram úteis mesmo assim. Todas as suas alegações foram corroboradas por um pequeno arquivo, que ela instruiu a polícia acerca do local, em uma unidade de armazenamento em Wisconsin. Nele, havia inúmeros documentos ligando Thomas aos negócios dos Guerrero e vídeos dele agredindo tanto ela quanto Isabel.

Fui o primeiro a ser libertado do interrogatório policial. Afinal, eu era apenas o cunhado inocente e perdido na história.

Catalina, Isabel e Drew ainda estavam na delegacia, mas tinham advogados, e quando avistei Drew ao sair, ele estava sorrindo em um semicírculo com alguns policiais.

Era bom que ele fizesse amigos na polícia, porque quando eu o visse, eu ia dar uma surra nele. Ele precisaria de toda a proteção que pudesse obter. Aquele idiota não me contou nada sobre seu pequeno plano. Ele disse que estava com muito medo que eu contasse à Cora, que sem dúvida teria impedido que fizéssemos uma merda estúpida como essa.

E dada a nossa nova política de honestidade, ele tinha razão, eu absolutamente teria dito a ela – e então *eu* teria impedido uma merda estúpida como essa.

Mas tinha funcionado.

Thomas estava morto.

Manuel estava atrás das grades.

E eu estava entrando na porra de um quarto de hotel, onde minha mulher e minhas filhas estavam me esperando.

Bati suavemente, e ela levou menos de um segundo para abrir a porta. Liguei para dizer a ela que estava subindo, mas teria preferido ouvir um “quem é” antes que ela brotasse assim.

— Baby, você chegou a verificar o olho mágico?

Ela não respondeu quando jogou os braços em volta dos meus quadris, se aproximou e apertou o rosto contra o meu peito.

Eu sorri, alisando seu cabelo.

— Você está bem?

Ela balançou a cabeça.

Entrei na sala com Cora ainda colada na minha frente; cada passo meu para frente combinava com um dela para trás.

— Você quer deitar e conversar sobre isso?

A porta se fechando atrás de nós era o único som na suíte silenciosa.

Cora inclinou a cabeça para trás, seus olhos avermelhados encontrando os meus. Eu odiava que ela tivesse passado o restante da noite chorando, mas as razões para essas lágrimas eram boas, ao menos.

— Foi muito fácil — ela sussurrou.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Fácil? Você está brincando comigo? Acho que morri pelo menos dezessete vezes só esta noite.

— Algo vai acontecer, Penn. Eu sinto que vai.

Eu a peguei do chão e a carreguei para o quarto, embora tenha parado em uma porta entreaberta e visto um par de olhos castanhos e um de olhos verdes nos olhando. Eu queria ver como elas estavam, tranquilizar as duas e à minha própria mente esgotada que todos nós estávamos ilesos. Mas, quando eu pisquei para elas, ouvi uma risadinha, e então a porta se fechou rapidamente.

Quando chegamos ao nosso quarto, a cama estava desfeita, como se Cora não só já tivesse estado nela, mas passado esse tempo se revirando em vez de descansar. Eu a coloquei na beirada, tirei meus sapatos e então engatinhei no colchão. Meu corpo estressado cedeu nos lençóis macios e frios. Cora não demorou a assumir seu lugar ao meu lado, a perna sobre meus quadris, a cabeça em meu ombro, a mão em meu peito.

— Você tem razão — eu disse a ela assim que ficamos confortáveis. — Algo vai acontecer. Vamos comprar uma casa em Seattle. Vou colocar um anel no seu dedo. Se Deus quiser, um bebê em sua barriga. Savannah vai ter um tutor, daqueles de educação domiciliar, porque não temos como matriculá-la na escola. Ela vai voltar às reuniões de NA, e vamos procurar um novo profissional especializado em vício para ela. River pode escolher se quer voltar para a escola ou estudar com um tutor também. E vamos dar um cachorro para a criança, porque é isso que as famílias fazem. E depois de fazermos tudo isso, bem, talvez antes do anel e do

bebê, vou conseguir um emprego. Você vai terminar a faculdade. E então, uma respiração de cada vez, vou descobrir como te dar a lua do jeito que prometi a River que faria.

Seu rosto ficou tenso, mas daquele jeito que ficava quando tentava conter as lágrimas.

— Você prometeu a River que me daria a lua?

Dei-lhe um aperto, puxando-a, e a beijei brevemente.

— Sim. Ela disse que o pai dela já te deu as estrelas. Não posso deixar que ele me vença nessa, Cora.

Ela sorriu, as lágrimas caindo.

— E o que eu posso te dar?

Olhei para seus brilhantes olhos azuis – meu peito tão cheio, que era quase doloroso – da maneira mais incrível possível e disse a ela a verdade.

— Um motivo para respirar. Uma respiração de cada vez, Cora. Não pode ter colocado essas palavras no seu teto, mas serei eu quem vai garantir que essas respirações sejam fáceis e frequentes para todos nós. Daqui em diante, tudo que você tem que fazer é... — Eu me inclinei para mais um beijo e finalizei: — Respirar.



EPÍLOGO

Cora

Dez anos depois...

— Ai, meu Deus, quebrou? — Savannah chorou.

— Relaxa, não quebrou. Está só travado. — E talvez quebrado. Mas, como estávamos a aproximadamente vinte minutos do início do casamento dela e não conseguíamos abrir o zíper de seu vestido, poupei meus tímpanos da dor de ouvir seus berros e guardei essa informação para mim.

— Sai. Deixa eu tentar — River disse, se espremendo na minha frente. Ela estava usando um longo vestido de dama de honra roxo que odiava com violência. Essa, eu suspeitei, foi a razão pela qual Savannah o escolheu.

Depois que nos mudamos para Seattle, Penn começou a colocar anéis no meu dedo. Primeiro, um anel de noivado com uma joia gigante. E então, três meses depois, em uma cerimônia tranquila em nosso quintal gigante e pitoresco, ele colocou uma aliança e me fez Cora Pennington.

Alguns dias depois, quando fui tirar uma nova carteira de motorista, comecei a chorar ao ver algo diferente de Guerrero em meu sobrenome. Eu amei Nic, mas Penn tinha razão. Ele deixou seu diamante no lixão. E eu fiquei presa lá todos os dias, esperando que alguém me encontrasse. Eu lutei e me esforcei para ficar no topo da pilha de lixo. Mas, se não fosse por Penn, não tenho certeza se teria vivido o suficiente para conseguir escapar.

Um dia, eles teriam notado que eu roubava parte do dinheiro.

Um dia, os esquemas de Marcos teriam dado errado.

Um dia, Dante não teria parado.

E, um dia, eu seria morta, deixando meus diamantes – River e Savannah – naquele lixão também.

Em vez disso, encontrei um homem lindo que amava a mim e às minhas meninas incondicionalmente e que me deu um sobrenome do qual eu poderia me orgulhar. E então, dois anos depois, ele deu à nossa filha, Hope, seu sobrenome também.

Uma vez, eu disse que nada havia me decepcionado, me quebrado ou me destruído tanto quanto a esperança. Mas isso foi antes de me casar com Penn. A esperança já não parecia algo impossível. Parecia o futuro, e

foi exatamente isso que aquela garotinha deu a todos nós. Ela tinha oito anos agora, meus olhos azuis, o cabelo castanho do pai e *toda* a postura de River. Ela também tinha um lindo quarto cor-de-rosa, uma cama quente e nem uma única fechadura na porta do quarto.

— Mãe — River chamou, lutando com o zíper. — Você pode me trazer uma pinça? Talvez dê para usar aqui.

Corri para o meu kit de emergência de mãe da noiva e encontrei três pares diferentes — sabe como é, só por via das dúvidas. Então eu as levei para ela.

Nos primeiros anos antes de Hope nascer, River alternava entre me chamar de Cora e de mãe. Era aleatório o motivo ou quando me chamaria de mãe. Não era como se ela tivesse que esconder mais. Mas assim que Hope teve idade suficiente para falar, nunca mais fui Cora. E só ali percebi o quanto perdi ao deixá-la me chamar de Cora por todos aqueles anos. Mas não mais. Eu era mãe. Apenas mãe.

Houve um estalo antes que o vestido de Savannah cedesse.

— Ai, meu Deus, o que foi isso? — ela gritou.

— Ah, merda — River soltou, levantando o fecho do zíper preso na ponta da pinça.

— O que você fez? — Savannah gritou.

Minhas filhas ainda brigavam como gatos e cachorros e se amavam como irmãs, mas estavam todas crescidas agora.

River tinha 23 anos, fazia faculdade, morava em um apartamento do outro lado da cidade e se tornaria uma designer. Ela ainda não trouxe um namorado para casa, mas não tentou esconder o anticoncepcional, havia deixado a cartela no balcão do banheiro, então eu sabia que eles existiam. Provavelmente porque ela aprendeu com os erros de Savannah e aprendeu a respeitar a veia que saltava na testa de Penn.

Savannah conheceu um cara em seu primeiro ano na Universidade de Washington. Ele parecia um bom rapaz para mim, mas Penn queria quebrar o cara em dois por conta de seus jeans sujos e cabelos longos que pediam por um pouco de água e sabão. Por sorte, aquele cara fez merda com ela. Obviamente, essa não foi a sorte. De coração partido, ela se concentrou em seus trabalhos de faculdade e acabou se apaixonando pelo arrojado assistente de seu professor, Matthew Lintz. Quer dizer, eu não podia culpá-la. Ele era um garoto bonito. O problema era que Matthew não era realmente um garoto — ele era um estudante de 22 anos que iria para a pós em odontologia no outono. O que, ei, que bom para ele. Ambos estavam na faculdade, então eu estava bem com isso. Penn, no entanto, queria quebrar o sujeito em dois por conta de sua calça

cáqui e seu corte de cabelo formal.

No final da história, o professor descobriu. Matthew quase foi expulso e acabou trocando de faculdade no último semestre antes de se formar.

No final verdadeiro da história, estávamos todos em uma igreja, o zíper do vestido de Savannah, fechado quase pela metade, ficou preso e agora estava oficialmente quebrado. Tudo isso acontecendo vinte minutos antes de seu casamento com o já mencionado Matthew Lintz, doutor em odontologia.

Sério, esse pessoal não conseguia fazer *nada* sem ser dramático.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus — Savannah chorou.

— Eu disse que você deveria ter escolhido aquele com o espartilho — River reclamou.

Oh! E Savannah estava grávida. A notícia veio um ano após o noivado e apenas três semanas antes do casamento, daí a única razão pela qual o doutor Matthew Lintz ainda estava vivo e não enterrado no meu quintal enquanto as botas enlameadas de Penn eram escondidas em algum lugar da casa.

— Ok, acalme-se. Eu arrumo. Não é grande coisa. — Eu *não* tinha como arrumar aquilo, e era, sim, grande coisa, mas eu era boa para lidar com situações de crise.

Peguei as pinças, tirei um pedaço de metal delas e as apertei bem na ponta do zíper.

— Ok, prenda a respiração por um segundo.

— Estou prendendo!

River riu.

— Ok, então diga a sua cria demoníaca para prender também. Alguém pode, por favor, buscar o papai? Ele vai saber como consertar isso.

Savannah nunca tinha chamado Penn de nada além de papai novamente. No começo, ela tinha feito isso para provocá-lo. Então, os meses se transformaram em anos, e ela passou a chamá-lo assim para irritá-lo. Então ela começou a fazer isso porque acho que desejava que fosse verdade. Levando em conta seu passado, era fácil entender por que se apegou tanto a Penn. E, zero surpresa, Penn tinha se apegado de volta.

River caminhou até a porta e a abriu.

— Penn, sua majestade precisa de sua ajuda.

— Ela está vestida? — ele perguntou cautelosamente.

— É, hm... meio que ela precisa de ajuda. Mas, não, ela não está nua. Entre.

Fazia mais de uma década desde que ele entrou pela primeira vez pela porta do meu apartamento, mas eu ainda sentia calafrios quando Penn entrava em uma sala – o terno cinza que estava vestindo também foi um acalento às vistas.

Nós éramos pessoas diferentes agora. E Penn não estava errado. Diferente não era ruim.

Penn tinha voltado a investir em imóveis, trabalhando com algumas novas construções ao longo do caminho. E eu me formei na faculdade e comecei a trabalhar como sua contadora. Saí de licença-maternidade quando tive Hope, e quatro anos depois, parei completamente quando Shane nasceu. Aquele garotinho parecia exatamente o pai. Sem brincadeira, a criança já nasceu carrancuda. Enquanto Hope sempre foi tagarela antes mesmo de saber falar, Shane era quieto e estoico, sempre observando o mundo ao seu redor.

— Ei, baby, o que está acontecendo...? Ah, minha nossa. — Seus olhos arregalaram quando ele olhou para o vestido de noiva branco sem alças. Era de muito bom gosto e bastante clássico, então nem mesmo o Penn superprotetor poderia encontrar algo para reclamar.

Eu nunca tinha visto Penn chorar. Mas naquele momento ele estava dominado pela emoção, definitivamente. Ele deu umas risadas e uns sorrisos bem grandes, a ponto de começar a lacrimejar, quando Hope e Shane nasceram. Mas com Savannah foi diferente. Ela nunca tinha sido um bebê, mas era sua primeira filha a usar um vestido de noiva.

— Jesus — ele soltou, esfregando a bochecha. — Você está linda.

Ela desmoronou quando ele a puxou para um abraço.

— Meu vestido está arrebitado.

— Sem choro. Sua maquiagem vai derreter! — disse a ela enquanto saía para pegar um lenço de papel.

Quando voltei, Penn já estava cuidando do vestido.

— Ah, está tudo bem. Não está quebrado. Eu arrumo. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou algum tipo de ferramenta multiuso. — Preciso de um grampo de cabelo, uma bala de hortelã e um bilhete de jogo de hóquei.

— Desculpa, é o quê?

— Foi uma piada, Cor. — Ele acenou para mim enquanto se inclinava para pegar o pedaço quebrado do zíper do chão. Ele o prendeu de volta no vestido, deu um puxão forte e fechou o resto do vestido como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Pais costumam ser bons nessas coisas.

— Oh, graças a Deus — Savannah soltou, levando a mão ao coração.

Ela se virou, deu um beijo na bochecha de Penn e foi para o banheiro, gritando para River: — Tenho que fazer xixi! É seu dever segurar meu vestido.

River gemeu.

— Você colocou o vestido há dez segundos. Por que não fez xixi antes? Eu não vou segurar a droga do seu vestido. — Mas ela disse isso enquanto ia atrás de Savannah, sem dúvida seguraria a droga daquele vestido.

Meu marido roubou minha atenção ao encostar os lábios no meu pescoço.

— Não tenho certeza se a mãe da noiva deveria ser tão gostosa.

Eu ri.

— Não tenho certeza se a mãe da noiva deveria ter trinta e nove anos e ser uma futura avó também.

Suas mãos encontraram meus quadris e ele me puxou contra a parte, da frente para seu corpo.

— Não me lembre que ela vai ter um bebê se você quer que essa cerimônia termine sem que eu castre o Matthew.

Eu sorri, o calor de Penn me envolvendo.

— Verdade ou mentira.

— Verdade — ele sussurrou, inclinando-se para apoiar a testa na minha.

— Verdade: você fez isso. Ela estar aqui. Feliz. Saudável. Indo se casar com um bom homem, que eu realmente acredito que será um pai *quase* tão bom quanto ela será uma boa mãe. Você fez isso, Penn. Eu te amo por muitas razões. Mas hoje, a vendo desse jeito, eu te amo especialmente por isso.

Seus olhos suavizaram.

— Querida, *você* fez isso. Eu, você, Savannah, River, Hope, Shane. Todos nós temos uma vida boa porque você nunca desistiu de lutar pela *sua*.

Senti vontade de chorar, então estendi a mão e peguei o colar de lua que ele colocou no meu pescoço no dia em que chegamos em Seattle. River usava minha estrela agora — não porque Penn me pediu para tirá-la, mas porque foi nesse momento que percebi que menti para Nic quando disse a ele que só desejava ter ele e as estrelas.

Tudo que eu sempre quis foi a lua.

Penn ainda estava tão lindo quanto no dia em que o conheci.

Sua presença poderosa ainda se espalhava por toda parte.

Sua pele ainda estava bronzeada, e seu cabelo castanho curto ainda era rico em manchas naturais de mogno e castanho, como se trabalhasse ao sol.

Ele ainda tinha o nariz de um gladiador romano, distinto e ligeiramente torto da batalha.

Sua mandíbula ainda era composta de ângulos retos e majestosos mascarados por uma espessa camada de barba.

E as tatuagens pretas intrincadas ainda percorriam seus braços até as costas de suas mãos.

Mas uma coisa havia mudado nele.

Os olhos de Penn não eram mais de um azul pesado – profundos e vazios.

Agora os olhos de Penn eram na verdade da cor da liberdade.

Para nós dois.

Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo em seus lábios.

— Verdade: eu te amo, Penn.

— Verdade: eu sempre vou te amar, Cora.

FIM



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:



TIKTOK: <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/AllBookEditora>

INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/allbookeditora/>

TWITTER: <https://twitter.com/AllBookEditora>

YOUTUBE: <https://www.youtube.com/@allbookeditora>



Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.

<https://www.allbookeditora.com/newsletter>